

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO - PPGCR

**A DISCRIMINAÇÃO DO POBRE EM TIAGO 2,1-7:
Uma análise exegética e sociológica**

Wendell da Cunha Lima

Goiânia
2017

WENDELL DA CUNHA LIMA

A DISCRIMINAÇÃO DO POBRE EM TIAGO 2,1-7:

Uma análise exegética e sociológica

Dissertação elaborada em cumprimento às exigências para apresentação na banca do curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Orientador: Prof. Dr. Joel Antônio Ferreira.

Goiânia

2017

L732d Lima, Wendell da Cunha

A discriminação do pobre em Tiago 2.1-7[manuscrito]:
uma análise exegética e sociológica/ Wendell da Cunha
Lima.-- 2017. 141 f.; 30 cm

Texto em português com resumo em inglês
Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto
Sensu em Ciências da Religião, Goiânia, 2017
Inclui referências f.135-141

1. Tiago - Maior, Apóstolo, Santo. 2. Discriminação.
3. Pobres. 4. Riqueza. I.Ferreira, Joel Antonio. II.Pontifícia
Universidade Católica de Goiás. III. Título.

CDU: 27-248.76(043)

**A DISCRIMINAÇÃO DO POBRE EM TIAGO 2,1-7: UMA ANÁLISE
EXEGÉTICA E SOCIOLÓGICA**

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aprovada em 22 de março de 2017.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Joel Antônio Ferreira / PUC Goiás (Presidente)



Prof. Dr. Valmor da Silva / PUC Goiás



Pro. Dr. Claudé Valentin René Detienne / UEG

Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros / PUC Goiás (Suplente)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me apresentar a oportunidade de observar meu reflexo nos marginalizados, pobres e discriminados.

À minha querida e amada esposa, Tina, porque sem a devida compreensão, ajuda, correção, leitura e, principalmente, amor, não iniciaria e tampouco chegaria ao fim desta etapa da vida.

À minha filha, Sophia, por tentar entender o meu tempo investido durante a construção da presente pesquisa e por ser a melhor filha que um pai pode ter.

À Jacinta Alves de Lima, em cuja companhia de viagem entre Brasília a Goiânia, sobravam palavras de incentivos e compartilhamento de fé, dificuldades e superações das dificuldades do mundo acadêmico, do sagrado e da vida.

Ao meu amigo, Alexandre Campos Coelho, meu professor e incentivador. Sem a sua generosidade, nunca teria logrado o desenvolvimento das linhas que se seguem.

Ao meu dileto orientador, professor Doutor Joel Antônio Ferreira, que mesmo sem saber, no primeiro dia de aula, me inspirou com sua paixão pelas Escrituras cristãs e me fez desejar conhecer mais do que eu pensava que conhecia.

Aos meus colegas do curso, que puderam dividir comigo suas companhias, seus conhecimentos e suas dúvidas.

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião (PPGCR) e seus docentes, que deram significativa e inestimável contribuição ao meu aprimoramento acadêmico.

“Porque, se alguém é ouvinte da palavra e não praticante assemelha-se ao homem que contempla, num espelho, o seu rosto natural; pois a si mesmo se contempla, e se retira, para logo se esquecer de como era sua aparência. Mas aquele que considera, atentamente, na lei perfeita, lei da liberdade, e nela persevera, não sendo ouvinte negligente, mas operoso praticante, esse será bem-aventurado no que realizar”.

Tiago 1:23-25

RESUMO

LIMA, Wendell da Cunha. **A discriminação do pobre em Tiago 2.1-7**: uma análise exegética e sociológica. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/GO), Goiânia, 2017.

O presente estudo tem por objetivo analisar a questão da discriminação do pobre na epístola de Tiago, capítulo 2,1-7, evidenciando o significado e a força da mensagem antidiscriminatória ali remetido aos destinatários. No texto, um pobre com roupas sujas e um homem com anel de ouro e roupas finas ingressam em um ambiente religioso. O pobre é discriminado por sua aparência e condição social, enquanto o rico é tratado com favoritismo. A discriminação do pobre é analisada em duas perspectivas de investigação, quais sejam: 1) as relações sociais da época; e, 2) a exegese do texto, acarretando na construção de uma proposta hermenêutica para a narrativa pesquisada. Concluiu-se que o texto de Tiago detém um forte ambiente conflitual socioeconômico, onde se faz presente o uso de expressões simbólicas sociais e religiosas conexas que demonstram uma mensagem contextualizada, intencional, clara, estruturada, além de denunciar a discriminação do pobre, convidando os leitores para uma mudança de postura e realidade a favor do discriminado em situação de pobreza, tendo por base a experiência religiosa.

Palavras-chave: Discriminação. Pobre. Rico. Tiago.

ABSTRACT

LIMA, Wendell da Cunha. **The discrimination of the poor in James 2.1-7: an exegetical and sociological analysis.** 2017. Dissertation (Master of Religious Science) – Stricto Sensu Post-Graduation Program in Religious Science, Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/GO), Goiânia, 2017.

The present study aimed to analyze the issue of discrimination of the a poor man in the Epistle of James, chapter 2,1-7, evidencing the meaning and strength of the anti-discriminatory message sent to the recipients. In the text, a poor man in dirty clothes and a man with a gold ring and fine clothes enter a religious environment. The poor man is discriminated against by their appearance and social condition, while the rich is treated with favoritism. The discrimination of the poor man was analyzed in two research perspectives, which are: 1) the social relations of the time; and, 2) the exegesis of the text, leading to the construction of a hermeneutic proposal for the narrative researched. It was concluded that the text of James has a strong socioeconomic conflict environment, where the use of symbolic social and religious expressions that demonstrate a message contextualized, intentional, clear and structured, in addition to denounce the discrimination of the poor man, inviting the readers for a change of posture and reality in favor of the discriminated in situation of poverty, on the basis of religious experience.

Keywords: Discrimination. Poor. Rich. James.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 O AMBIENTE DE TIAGO: ANÁLISE SOCIOLÓGICA	18
1.1 O PROBLEMA DA AUTORIA, DATA E LOCAL	19
1.1.1 A identidade do autor	19
1.1.2 As incertezas quanto à data e o local da escrita	21
1.1.3 A identificação do autor, da data e a localização da epístola	22
1.2 OS DESTINATÁRIOS E A MENSAGEM	23
1.2.1 As doze tribos na diáspora	23
1.2.2 A composição da(s) mensagem(ns)	25
1.3 OS MARGINALIZADOS SOB O IMPÉRIO ROMANO	26
1.3.1 Povos dominados e subjugados	26
1.3.2 Grupos marginalizados	27
1.3.2.1 Os pobres	28
1.3.2.2 Os camponeses	29
1.3.2.3 As mulheres e a família	29
1.3.2.4 Os escravos	30
1.3.3 O contexto religioso	31
1.3.4 A situação dos marginalizados	32
1.4 LEITURA SOCIOLÓGICA PELO MODELO CONFLITUAL	33
1.4.1 A insuficiência de bens materiais	35
1.4.2 A concentração de riqueza	37
1.4.3 Diferença entre classes sociais e a relação de dominação e submissão ..	38
1.4.4 Outros fatores motivadores de conflito	41
2 ANÁLISE EXEGÉTICA DE TIAGO 2,1,7	44
2.1 TRADUÇÃO DE TIAGO 2,1-7	45
2.1.1 Texto grego de Tiago 2,1-7	45
2.1.2 Texto literal de Tiago 2,1-7 (TTL)	46
2.1.3 Tradução da Almeida Revista e Corrigida (TARC)	46
2.1.4 Tradução da Nova Versão Internacional (TNVI)	47
2.1.5 Tradução da Bíblia de Jerusalém (TBJ)	48
2.1.6 Análise das traduções	48
2.1.6.1 Tiago 2,1	48

2.1.6.2 Tiago 2,2.....	52
2.1.6.3 Tiago 2,3.....	54
2.1.6.4 Tiago 2,4.....	56
2.1.6.5 Tiago 2,5.....	58
2.1.6.6 Tiago 2,6.....	59
2.1.6.7 Tiago 2,7.....	60
2.2 CRÍTICA TEXTUAL	61
2.2.1 Apresentação do texto com a sigla para suas variantes	62
2.2.2 O aparato crítico e sua decodificação	63
2.2.2.1 Versículo 2,1	63
2.2.2.2 Versículo 2,2.....	63
2.2.2.3 Versículo 2,3.....	64
2.2.2.4 Versículo 2,4.....	65
2.2.2.5 Versículo 2,5.....	66
2.2.2.6 Versículo 2,6.....	67
2.2.2.7 Versículo 2,7.....	68
2.2.2.8 Conclusão.....	68
2.3 ANÁLISE LITERÁRIA	70
2.3.1 Delimitação do texto	71
2.3.1.1 Limites na perícope de 2,1-13	73
2.3.1.2 A perícope anterior (1,22-27).....	74
2.3.1.3 A perícope posterior (2,14-26).....	74
2.3.1.4 Limites na perícope de 2,1-7 e perícope anterior	75
2.3.1.5 A perícope posterior (2,8-13).....	75
2.3.1.6 Resumo da delimitação do texto.....	75
2.3.2 Estrutura de Tiago 2,1-7.....	75
2.3.2.1 Subdivisão	76
2.3.2.1.1 Primeira subdivisão	77
2.3.2.1.2 Segunda subdivisão	77
2.3.2.1.3 Terceira subdivisão	77
2.3.2.1.4 Quarta subdivisão	77
2.3.2.1.5 Esquematização da estrutura.....	78
2.3.2.2 Estrutura simétrica concêntrica.....	79
2.3.2.2.1 Análise da estrutura simétrica	80

2.3.2.3 Expressões repetidas e relação de contraposição	85
2.3.2.3.1 Palavras repetidas	85
2.3.3 Uso de fontes escritas	86
2.3.3.1 Possíveis relações da epístola com fontes externas	87
2.3.3.2 O uso das fontes no texto dos vv. 1-7	88
2.4 ANÁLISE DA REDAÇÃO	89
2.5 ANÁLISE DAS FORMAS.....	90
2.5.1 Gênero do escrito.....	90
2.5.1.1 Carta ou epístola	90
2.5.1.2 Carta “literária”	91
2.5.1.3 Escritos sapienciais	91
2.5.1.4 Estilo parenético	91
2.5.1.5 Diatribe	92
2.5.1.6 Simbulêuticos	92
2.5.2 Gênero literário.....	92
2.5.3 A intenção da comunicação e suas formas de expressão	93
2.5.3.1 Pertencer ao próprio grupo dos destinatários.....	95
2.5.3.2 Associar os destinatários como discriminadores de forma indireta	95
2.5.3.3 Amenizar o caráter conflitual do texto pela afetividade.....	96
2.5.3.4 Criar um ambiente judicial	97
2.5.3.5 Dissociação de noções.....	97
2.6 ANÁLISE DO CONTEÚDO	98
2.6.1 Advertência aos destinatários para não serem parciais com as pessoas (v.1).....	100
2.6.1.1 A possível tensão entre Tiago e os leitores	100
2.6.1.2 A parcialidade e a fé	101
2.6.2 Caracterização da parcialidade: a cena do rico e do pobre (v.2,3)	104
2.6.2.1 Entrada do rico e do pobre na sinagoga: caráter, sentido e aparência (v.2)	105
2.6.2.1.1 Caráter judicial da cena.....	105
2.6.2.1.2 Sentido da sinagoga.....	106
2.6.2.1.3 Grupos sociais representados, aparência do rico e do pobre	107
2.6.2.2 Convite para o rico e o pobre tomarem lugar: a posição no espaço (v.3)	109

2.6.3 Revelação e acusação de discriminação (v.4)	112
2.6.4 A comparação das atitudes (v.5-7).....	114
2.6.4.1 A atitude de Deus em relação aos pobres (v.5).....	114
2.6.4.2 A atitude dos destinatários em relação ao pobre (v.6a).....	116
2.6.4.3 A atitude dos ricos em relação aos destinatários (v.6b-7)	116
3 UMA PROPOSTA DE SENTIDO PARA O TEXTO DE TIAGO 2,1-7	119
3.1 ORIENTAÇÃO, DESORIENTAÇÃO E REORIENTAÇÃO	120
3.2 EXPRESSÕES SIMBÓLICAS	121
3.3 INVERSÃO DA REALIDADE.....	122
3.4 UMA PROPOSTA DE SENTIDO.....	123
3.4.1 Opressões sociais: o símbolo viabilizado pelo imaginário jurídico	124
3.4.2 Desorientação e crítica: expressões simbólicas agrupadas.....	126
3.4.3 Inversão de realidade e reorientação: a escolha de Deus	129
CONCLUSÃO	132
REFERÊNCIAS.....	135

INTRODUÇÃO

A discriminação do pobre e a conseqüente exclusão social são fatores de relevância tanto na atualidade quanto na época originária da epístola de Tiago no Novo Testamento. Tal situação é passível de verificação quando o Estado estabelece políticas públicas de atenção àqueles em situação de pobreza e socialmente excluídos. Neste sentido, a sociedade civil se organiza para combater o preconceito e a discriminação, e as instituições acadêmicas produzem o fundamento teórico sobre a temática em questão.

Embora a discriminação e a pobreza sejam objetos de importância, preocupações e intervenções contemporâneas, as evidências históricas apontam que a humanidade esteve sempre intimamente ligada à ideia da distinção e discriminação entre grupos sociais, ainda que nas sociedades mais homogêneas e simples. Porém, tal “situação foi fortalecida à medida que as sociedades foram se tornando mais complexas” (COSTA, 2005, p. 247).

Nesta perspectiva, a presente pesquisa trouxe para o exame a mensagem exposta na passagem de Tiago 2,1-7. No texto em questão, um pobre vestindo roupa suja e um homem com anel de ouro e roupas finas ingressam em uma reunião religiosa. O homem aparentemente rico é abordado com atitudes de favoritismo, enquanto o pobre é tratado com discriminação por sua aparência e condição social.

Assim, o objetivo da presente dissertação é analisar e investigar a questão da discriminação do pobre, de modo crítico, exegético e sociológico, evidenciando o significado da mensagem no ambiente sociorreligioso do Império Romano, bem como trazer à tona os elementos sociais relacionados às expressões religiosas encontradas no texto, tendo em vista uma hermenêutica que se aproxime da realidade e intenção da mensagem de Tiago.

Para tanto, fez-se essencial analisar os aspectos sociais e exegéticos daquele texto na construção de uma proposta hermenêutica que reflita o objetivo da pesquisa. A análise de tais aspectos e a interpretação decorrente tendem a alcançar uma conexão com a contemporaneidade, em uma temática tratada com o necessário interesse nos âmbitos sociais e religiosos, podendo, assim, contribuir para os leitores atuais, na tarefa de confrontar mais atentamente a enunciação textual com as aplicações práticas na sociedade e nos ambientes religiosos dos dias de hoje.

Sob os aspectos religioso e social, através da visão de mundo e por intermédio da experiência com o sagrado os indivíduos podem ser incentivados a compartilhar, incluir e denunciar a discriminação ou, por pior que seja, validar tal ação dos indivíduos. Do mesmo modo, o escrito religioso ou a literatura sagrada tem fundamental participação na dinâmica da sociedade e nos relacionamentos sociais.

Assim, a "sacralização da letra da escritura como testemunha fiel da palavra de Deus" possibilita fomentar a percepção de realidade, inspirar a construção de mundo, subjugar etnias e legitimar as relações de poder (GEFFRÉ, 2004, p. 88). A experiência do sagrado no ambiente sociocultural, através da escritura sagrada, possui substancial importância na compreensão do papel assumido pelo indivíduo na sociedade.

Nas linhas que se seguem, o texto de Tiago é analisado no entendimento de que, um escrito ao longo do período histórico e da experiência religiosa, pode sofrer vários processos de interpretação. Porém, tem-se uma realidade exegética e sociológica que deve ser atendida em qualquer processo de atualização e contextualização da mensagem.

A propósito, ocorre o fato de que a epístola de Tiago, como escritura sagrada do Cristianismo, foi negligenciada dentre os documentos do Novo Testamento. Sendo um dos textos mais antigos, tornou-se objeto de discussão entre variados grupos de cristãos, principalmente sobre sua canonicidade e inspiração bíblica (MALY, 1966, p. 9).

Tal escrito parece ter sido pouco citado na liturgia eclesiástica e um dos menos estudados na academia. Na época da Reforma Protestante foi chamado por Martin Lutero de uma autêntica "carta de palha", apontado por "não possuir uma índole evangélica" (JUNGHANS, 2001, p. 9). Também foi relegado à disputa teológica sobre a justificação pela fé da teologia paulina e a justificação pelas obras atribuídas a Tiago (MOO, 1990, p. 15-19).

O problema surge quando esses e outros processos interpretativos que influenciam e secundarizam, deixam de evidenciar a discriminação em relação ao pobre denunciada pelo texto de Tiago 2,1-7 com a mesma força que a sua mensagem parece ter sido intencionada aos seus destinatários.

Neste sentido, faz-se importante questionar: quais são as situações que o texto da epístola deixa transparecer que são vivenciadas pelos leitores originais? E o

que o escrito revela a respeito do ambiente social dos destinatários, que evidencia a importância dessa mensagem antidiscriminatória em relação ao pobre?

Tal conjuntura traz à tona a hipótese de que a mensagem emprega com intensidade a denúncia da discriminação, afirmando existir uma exortação de atenção aos pobres na comunidade cristã originária. Igualmente, a denúncia reflete os conflitos sociais que a sociedade em geral e os destinatários da mensagem estariam experimentando em sua época.

Ainda sob tal hipótese, é possível afirmar que, mais do que uma coleção de exortações e instruções morais gerais, o texto de Tiago é composto de argumentos construídos com base em situações específicas inter-relacionadas com seu ambiente social e intencionalmente estruturado na sua constituição, em prol do objetivo de sua mensagem.

Apesar dos variados processos de interpretação, sempre o escrito sagrado se origina em um contexto sociológico. Este é passível de tensão, conflito, divisão e crise. Parte de um aspecto ativo da sociedade e contempla os interesses dos grupos e das pessoas. Tais situações são reconhecidas como fatores permanentes da sociedade (FERREIRA, 2011, p. 49).

É no contexto em questão que a análise da discriminação do pobre em Tiago também foi construída, a partir de uma leitura e análise sociológica conflitual. Onde esse tipo de análise “procura compreender a fundo toda realidade material e concreta que os textos pressupõem dentro da qual surgiram e se formaram” (WEGNER, 1993, p.3). Assim, nas contradições, tensões e conflitos que se manifestam diante das explorações, transparece o dinamismo da sociedade e da vida por trás da dinâmica social (GORGULHO; ANDERSON, 1987, p. 6-10).

Essa análise torna-se fundamental, pois a epístola de Tiago é compreendida como uma coleção de exortações que passa rapidamente de uma ideia a outra (MALY, 1966, p. 9-11), e talvez mais do que os escritos paulinos desenvolvidos de forma argumentativa. Na análise de Tiago, é condição necessária investigar e aproximar o seu ambiente social originário, a fim de entender o impacto e a relação do texto nesse mesmo ambiente a época do escrito.

Semelhantemente, a análise exegética remete a explicação e interpretação para o esclarecimento do texto pesquisado. Trata-se da exploração dos detalhes textuais, de modo que prevaleça a transparência e a compreensão do seu significado, com o objetivo de permitir que a mensagem da discriminação com o

pobre “possa ser ouvida na intenção que o texto teve em sua origem” (WEGNER, 2002, p. 11-13).

Ademais, as percepções de fatores sociais fazem uso de aspectos linguísticos e históricos – importantes para a realização de uma releitura e uma minuciosa interpretação da origem textual sob a análise exegética e sociológica, podendo-se assim perceber aspectos enigmáticos a partir da perícope de Tiago, confrontando mais atentamente suas enunciações com a aplicação prática na sociedade (BECQUET et al., 1991, p. 11-12).

Não somente realizar a investigação e as análises concernentes foi ação importante para se atingir o objetivo da presente pesquisa, mas também uma inter-relação entre a exegese do texto, o ambiente social e uma hermenêutica extraída da perícope. Acrescente-se que, à primeira vista, a carta de Tiago “parece em perfeita consonância com uma questão muito atual: a relação fé e vida em sociedade” (BECQUET et al., 1991, p. 7).

Assim, tem-se na dinâmica da pesquisa a análise sociológica fundamentada no ambiente social da comunidade destinatária da epístola, em justaposição com a mensagem do texto sob a análise exegética. Por conseguinte, tornou-se possível aproximar e evidenciar os detalhes da prática em relação à discriminação do pobre no contexto sociorreligioso de Tiago.

De modo a organizar as questões supracitadas e para responder o desafio de evidenciar a mensagem antidiscriminatória de Tiago, a presente dissertação foi estruturada de forma que se compreenda, no primeiro capítulo, de modo descritivo e investigativo, o possível contexto e o ambiente social da epístola, podendo perceber detalhes e símbolos significativos a partir da análise sociológica.

Em vista disso, verifica-se a data, a autoria, o local, a mensagem e os destinatários da carta, em prol da identificação do contexto e o ambiente social da epístola como um todo, destacando alguns grupos de marginalizados da época, bem como realizar uma leitura sociológica crítica pelo modelo conflitual, obtendo, assim, ferramentas para a percepção da dinâmica social e da dialética dos conflitos (FERREIRA, 2011, p. 48-49).

No segundo capítulo, também de modo descritivo e investigativo, fez-se uma análise da perícope de Tiago 2,1-7. Tal procedimento teve por objetivo investigar o texto específico de modo exegético, observando a tradução e a crítica do escrito em grego, as estruturas e os aspectos redacionais, formas e expressões literárias, além

da análise do conteúdo, utilizando como base o método histórico-crítico, para uma aproximação do sentido original do texto.

Tal esforço exegético e sociológico obtém valia para somar na compreensão e averiguar uma maior quantidade de elementos sociais e textuais. A pesquisa foi construída sob a análise do texto como uma unidade, isto é, a história do texto, da origem, da formação, da linguagem, das ideias, das formas, dos conceitos e sua mensagem e sociedade (KRÜGER; CROATTO, 1996, p. 11).

O terceiro capítulo, de modo propositivo, trouxe, na composição entre a análise exegética e a análise sociológica, a chave de conversão para uma proposta hermenêutica, tendo por base o emprego da estrutura de pensamentos caracterizados pelo padrão dialético de orientação, desorientação e reorientação, buscando refletir uma linguagem que permite fazer uso de uma proposta de inversão da realidade, caracterizadas pelas expressões simbólicas encontradas no escrito.

Ao final dessa dissertação teremos o primeiro e segundo capítulo construído de modo descritivo e investigativo e o terceiro de modo propositivo. Buscando uma importante visualização de como Tiago e a comunidade receptora da epístola se relacionam com o modo de vida e sociedade. A pesquisa buscou atentar-se para uma ação prática no tratamento da discriminação em relação ao pobre, no entendimento dos desafios que o texto aponta aos seus destinatários e que pode ecoar em nosso momento histórico e cultural.

1 O AMBIENTE DE TIAGO: ANÁLISE SOCIOLÓGICA

As religiões surgem dentro de um determinado ambiente sócio-histórico-cultural. A partir daí, é fundamental que se reconheçam os efeitos desse ambiente no modo com que os grupos de mesma fé enfrentavam os desafios de seu contexto à época em que viviam, no âmbito da experiência religiosa (SANCHES, 2004, p. 38; ARENS, 1997, p. 43-73).

A pesquisa pelo ambiente dos destinatários da epístola de Tiago fornece informações sobre as forças sociais nas quais podemos aproximar “a sociedade que está por *trás do texto* da sociedade que aparece dentro do texto”, em uma análise sociológica¹ que observa os lados econômico, social, político e ideológico (SILVA, 2009, p. 356-357).

Neste sentido, a fim de compreender o ambiente de discriminação em relação ao pobre em Tiago 2,1-7, faz-se importante a identificação das informações sobre data, autoria, local do escrito, mensagem e destinatários da epístola, bem como a situação dos marginalizados sob o contexto romano do século I – informações importantes para a investigação, uma vez que proporcionam a base para o reconhecimento do ambiente pesquisado. Assim, tem-se o entendimento adequado dos problemas comunitários, viabilizando a percepção dos fatores sociais e históricos relevantes para a análise do texto.

Na mesma linha, a leitura sociológica pelo modelo conflitual é fundamental para se extrair o enquadramento e a provável situação da comunidade. Logo, faz-se necessário a utilização das diversas passagens de epístola que devem ser analisadas sob a ótica do referido modelo.

Desta maneira, o ambiente vivido “procura ser compreendido a partir das várias dimensões que constituem o dinamismo da vida social, econômica, política, cultural, militar, jurídica, ideológica e, aí dentro, o religioso” (GORGULHO; ANDERSON apud FERREIRA, 2011, p. 29).

Na confluência dos fatores supramencionados, é preciso essa proximidade junto ao ambiente da epístola, a fim de perceber a situação real do mundo em que viviam os destinatários de Tiago, bem como os detalhes de uma sociedade que

¹ A análise sociológica é a interpretação dos textos bíblicos pela ótica do conflito, assim a intenção da mensagem está sob essa influência interpretativa dando visibilidade aos grupos inferiores ou inferiorizados dentro da história. (WEGNER, 1993, p.11,19)

parece ser complexa e contraditória com crescente divisão entre grupos sociais, prática de enriquecimentos e interpretações diferentes da vida em sociedade (BECQUET et al., 1991, p. 8).

1.1 O PROBLEMA DA AUTORIA, DATA E LOCAL

1.1.1 A identidade do autor

O autor é identificado no início da epístola pela expressão em grego “*Ἰακωβος, δουλος του Θεου και του Κυριου Ιησου Χριστου, [...]*” (1,1). O nome *Ἰακωβος*, que significa “Jacó”, latinizado *Iacobus*, transformou-se em Tiago. Ele aparece 42 vezes no Novo Testamento, fazendo referência a quatro personagens diferentes (MOO, 1990, p. 19).

Sobre o autor, não há como buscar com exatidão qual dos “Tiagos” citados no Novo Testamento seria o responsável pela epístola. Ali não se tem indícios concretos para uma exata afirmação sobre a autoria entre as diversas possibilidades sustentadas (BECQUET et al., 1991, p. 16). Mas, é preciso frisar que a possibilidade mais citada na identificação do autor de Tiago é que este seria o “irmão do Senhor” e líder da proto-igreja em Jerusalém – teoria geralmente aceita na Igreja e amparada por biblistas modernos (BROWN; FITZMYER; MURPHY, 2007, p. 667).

Outra possibilidade, também apoiada por uma maioria crescente de pesquisadores contemporâneos, é o argumento de que o autor da epístola explora um procedimento literário bem conhecido no mundo greco-romano e judaico: o pseudônimo (BECQUET et al., 1991, p. 16).

Para Tamez (1985, p. 21), não há consenso entre os eruditos sobre a paternidade literária de Tiago. Logo, na falta de um consenso e, pelas diversas possibilidades de escolhas sobre qual seria o “Tiago”, não há indícios seguros para a determinação da autoria encontrada nos textos do Novo Testamento.

Neste sentido, aquela autora resume seu posicionamento ao afirmar que:

[...] o autor, para nós, é um homem chamado Tiago, que se apresenta como servo do Senhor Jesus Cristo [...]. Trata-se de uma pessoa preocupada com o bem estar das comunidades cristãs oprimidas, e pelos pobres em geral [...] Num momento em que havia sofrimento e opressão (TAMEZ, 1985, p. 23).

Do mesmo modo, os elementos para afirmar que foi um pseudoautor o responsável pelo escrito não são substanciais para validar com segurança tal proposição, bem como as teorias a respeito de uma escrita tardia e acréscimos na carta original (MOO, 1990, p. 20). Portanto, é preciso destacar as características do escritor de Tiago encontradas no texto da epístola e que, conseqüentemente, podem trazer segurança para a formação do ambiente pesquisado.

A primeira característica se dá no fato do autor citar o nome de Tiago como “servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo” – o que indica que seja um Tiago bem conhecido pelos destinatários (CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 454). Tal indicação se dá tanto pela “simples” citação do nome, quanto pelo tom imperativo da epístola – o que sugere ser um dirigente que exercia autoridade proeminente na igreja cristã originária (BROWN; FITZMYER; MURPHY, 2007, p. 667).

Acrescente outra característica o fato de que parece que o Tiago de então é um cristão versado no helenismo proveniente do Judaísmo, conhecedor do Antigo Testamento, da espiritualidade do seu tempo e muito bem informado sobre a sociedade e as necessidades de seus irmãos na fé.

Sobre a questão, Maly (1966, p. 6) afirma que o autor revela, antes de tudo, uma mentalidade judia nas frequentes referências ao Antigo Testamento (1,1 e 1,18), mas também pode ser visto como um cristão – fato evidenciado pela proximidade de temas comuns da epístola com o sermão do monte.

O primeiro versículo ainda revela uma qualificação importante do autor: se apresenta como “escravo de Deus e do Senhor Jesus Cristo”. O termo que Tiago atribui a si mesmo e, que outros autores do Novo Testamento também fazem uso, é repleto de significação. Com o título de “escravo”, é realçada sua dependência, mas também seu prestígio e autoridade.

Ter a dita de servo de Deus é honrosa prerrogativa dos “grandes” de Israel (Davi, Moisés e Josué, por exemplo), uma vez que pertenciam a um amo de prestígio, e dele recebiam de volta glória e poder – ação que decorria pelo fato de Deus tê-los escolhidos para seus servos (BECQUET et al., 1991, p. 17).

Assim, o autor demonstra uma interação com a estrutura social do imaginário sobre a escravatura do mundo greco-romano (KNOCH, 1970, p. 18) e a integração com o mundo judaico do Antigo Testamento – o que pode servir de parâmetro para verificar a provável intencionalidade no texto em seu ambiente.

1.1.2 As incertezas quanto à data e o local da escrita

Sobre a data e o local da escrita, ocorrem também diversas incertezas, que poderiam ser sanadas se houvesse uma indicação concreta sobre a identidade do autor, uma vez que mais naturalmente seria possível determinar a datação e a localidade. Porém, do mesmo modo, encontram-se afirmações da inexistência de evidências que ajudem a determinar com precisão tais dados na epístola (MCNAB apud DAVIDSON, 1990, p. 1387).

Neste sentido, entre os eruditos que discutem o período da composição do escrito, existe a teoria de que a datação compreende o período entre 40 a.C até a segunda metade do século I. No que concerne à localidade, a discussão é pela escrita a partir ou de Jerusalém, Alexandria ou Antioquia.

Para aqueles que observam Jerusalém como o local da escrita, a designação está no período entre 60 e 70 a.C. Um argumento encontrado no texto que corrobora com o período supramencionado se dá na provável indicação do escrito ser posterior ao ensino sobre a fé e as obras de Paulo, pela possibilidade de fazer referência a esta (2,12) e antes da destruição de Jerusalém, tendo a própria cidade como pano de fundo (BROWN; FITZMYER; MURPHY, 2007, p. 668).

Outra suspeita sobre a importância de Jerusalém no evento tem por base os detalhes sobre o meio ambiente. De acordo com Moo (1990, p.35), várias alusões na carta, em especial, a referência sobre as “primeiras e últimas chuvas” (5,7), parecem confirmar a localização, uma vez que apenas ao longo da costa oriental do Mar Mediterrâneo é que as chuvas ocorrem nesta sequência.

Acrescente-se que algumas passagens revelam uma familiaridade que evidenciam aspectos da cultura da ‘polis’, como, por exemplo, as citações do azeite, vinhas e figos (3,12), bem como as referências gerais no texto sobre o sofrimento, a fé, o pobre e o rico (que oprime) – características do tipo de cidade que se enquadra a Jerusalém (MOO, 1990, p. 35).

Algumas considerações apontam para uma data no meio ou no fim da década de 40 e metade do primeiro século para a composição de Tiago. A favor da década de 40 e 50 estão: a identificação do período de severas convulsões econômicas; grande fome na Judeia, por volta do ano 46 (At 11,28); e, início de sérios levantes de ordem social, política e religiosa, que culminariam na guerra judaica de 66-70.

Tais circunstâncias encaixam-se no pano de fundo histórico de Tiago (DAVIDS, 1997 p. 24; MOO, 1990, p. 34). Assim, segundo Maly (1966, p. 6), têm-se muitos indícios na epístola para que seja um dos escritos mais antigos do Novo Testamento, sob o argumento de que as referências a Cristo são poucas, o que sugeriria um período primitivo de escrita.

Assim, em tal período, não havia sido formulada uma doutrina detalhada sobre Cristo, em resposta às heresias nascidas posteriormente. Seria de um tempo onde a organização hierárquica ainda não estava totalmente desenvolvida (PINTO, 2008, p. 512; MALY, 1966, p. 8).

1.1.3 A identificação do autor, da data e a localização da epístola

Os argumentos já apresentados são variáveis iniciais para a verificação do ambiente em uma abordagem sociológica da epístola, bem como a ponte entre a verificação e a comunicação com o texto. Assim, sobre a autoria, a data e local da escrita, a pesquisa tem as conclusões que se seguem.

Quanto ao Tiago autor da epístola, não foi possível identificá-lo com algum dos “Tiagos” que surgem entre as possibilidades apresentadas e tampouco com outra teoria exposta, pois, pela própria falta de argumentos sólidos, não há consenso e nem condições para assegurar com clareza um posicionamento autoral. Deste modo, foi preciso optar por obter do autor as características necessárias encontradas no texto para a identificação do ambiente da epístola.

Portanto, as possíveis características averiguadas junto ao autor da epístola de Tiago e que ajudaram (neste e nos capítulos posteriores) para uma tomada de parâmetro são:

- a) é alguém que exercia e arrega autoridade para si próprio (DIBELIUS, 1996, p.11-12, MAYNARD-REID, 1987, p. 540-541);
- b) tem estreitos pontos de contato com os ensinamentos de Jesus (KUMMEL, 1982, p. 534);
- c) era um judeu-cristão ambientado no período romano do primeiro século;
- d) conhecia bem o Antigo Testamento e a estrutura social da época; e
- e) conhecia as necessidades dos seus destinatários, bem como era conhecido pelos mesmos.

Em relação à data e à autoria, embora haja posições que indiquem uma falta de parâmetros para tal determinação, é evidente, pelos elementos textuais, que a epístola foi ambientada entre os anos 40 e 70 d.C. Do mesmo modo, pelas evidências textuais, tem-se por opção que o documento foi escrito da cidade de Jerusalém. Assim, tais identificações permitem reportar sociologicamente ao ambiente greco-romano do século I.

1.2 OS DESTINATÁRIOS E A MENSAGEM

1.2.1 As doze tribos na diáspora

Tiago endereça sua carta às “doze tribos dispersas entre as nações” (1,1). A descrição dá lugar a muitas conjecturas e, pela imprecisão no termo, tem-se aí uma designação ambígua. O autor pode ter escolhido a designação “doze tribos” para referir-se ao povo judeu como um todo, tanto cristãos como não cristãos, universalizando e fazendo do número doze um símbolo (12 tribos de Israel e 12 apóstolos).

É passível de consideração que, após o exílio de judeus para a Assíria e a Babilônia, a expressão fez referência ao Israel novamente unido e espiritualmente renovado que aparecerá nos últimos dias (BECQUET et al., 1991, p. 18; MOO, 1990, p. 32). Do mesmo modo, a palavra “dispersas” (*diaspora*) também permite várias interpretações.

A diáspora significa “espalhar” ou “dispersar”. O “termo era utilizado para descrever os judeus que viviam fora da Palestina entre os gentios”. Representava o lugar onde viviam os que estavam dispersos. Assim, como no caso das “doze tribos”, o termo “*diáspora*” tende ao sentido metafórico, caracterizando os destinatários como aqueles que vivem nesta terra, longe de sua verdadeira “pátria” celestial (MOO, 1990, p.32-33).

De acordo com Elliott (1981, p. 21), a palavra “dispersão” representa uma categoria social mais do que uma categoria teológica, fazendo referência às comunidades cristãs marginais da Ásia menor.

Para Kümmel (1983, p. 535), Tiago procura atingir um círculo mais amplo de leitores que não podem ser nitidamente definidos.

Becquet et al. (1991, p. 18) indicam que a carta dirige-se “a todos os cristãos, deixando, porém, de precisar onde vivem”. Mas do que foi exposto, é certo que a epístola de Tiago tinha destinatários concretos, bem como foi enviada a uma comunidade em particular. Se não fosse assim, não teria chegado até nós. Contudo, o autor também parece desejar que a carta ganhe termos universais, evitando designações mais precisas, fazendo uso de categorias genéricas, tais como: “irmãos” (1,2) e “um homem” (2,2) (BECQUET et al., 1991, p.18).

Maly (1966, p. 9-11) diz não ser possível determinar se Tiago tinha em mente uma comunidade particular. Pelo título, seria destinado aos cristãos do novo Israel. Brown, Fitzmyer e Murphy (2007, p. 667) reforçam a ideia de que os destinatários parecem ser de comunidades judaicas cristãs situadas fora da Palestina.

Pimentel (1998, p.73) acrescenta que a carta tem destinatários explícitos e outros implícitos. Ele se dirige “as doze tribos da dispersão”. Porém, não estaria dirigida a todos os judeus que viviam na diáspora, mas a todos os cristãos de origem judia dispersos no mundo greco-romano (PIMENTEL, 1998, p. 73).

Diante da compreensão exposta, a presente dissertação buscou entender que a carta foi escrita para um público específico, uma comunidade formada de cristãos judeus ou judeus-cristãos. Neste sentido, é possível evidenciar os destinatários pelas características cristãs nas referências diretas a Jesus Cristo (2,1) e, indiretamente, às bem-aventuranças (2,5).

Tem-se ainda que os destinatários sejam de origem judaica, uma vez que o autor remonta com vários elementos textuais a menção ao Antigo Testamento (1,25; 2,8-13), bem como faz uso de metáforas do Judaísmo, a exemplo do texto introdutório – onde se tem a citação das 12 tribos da dispersão. Faz uso também da sinagoga (2,2) como ambiente e local da reunião (CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 460).

Em suma, a comunicação entre o autor e os destinatários revela, através de elementos textuais, uma comunidade judaico-cristã receptora da mensagem. Tal identificação da comunidade colabora com o fato do autor ter sido identificado como conhecedor do seu ambiente social e da realidade dos seus leitores originais.

1.2.2 A composição da(s) mensagem(ns)

Em relação à mensagem da epístola, muitos comentaristas atentam para o fato de que Tiago não tem unidade clara e objetiva. Assim, não é possível identificar notadamente uma única mensagem para seus destinatários; nem mesmo os vários assuntos estão perceptivelmente relacionados com logicidade entre si, uma vez que são constituídos de parágrafos curtos, independentes e breves (MOO, 1990, p. 36).

Segundo Carson, Moo e Morris (1997, p. 453-461), tem-se uma diversidade de temas que parecem desconectados, com forte tom de exortação pastoral e grande frequência de imperativos. A carta se assemelharia a uma série de homilias sem muitos relacionamentos umas com as outras, passando rapidamente de um tema para o seguinte, às vezes, “dedicando um parágrafo ou mais a uma determinada mensagem” (CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 453-461).

Neste sentido, a epístola de Tiago seria uma coleção de pensamentos, livremente conectados em forma de conselhos, exortações, orientações e normas para prática de vida cristã, isto é, uma composição de várias mensagens destinadas aos judeus cristãos dispersos entre os gentios. Tais mensagens poderiam ser vistas nos seguintes temas e situações: provações e maturidade cristã, conflitos dentro da comunidade, motivação da obra humana, recompensa terrena, preocupação com os pobres e discriminados, duras palavras sobre a riqueza e autossuficiência, firmeza e constância em meio aos problemas.

Becquet et al. (1991, p. 10) encontram uma diretriz esquemática na carta através da repetição de determinados termos, tais como: caminho, pecado, engano, desvio, verdade, sabedoria, obras, discriminação, riqueza e pobreza, inconstância, perseverança, misericórdia, paz, o não possuir, justiça e outros.

Os eruditos concordam que existem inúmeros temas que parecem justapostos sem relação entre si. Porém, segundo Tamez (1988, p. 54), existem quatro mensagens distintivas na carta, a saber: 1) a comunidade cristã deve ser solidária; 2) amiga inseparável de Deus; 3) coerente, agir com coragem; e, 4) determinada em situações de risco.

Em geral, os estudiosos indicam uma diversidade de mensagens em Tiago. Porém, é possível entender que a aparente variedade pode ser consequência das preocupações apontadas no texto, possivelmente fruto de uma sociedade opressora e manipuladora da justiça, que faz parecer com que o escrito seja uma coleção de

exortações da vida prática. Neste sentido, nas linhas que se seguem, será possível perceber essa possibilidade nos reflexos do contexto comunitário judaico-cristão de tensões e conflitos, na leitura da sociológica conflitual, bem como em sua exegese.

No recorte de uma das mensagens da carta de Tiago (2,1-7) sob a temática da discriminação do pobre, é evidente que o autor dedica à perícopie um assunto único e relativamente extenso quando comparado a toda a epístola. A mesma temática percebe-se em outras mensagens da carta, mesmo de forma indireta. Assim, é possível entender um eixo de sentido extenso na mensagem do rico do pobre e discriminados sob a influência do ambiente da época.

Na construção do ambiente, tem-se até aqui um autor bem conhecido e conhecedor da estrutura social do período romano do século I. Sendo um judeu-cristão, escreve para judeus-cristãos, fazendo uso do ambiente vivido e do texto como forma de comunicação para o alcance de sua(s) mensagem(ns) de conselhos, exortações, orientações e normas para prática de vida, à vida dos seus destinatários.

1.3 OS MARGINALIZADOS SOB O IMPÉRIO ROMANO

A percepção da situação real em que se estabeleciam as relações do grupo de Tiago passa pelo entendimento de como viviam os marginalizados e, conseqüentemente, os pobres no ambiente sociorreligioso greco-romano² do século I – expresso sob o sistema de dominação, hierárquico de repressão e controle social de cunho escravagista, patriarcal e clientelista. Assim, o Império Romano, tinha pleno domínio sobre tudo e todos os indivíduos e povos conquistados, culminando no “contexto dentro do qual foram vivenciadas e elaboradas as experiências de fé narradas no Novo Testamento” (REIMER, 2006, p. 73).

1.3.1 Povos dominados e subjugados

Horsley (2004, p. 27) afirma que Roma estabelecera uma “nova ordem mundial” na exploração dos povos subjugados e na pacificação final do mundo dominado, que era expressa em atitudes políticas e práticas que levaram a

² O horizonte pelo qual se desenvolve e para o qual se movimenta o Cristianismo primitivo é claramente o helenístico-romano. Cf. Nogueira (2010, p. 20).

estruturação da *pax romana* para aqueles que detinham poder e privilégios. Porém, para os povos dominados, era algo percebido como uma “nova desordem mundial fragmentadora, desorientadora e até devastadora” (HORSLEY, 2004, p. 27).

Roma ridicularizava o modo de vestir dos partos, conceituavam os “orientais” como decadentes, covardes e dominados, e ainda consideravam os sírios e os judeus úteis apenas para serem escravos. E mesmo admirando a cultura grega, viam os próprios gregos como indivíduos erráticos e desprezíveis (HORSLEY, 2004, p. 27).

Do mesmo modo, faziam questão de deixar registrados seus feitos de domínio sobre os povos em inscrições e moedas, demonstrando a dominação global e econômica que lhes possibilitava a extração de mercadorias e tributos para sustento militar e para pacificar, através de “pão e circo”, as massas romanas. Na Palestina, a brutalidade começou logo depois da conquista romana inicial em 63 a.C., e continuou durante dois séculos.

Na ocasião do cerco romano de Jerusalém pelo fim da grande revolta, o general Tito ordenou que os pobres que fugissem fossem capturados, açoitados e submetidos a torturas de toda espécie. Os atos de dominação, brutalidade e vingança devem ter afetado diretamente aqueles povos, o que pode ter deixado um trauma coletivo na população, com a escravidão e morte de dezenas de milhares de pessoas (HORSLEY, 2004, p. 35).

1.3.2 Grupos marginalizados

A fim de refletir o contexto discriminatório dos marginalizados no período em que o texto da epístola de Tiago deve ter sido preparado, escrito e circulado, faz-se importante destacar alguns grupos dentro da realidade social e econômica do contexto dominador romano.

Apesar de reconhecer a existência de outros grupos alvos da marginalização no contexto pesquisado, as linhas que se seguem buscaram retratar os pobres, os camponeses, as mulheres e a família, e os escravos – grupos marginalizados empobrecidos ou suscetíveis ao empobrecimento dado o contexto social. Assim, tem-se aqui um breve levantamento de informações sobre cada grupo, onde, pela necessidade do texto e da pesquisa, alguns destes serão revisitados, detalhados e comentados.

1.3.2.1 Os pobres

A maioria da população e, inclusive, os cristãos mencionados no Novo Testamento eram pobres, isto é, eram indivíduos que precisavam trabalhar para sobreviver, porém, havia aqueles que tinham que mendigar para subsistir – alvos de discriminação e tratados como pessoas ociosas e desonradas, que recebiam o desprezo da sociedade.

Sobre aqueles dois tipos de pobres, Reimer e Reimer (2011, p. 192) afirmam e destacam as condições sociais de pobreza atrelados aos termos “*ptochós*” e “*penétes*” utilizados no Novo Testamento. Sobre os *ptochós*, aqueles autores assim descrevem:

O termo grego *ptochós* caracteriza a pessoa em situação de pobreza mendicante: trata-se de alguém que não tinha mais condições de sobreviver, devendo entregar-se à mendicância, sendo, portanto, extremamente pobre e necessitado. Pelo extremo grau de empobrecimento que abrange todos os níveis de sua vida, estas pessoas também eram caracterizadas como *tapeinoi* (“humildes”), isto é, que viviam humilhadas em situação de extrema pobreza. Encontravam-se geralmente em condições abaixo da subsistência mínima: eram pessoas mendigas, doentes, deficientes, órfãs, idosas e viúvas. [...] Tratava-se de muita gente, principalmente de origem camponesa que perdeu sua terra por meio de dívidas, trabalhadores(as) sem formação, escravos(as) que não mais estavam aptos(as) a trabalhar, que estavam ameaçados(as) pela pobreza mendicante, ou que já viviam nestas condições (REIMER; REIMER, 2011, p.192).

Mesmo os *penétes*, pobres que trabalhavam, não eram bem vistos pela aristocracia, pois perdiam os prazeres que a vida poderia oferecer (ARENS, 1997, p. 55). Seu nível de consideração estava abaixo da aristocracia e acima dos indigentes, mendigos e escravos. Assim, dissertam Reimer e Reimer (2011, p. 193) sobre os *penétes*:

O Novo Testamento também se utiliza do termo *penétes* para se referir a pessoas pobres. Trata-se, aqui, de pessoas que ainda não se encontravam em condição e necessidade de mendicância, mas que tinham o necessário para sobreviver com base em seu trabalho no comércio, em relações trabalhistas de escravidão, [...], em trabalho diarista na agricultura ou em manufaturas. *Penétes*, portanto, eram pessoas empobrecidas, cujos trabalhos de sobrevivência eram considerados desprezíveis para os cidadãos ou elites de qualquer etnia mediterrânea, mas principalmente para os romanos. Eram estas pessoas empobrecidas que compunham a maioria da população do Império Romano, incluindo a Palestina. Era esta também a maioria que participava do movimento de Jesus e das comunidades judeu-cristãs originárias.

1.3.2.2 Os camponeses

Arens (1997, p. 84-85) aponta que grande parte da Ásia menor e do Império romano era camponesa; as condições econômicas em que viviam eram duras e instáveis; em geral, lhes faltavam recursos; eram explorados pelos poucos latifundiários; não havia possibilidade de subir na escala social.

Os camponeses eram vistos pelo povo da cidade, inclusive, os pobres, como socialmente inferiores. A cidade devia seu bem-estar material ao campo, mas, em troca, ofertava desprezo e exploração.

A posição social e econômica dos camponeses era associada àquela dos pobres. No século I, trabalhavam no campo majoritariamente os não escravos, seja como arrendatários ou como donos de pequenas glebas, ou ainda, contratados para agricultura ou pastoreio. Em geral, os latifundiários arrendavam suas terras em pequenas partes aos camponeses.

Neste ínterim, os camponeses viam-se sujeitos à opressão social, tendo em vista que, além do pagamento dos impostos – que lhe eram extremamente penosos –, deviam pagar ao latifundiário com parte dos seus cultivos, acarretando em empobrecimento e exploração por partes dos poderosos. Sobre a questão, Jones (apud ARENS, 1997, p. 84) assim resume a situação:

Sob a perspectiva econômica, a vida das cidades compreendia uma má concentração de riqueza em mãos da aristocracia urbana às custas do proletariado e dos camponeses.

1.3.2.3 As mulheres e a família

Segundo Schottroff, Schroer e Wacker (2008, p. 163), para a vivência das mulheres encontradas no Novo Testamento, são pressupostos estruturas relativamente homogêneas sobre tais grupos, tanto no judaísmo quanto no Cristianismo dentro do Império Romano, exceto quando contrastado com as mulheres de classe alta romana.

Arens (1997, p. 81-82) destaca que a marginalização das mulheres se evidenciava em uma estrutura familiar patriarcal. A virtude era a submissão ao *pater* e a obediência aos membros superiores da família. A economia girava em torno da casa através de negócios diversos. Na família empobrecida, não poucas vezes

davam-se os filhos para escravidão ou a mendicância em virtude da situação econômica, sendo que as filhas eram entregues à prostituição.

As mulheres ocupavam posição secundária e inferior ao homem ou marido, politicamente nula e economicamente relativa. Subentendia-se que seu raio de ação era a casa, vivendo a serviço dos homens da família ou da própria casa. Situava-se socialmente, conforme a posição do esposo.

Nas famílias pobres, as mulheres trabalhavam junto com seus maridos, porém, se não eram cidadãos romanos, seu matrimônio era ilegítimo, sendo que a ilegitimidade estendia-se aos filhos. Em Roma, ainda que se louvassem os aspectos de mãe e esposa, as mulheres eram menos valorizadas que os meninos e os escravos.

Sob o pano de fundo da pobreza é possível perceber a dureza dos trabalhos domésticos e de assistência como trabalho de sobrevivência. As mulheres não tinham uma escolha acerca do tipo de trabalho que desejavam fazer. Do mesmo modo, sem estruturas solidárias, tanto em termos econômicos quanto de trabalho doméstico, a libertação para o estudo e o ensino não seria possível (SCHOTTROFF; SCHROER; WACKER, 2008. p. 178).

1.3.2.4 Os escravos

Para uma melhor compreensão contextual desse grupo, não se deve universalizar a escravidão em Roma a outras partes do Império Romano.

Em geral, os escravos eram definidos como toda pessoa desprovida de liberdade, onde o direito e o trabalho estavam nas mãos de outrem. Filósofos gregos os consideravam, às vezes, menos que humanos, e o ditame romano tratava-os como peças de propriedade, como mercadorias (STAMBAUGH; BALCH, 1996, p. 102). O grego sentia repulsão e desprezo para com a posição de escravo.

Segundo Arens (1998, p. 61-72), os escravos não tinham direitos dentro da legislação romana. Seu estado era justificado filosoficamente como parte da lei natural, parte integrante da vida. Os libertos eram aqueles que nasceram escravos e obtiveram sua liberdade. Em sua maioria, eram pobres e sem fortuna, embora muitos libertos conseguissem ocupar posições e cargos de ascensão socioeconômica.

Quanto à população de escravos, entre os séculos I e II d.C, pode ter sido de um (ou dois em alguns casos) terços dos residentes nas cidades da Ásia Menor, Corinto, Éfeso e Roma, principalmente nas cidades onde haviam ricos. Pelo *status* social, tinha-se ali elevada porcentagem de escravos, o que influenciou na formação de uma nova identidade cultural em diferentes regiões do Império (ARENS, 1998, p. 67-68).

Outro modo de escravidão se dava quando os indivíduos contraíam grandes dívidas, onde o endividado e sua família eram obrigados a trabalhar por certo tempo ou assumiam voluntariamente a condição de servo em troca de alimento e alojamento em uma relação de patrão-cliente. Sobre a questão, Reimer e Reimer (2011, p. 188) assim resumem e dissertam:

No contexto do império romano, o modo de produção dominante já era escravista, sendo que a maioria das pessoas escravas encontrava-se nessa condição por meio de guerras de ocupação das quais resultavam prisioneiros ou prisioneiras que eram comercializadas no mercado de escravos(as) ou que se colocava para trabalhar no exército ou no trabalho de prostituição. Além das guerras, outra causa de empobrecimento que transformava pessoas em escravas eram as dívidas: a falta do pagamento resultava na entrega ou venda do devedor ou de membros da família. Além disso, também havia pessoas que já nasciam escravas.

1.3.3 O contexto religioso

No contexto do século I, as associações religiosas reproduziam internamente o regime hierárquico do Império Romano, com distribuição de lugares nas reuniões e nas participações nos rituais, reforçando a ideia de hierarquia entre os indivíduos. As relações entre a religião do culto imperial romano e os cultos estrangeiros apresentavam a antiga religião romana já em sua forma helenizada (ARENS, 1997, p. 60-94).

De modo abrangente, para Roma, havia uma atitude de suspeição em relação ao culto estrangeiro. As divindades eram concebidas como poderes abstratos. No tocante aos ritos, estes se faziam a favor de toda comunidade político-social. A piedade não era entendida como experiência religiosa, e o misticismo era visto como algo suspeito (KOESTER, 2005, p. 365-366).

O Cristianismo não correspondia ao conceito romano de religião legítima por divulgar uma mensagem contraditória ao sistema romano, identificando-se como cidadãos de um reino diferente, de ordem política e social própria, fiel ao seu governante: Cristo. Sobre a questão, Fiorenza (1992, p. 178) atenta:

Jesus e seu movimento libertam os que se acham desumanizados e em servidão de forças malignas, subvertendo implicitamente assim as estruturas econômicas ou patriarcal-androcêntricas, ainda que as pessoas envolvidas neste processo não tenham pensado em termos de estruturas sociais.

Os cristãos ainda compartilhavam o monoteísmo com o povo judeu, não demonstrando sua fidelidade ao culto ao imperador. Em geral, a religião romana era aberta a outros cultos, embora oposta à introdução de novos cultos na cidade de Roma. Não havia restrições nas províncias do Império e, em geral, cabia à autoridade local decidir sobre os novos cultos; porém, não constituía desconfiança se os templos fossem aprovados oficialmente (KOESTER, 2005, p. 366-368).

Os judeus tinham privilégios, mas eram suspeitos porque não participavam do culto ao imperador e, os cristãos associados aos judeus se expunham a riscos; porém, os missionários itinerantes eram livres para pregar. As dificuldades surgiam quando havia distúrbios ou se concorrentes os denunciassem aos magistrados (KOESTER, 2005, p. 369-374).

1.3.4 A situação dos marginalizados

No contexto romano, a avaliação social de um indivíduo não correspondia somente a fatores econômicos, mas existiam outras condições pessoais que podiam influenciar socialmente, tais como: a educação, a ocupação, a origem étnica, a cidadania e, em especial, o grau de liberdade (ARENS, 1997, p. 45).

Tais aspectos convergiam em uma estrutura piramidalmente estabelecida, sendo que a aristocracia ocupava a cúpula da pirâmide, e o proletariado, a base. Por conseguinte, a situação dos excluídos no império dominante se caracterizava pela “naturalidade” da discriminação, estes sendo produzidos e mantidos pelo próprio sistema romano e reproduzidos nas associações religiosas.

Os povos dominados e subjugados por Roma estavam diretamente identificados com a situação de marginalização. Neste sentido, certamente, a comunidade de Tiago não seria exceção, pois eram judeus-cristãos inseridos na sociedade opressora; em sua maioria, pobres, camponeses, órfãos, viúvas e escravos – características que os leitores da epístola trariam consigo.

Nesse entendimento, Pixley (1995, p.140) diz que sob um contexto adverso e inserido no sistema romano de dominação, a comunidade cristã originária em Tiago foi fortemente advertida com a questão social, no que concerne ao tratamento da discriminação, e na distinção entre ricos e pobres.

Assim, a diferença na dualidade de mensagens, a vivência de uma assimetria social de forma tão intensa e a situação vivencial dos destinatários da epístola, tendem a produzir tensões e conflitos a serem reproduzidos entre os grupos dominantes e o grupo em situação de opressão. Ou seja, tem-se aí um ambiente favorável para o surgimento do conflito social.

1.4 LEITURA SOCIOLÓGICA PELO MODELO CONFLITUAL

É necessário empregar uma leitura da sociedade do texto aqui analisado, quando do trato das questões sociais que envolvem o ambiente da comunidade a quem Tiago escreve.

Em vista disso, a presente pesquisa faz uso do modelo conflitual, no entendimento de que os conflitos se formam dentro das estruturas sociais e são produtos de seu funcionamento histórico (PINTO, 1978, p. 45). Aqui, a leitura proposta deve deter uma atenção mais rigorosa em relação à dimensão social do texto sagrado na perspectiva sociológica (ELLIOTT, 1985, p. 9), trabalhando a relação texto-sociedade, procurando pelas questões sociais que envolvam indivíduos ou grupos que o próprio texto deixa transparecer.

O modelo conflitual é um dos muitos modelos de leitura sociológica da bíblia (ALVAREZ-VERDES, 1989, p. 5-41; OSIEK, 1989, 260-78). O modelo utilizado na América Latina e, mais particularmente no Brasil, tem como característica a observação da dimensão social pela ótica dos pobres e marginalizados (FERREIRA, 2011, p. 47). Na mesma aplicação, busca, através do texto, observar o dinamismo da sociedade e da vida do povo ali existente, e que nele transparece (GORGULHO; ANDERSON, 1987, p. 6-10).

Neste sentido, Ferreira (2011, p. 49) assim descreve o modelo conflitual:

Este modelo olha a sociedade não tanto como unidade estrutural estável, mas como estrutura em tensão. A sociedade está, na realidade, composta por uma pluralidade de grupos, cada um dos quais tende a conseguir seus próprios objetivos, protegendo os interesses específicos e de seus membros [...]. O modelo conflitual parte de uma visão dinâmica da sociedade. Ao contemplar os interesses das pessoas e dos grupos, este modelo leva a reconhecer a mudança e o conflito como fatores permanentes da sociedade.

Na teoria que analisa os conflitos sociais, Gusmão (1973, p.67) indica que estes surgem por objetivos econômicos, culturais, ideológicos, morais, religiosos e políticos, entre outros.

Sobre a questão, Wegner (1993, p. 5-6) aponta quatro categorias motivadoras de relações conflituais em um ambiente social, a saber: 1) a economia; 2) as relações sociais; 3) a política; e, 4) a ideologia.

As relações conflituais podem ser observadas na economia com base na escassez de bens e no acúmulo de riqueza excludente. Nas relações sociais, pelas diferenças culturais, na distância, diferenciação e nas relações de dominação ou submissão. Na política, através da falta de liderança, do prestígio e pelo poder político dominador. E na ideologia, pelas diferenças e pelos antagonismos de interesses religiosos (WEGNER, 1993, p. 5-7).

Assim, a partir de uma (des)construção (dos símbolos, imagens e categorias), é possível criar um processo de (re)construção histórica dos papéis e das relações sociais que estão por trás dos relatos e das narrativas. Logo, os marginalizados começam a possuir visibilidade, uma vez que a análise passa a ter uma leitura de percepção e significação vital para os esquecidos (FERREIRA, 2011, p. 51-53).

Diante do exposto e sob as considerações da leitura sociológica pelo modelo conflitual, é possível identificar elementos de conflitos em variadas passagens da epístola. Estes, sem dúvida, subsidiam o entendimento do contexto de Tiago na discriminação do pobre fazendo uso das categorias motivadoras de relações conflituais indicadas por Wegner (1993) e Gusmão (1973) que possam ser encontradas com maior relevância na epístola.

Para tanto, faz-se importante pesquisar em toda a epístola de Tiago, e não somente nos versículos 1-7³, os elementos sociais que poderiam afetar a vida dos destinatários, quais sejam: insuficiência de bens materiais, concentração de riqueza, diferença entre classes sociais nas relações de dominação e submissão, além de outros fatores que possam ser identificados no texto. Assim, tem-se uma aproximação ampla do ambiente e dos conflitos daquela sociedade na construção do ambiente vivencial da comunidade de Tiago.

A questão socioeconômica, relativa à pobreza e à riqueza, é reafirmada por diversas vezes na carta, evidenciada por perícopes mais extensas, do que outros conteúdos abordados, ou por citações diversas no texto de Tiago, tornando-se o assunto mais forte do escrito. Logo, tal realidade é percebida quando agregada aos conflitos na vida dos destinatários da epístola.

1.4.1 A insuficiência de bens materiais

A disponibilidade de bens materiais é condição básica para a vida. A falta de bens para uma sociedade culmina em um ambiente propício para os conflitos sociais, uma vez que um grupo social pode aumentar seu contingente de bens à custa de outro grupo (GOLDTHORPE, 1977, p. 188).

O fato da insuficiência de bens materiais como fator de conflito transparecer na forte presença do tema referente à pobreza em Tiago, indica a realidade social dos leitores originais (1,26-27; 2,1-13; 15-16 e 5,1-6), ao mesmo tempo em que o autor expõe com preocupação o assunto sobre as provações. Assim, parece que a pobreza é um possível fator gerador das provações naquela comunidade (MAYNARD-REID, 1987, p. 38).

Neste íterim, a opressão pela pobreza profunda seria uma das causas das provações (1,2-8 e 12) dos destinatários (REICKE, 1964, p. 13). É natural que houvesse todo tipo de provações, mas, em especial, pela pobreza aguda (ROPES, 1991, p.133).

Sobre a questão, Laws (1980, p. 67) afirma que, no caso de Tg 1,12, a perseverança apontada no texto se dá em relação a provação pela situação social da pobreza.

³ O texto que trata da discriminação do pobre nos versículos 1-7 será também analisado mais detalhadamente sob tal perspectiva nos capítulos 2 e 3, a seguir.

O ambiente propício para o conflito é iminente, uma vez que a questão da insuficiência de bens é um fator constante. Tal situação não tende a ser temporária, mas algo permanente e de difícil reversão no contexto vivido. Assim, “a pobreza é, para o pobre, a experiência presente todos os dias” (LAWS, 1980, p. 67).

Igualmente, os órfãos e as viúvas (1,26-27) também estão incluídos na escassez de recursos. Logo, deveriam usufruir de todo tipo de cuidado possível. O versículo demonstra a difícil condição socioeconômica em que viviam algumas comunidades cristãs de então, para as quais a epístola foi endereçada (LAWS, 1980, p. 89).

Asseverando a situação em questão, naquele ambiente patriarcal-androcêntrico, a ausência da figura masculina acarretava a falta de proteção legal, que, em muitos casos, gerava o empobrecimento. Neste sentido, Tiago lhes associa o auxílio como comprovação da religião verdadeira (1,27).

Em vista da preocupação de Tiago com a pobreza, a questão socioeconômica também é base de exemplo para a disputa entre fé e obras (2,15-16). Aqui, um indivíduo pobre é despedido com palavras vazias, sem ver suas necessidades básicas atendidas. Neste sentido, parece que o autor poderia ter feito uso de outros exemplos, mas prefere recorrer à questão do pobre e da solidariedade com eles. De fato, tal circunstância evidencia a preocupação do autor e a tensão que deveriam passar os destinatários.

Em suma, transparece a possibilidade do conflito pela falta de bens materiais, quando Tiago evidencia o contraste com o rico (1,9-11), do mesmo modo, na condenação da atitude discriminatória com o pobre (2,1-7), bem como no cuidado dos órfãos e das viúvas (1,27). Tal preocupação se reflete na repetição com que o autor trata o assunto na epístola. Contudo, Tiago, ao mesmo tempo em que denuncia o problema da insuficiência de bens para sobrevivência, exige solidariedade e comprometimento com os pobres e discriminados em suas necessidades (2,15-16; 1,27).

Assim, a escassez de bens materiais era fator vívido no contexto sociológico da comunidade de Tiago. Eles deveriam passar por várias provações na situação de pobreza. Toda a preocupação de Tiago tem por base a tensão e o cuidado com os empobrecidos, como consequência da opressão social para aqueles que se encontram em tal condição – aspecto diretamente relacionado aos conflitos experimentados pelo ambiente vivencial dos seus destinatários.

1.4.2 A concentração de riqueza

A concentração de renda, assim como a escassez, gera um ambiente de conflito, quer seja pela insatisfação dos grupos desfavorecidos ou pela deficiente partilha de bens. Percebe-se um conflito de conotação socioeconômica quando o autor expressa aos seus leitores que o rico perecerá em seus negócios ou viagem a negócios (1,9-11) (BAUER; ARNDT; GINGRICH, 1957, p. 692).

Do mesmo modo, a tensão que gera o conflito é percebida na perícopie de Tg. 4,3-17, onde o contexto deste relato certifica a vida social em que Tiago está inserido. Os viajantes representam uma classe de pessoas existentes que estavam sendo condenadas por Tiago devido a sua preocupação e pretensão em possuir mais (DIBELIUS, 1996, p. 234). As expressões “viajaremos para esta cidade” e “faremos negócios” se referem aos comerciantes ricos com conotação de viajantes atacadistas (LAWS, 1987, p. 189-190).

No texto de Tg 5,1-6, o autor assume uma posição bastante conflitante com os ricos, denunciando a inutilidade da riqueza e anunciando a destruição do rico pelo seu acúmulo. No conflito gerado pela riqueza material, Tiago trata o tema a partir da discriminação e através de denúncia severa sobre o acúmulo.

Tal aspecto social também é identificado em Tg 1,10, onde o termo “humilhação” estaria identificando o empobrecimento material do rico dentro de uma situação econômica. Segundo Ropes (1991, p. 49), a circunstância em questão evidencia uma tensão elevada quanto à situação do rico, que para o autor, passará sem qualquer alívio e consolo, em detrimento a glória da humilhação ao pobre.

Maynard-Reid (1987, p. 59) afirma parecer existir grupos evidentes que concentram a riqueza, quais sejam: os financistas (2,1-13), os comerciantes (4,13-17) e os proprietários de terras (5,1-6). Diferente do pobre, o rico recebe um tratamento severo, denunciando sua arrogância (4,3-17) e ostentação (5,5) e revela uma riqueza transitória (1,10-11 e 4,14).

Nos casos expostos, é a riqueza material a que o autor faz referência. O pobre também é incitado a não cobiçar a posição do rico, ou a “beleza da sua aparência” (1,10-11). Parece que mais de que um conflito pela condenação da concentração da riqueza, tem-se uma relação direta com a situação do pobre. Sobre a questão, Theissen (1989, p. 81) descreve que, “objetivamente havia uma acirrada luta entre as classes por causa das distribuições da riqueza”.

1.4.3 Diferença entre classes sociais e a relação de dominação e submissão

As circunstâncias socioeconômicas da época evidenciavam grupos economicamente necessitados, pobres ou indivíduos de baixa posição social com falta de privilégios na sociedade (JOHNSON, 1995, p. 185). O conflito se dá quando grupos que não se estimam mutuamente geram um ambiente desfavorável, resultando manifestação de tensão social (BIROU, 1978, p. 120).

No caso do texto de Tiago, é bastante perceptível o conflito entre o rico e o pobre ou, dito de outro modo, representantes da classe da riqueza e da pobreza. Em Tg. 1,2-8 – um texto que não trata diretamente do conflito entre o rico e pobre –, Vouga (1996, p.47) observa no verbo da palavra “repreender” o uso frequente para exprimir situações de opressão dos ricos sobre aqueles a quem dão esmola, fazendo referência ao relacionamento do rico com o pobre.

Neste sentido, a diferença entre pobres e ricos, opressão e marginalização, repete-se em Tiago 1,9-11. A perícopes evidencia claramente uma diferenciação socioeconômica entre os dois grupos, expondo posições sociais bem definidas que revelam a antítese, ou “uma estrutura assimétrica antitética” (LAWS, 1980, p. 62), onde o pobre está em oposição direta ao materialmente rico. Os termos “humilhação”, “exaltação” e “negócios” estão ligados às posições socioeconômicas do pobre e do rico (ADAMSON, 1976, p. 62).

Stagg (1976, p. 45) aponta a discriminação e a opressão social entre ricos e pobres em Tg. 5,1-6, para evidenciar os conflitos e as provações explícitos na passagem. Assim, têm-se, de um lado, os latifundiários, e de outro, os assalariados. O pobre tem o salário retido pelo rico, enquanto este vive luxuosamente. O rico manipula o direito, usando seu poder econômico para reter o salário; defrauda o pobre, fazendo o pobre mais pobre e o rico mais rico.

Portanto, observam-se posições socioeconômicas concretas sob um contexto de opressão e dominação. No Mediterrâneo, como em outras culturas, a riqueza por si controlava certos privilégios (JOHNSON, 1995, p. 185) Tiago, com suas mensagens, deixa claro a preocupação do tratamento da forma opressiva do grupo rico e cheio de privilégios em relação à posição dos indivíduos desfavorecidos (DIBELIUS, 1996, p. 85).

Em outras passagens da epístola, os termos que geram relações conflituosas no dualismo entre pobres e ricos parecem generalizados. Um olhar mais atento torna possível a percepção da tensão entre os representantes específicos do contexto social da época – os latifundiários e os assalariados –, que podem ser identificados em Tiago 5,1-6. Em todo o caso, fica evidente o conflito constante entre os dois grupos sociais.

Na ação conflituosa dos grupos sociais, Maynard-Reid (1987, p. 86) descreve o ambiente econômico e opressor com que a avareza dos ricos latifundiários influenciava no ambiente. Estes latifundiários estariam “adicionando uma propriedade a outra, desapropriando o vizinho, ou por comprar dele e defraudá-lo, expandido suas mansões para o tamanho de províncias” (MAYNARD-REID, 1987, p. 86).

No dualismo entre ricos e pobres, os pobres eram submetidos à dominação, e os ricos, em seus formatos sociais, dominavam o mundo mediterrâneo do primeiro século. Era crescente a concentração de propriedades. Muitas estavam nas mãos dos ricos e poderosos através do confisco e da elevada exportação.

Tiago trabalha de forma intensa a diferenciação dos grupos, o que revela uma preocupação social do autor. Ele trata de posições concretas e opostas entre si. Neste ínterim, o autor explora o contraste entre o esbanjamento e a necessidade básica, o opressor e o oprimido, bem como revela a discriminação social na relação de manipulação do Direito (5,1-6).

Nas relações sociais de dominação ou submissão, a tensão é gerada quando um grupo mais forte impõe sobre o outro a sua vontade, gerando relações opressivas de discriminação, separação e exploração (WEGNER, 1993, p. 15-16). Neste sentido e, a partir do texto introdutório da epístola, Tiago se identifica como “escravo” (*doulos*). Sobre a questão, Lenski (1966, p. 519) e Laws (1980, p. 45-46) entendem que um dos propósitos do autor com o título de escravo era se colocar no mesmo nível de seus leitores.

Segundo McNab (1990, p. 1403), o termo foi utilizado para que Tiago pudesse se identificar com seus destinatários também na área social, pois, “com toda probabilidade as pessoas aí visadas eram em sua maioria gentios e escravos”. A escravatura fazia parte da sociedade na estrutura social do mundo greco-romano do século I (BECQUET et al., 1991, p. 17).

Quando se considera parte dos destinatários na qualidade ou propensos a serem escravos, estes poderiam ser dominados pelos poderosos no sistema romano. A escravidão era uma ameaça constante e próxima. Os devedores que não pudessem pagar suas dívidas podiam ser escravizados pelos credores, aquiescido pelos tribunais romanos. O *status* jurídico mais baixo era o de escravo. A possibilidade de escravidão e suas consequências é fator de tensão e conflito para aquela comunidade.

Outra situação socioeconômica que favorecia a dominação se dava no aumento de tributos. Tal situação asseverava as crises e a fome, principalmente a ocorrida nos anos 46-47 d.C. Segundo Josefo (1990, p. 188-189), estes foram os principais fatores responsáveis pelo contexto conflituoso entre os grupos. A própria política romana favorecia os ricos a se tornarem mais ricos e poderosos (MEEKS, 1992, p. 27).

Entre outros fatores, o avanço da tecnologia romana para expandir a economia explorava e agravava a situação de pobreza. Também os ricos recebiam penalidades mais brandas e não podiam ser processados por seus inferiores sociais. E sob a proteção da lei e ajuda dos tribunais, podiam escravizar os seus devedores (STAMBAUGH, 1996, p. 64-103; MAYNARD-REID, 1987, p. 18).

O contexto social de dominação e submissão, que leva à marginalização, parece muito permear aquela sociedade. No sistema romano, o pobre e o rico, o latifundiário e o assalariado, os órfãos e viúvas, os que estavam inferiorizados, eram tratados todos como pessoas de baixa posição social e marginalizados, onde o opressor explorava e oprimia o “pequeno povo” (STAGG, 1976, p. 394), os “marginais ou lesados no tribunal” de “estado inferior” e os “aflitos” (VOUGA, 1996, p. 52; DELLING apud KITTEL, 1975, p. 9).

Tiago associa a verdadeira religião com a assistência aos pobres, aflitos, oprimidos e marginalizados, em detrimento daqueles que favorecem os ricos (JOHNSON, 1995, p. 212), ou ao poder opressor da época, no caso, o sistema romano. Tal contexto reforça o chamado do autor na questão do tratamento dos órfãos e viúvas como sendo objeto de cuidado do seu povo.

Do mesmo modo, tinham-se aqueles pertencentes à uma sociedade agrária e patriarcal, endemicamente depauperados, onde, nas relações de poder, eram vítimas de falta de proteção legal, e asseverada a condição de pobreza. Neste

sentido, Tiago chama a comunidade para uma ética de solidariedade com os que estão experimentando esse tipo de marginalização.

1.4.4 Outros fatores motivadores de conflito

Em um contexto religioso conflitual, o aspecto judeu cristão da epístola e dos destinatários pode explicitar o antagonismo religioso judeu, pois, na dispersão estavam expostos às influências corruptas da vida estrangeira, o que poderia relaxar seu vigor moral (ROPES, 1991, p. 23).

Levando em consideração que os destinatários da epístola eram judeus cristãos, tal exposição poderia atingi-los, não no sentido estritamente judaico, mas no choque de interesses. Assim, é possível visualizar a possibilidade de conflito religioso, no fato dos seus leitores não abraçarem uma religião que se entusiasmava pelo culto ao imperador (STAMBAUGH, 1996, p. 139).

Outra característica de ambiente gerador de conflito identificado na leitura sociológica de Tiago é a diferenciação nas relações sociais, por causa dos costumes ou origem étnica. Tal ambiente de diferenciação produz conflito quando as contradições culturais geram choque, na medida em que um grupo tenta impor suas tradições sobre o outro, gerando marginalização e perseguição (BIESANZ; BIESANZ, 1972, p.194; COSER, 1961, p. 39).

A exemplo desse conflito e discriminação pela diferenciação cultural, o texto introdutório que trata dos destinatários na “diáspora”, observado pela lente da leitura sociológica conflitual, expõe uma conotação racial e cultural que vai além da questão geográfica (LAWS, 1980, p. 47).

Por estarem dispersos sob o domínio de Roma em cidades pagãs de outras culturas, os judeus cristãos naturalmente tinham costumes distintos da localidade onde viviam. Assim, eram vistos como estrangeiros na terra. Em tempos de crises políticas e econômicas, os cristãos dispersos eram discriminados (ELLIOT, 1985, p. 29, 41, 69). Sobre a questão, afirma Stambaugh (1996, p. 102):

[...] sob certas circunstâncias, os estrangeiros eram também lançados à margem da sociedade, vítimas de preconceitos que tendiam a ser mais culturais do que raciais. Gregos e romanos igualmente suspeitavam dos costumes peculiares dos judeus, e hostilidade ocasional podia explodir em violência, como vimos muitas vezes por motivação política.

O contexto das provações apontadas em Tiago pode ter sentido de discriminação, onde os destinatários, dispersos de suas terras, viviam em culturas e contextos religiosos diferentes, além de experimentar a perseguição na diáspora (LENSKI, 1966, p. 38).

Na conclusão da leitura sociológica pelo modelo conflitual, o universo da epístola de Tiago que foi verificado a partir do texto, demonstra um forte ambiente socioeconômico conflitual, caracterizado por uma sociedade onde a economia aparece como fator incisivo do conflito, principalmente pela pobreza expressa na falta de bens materiais e no contraste com o rico e o acúmulo de riqueza, como representantes de um contexto cultural, religioso e político propício ao poder e a exploração.

Tal contexto se mostra evidente na exposição do contraste da relação de dominação e submissão entre ricos e pobres (1,9-11 e 2,1-13) e na condenação da atitude dos latifundiários com seus assalariados (5,1-6), demonstrando os ricos e poderosos como opressores, e os pobres, como sujeitos dessa opressão.

A discussão pela busca da riqueza e por posição social, além das ideias egoístas e facciosas (3,13-18 e 4,1-12), se mostravam evidentes naquela comunidade. Assim, fica perceptível um contexto e ambiente social onde as classes estão continuamente em conflito.

Os marginalizados no ambiente aqui pesquisado são explorados de forma econômica e social, e fortemente atingidos pelo poder jurídico estabelecido, em um espaço de perseguição sob o domínio romano. Sem serem cidadãos romanos, são privados de direitos políticos e explorados pelo contexto social da época.

Em geral, a exploração verificada no texto se dá na perspectiva do rico pelo pobre (1,9-11), bem como da sociedade em relação aos órfãos e viúvas (1,2-7), no dualismo dos latifundiários e trabalhadores (5,1-6), e ainda, pelo poder do império sobre os escravos (1,1). Mas também é possível compreender que a hostilidade (2,1-7) era frequente na experiência daqueles que se encontravam na diáspora (ELLIOT, 1985, p. 29, 41-42, 69).

O acúmulo de riqueza acresce o conflito econômico; está exposto no trato com o rico (1,10-11), na descrição do personagem rico (2,2-3), no objetivo dos comerciantes (4,13-17) e no estilo de vida dos latifundiários (5,1-6). Tal conflito econômico permeia o contexto social da epístola, sob uma ótica de denúncia dos abastados.

Contudo, Tiago, além de denunciar o abuso, chama sua comunidade a uma postura de solidariedade na lembrança do órfão e da viúva (1,27), na advertência para a não discriminação expressa na ilustração do rico e pobre na sinagoga (2,2-3), na escolha de Deus pelos pobres (2,6) e no cuidado com os necessitados (2,15-16).

Sob todos os aspectos geradores do conflito e sendo possível verificar sua existência, Tiago também evidencia o cuidado com o marginalizado pela sua condição. Com efeito, a comunidade destinatária é advertida para não ter cobiça, mas sim, acolhimento nas situações de marginalização, naturalmente encontradas no ambiente social vivenciado pela comunidade originária da epístola.

2 ANÁLISE EXEGÉTICA DE TIAGO 2,1,7

Após uma descrição do ambiente da epístola de Tiago e as parciais conclusões e percepções advindas de tal análise no percurso sociológico, a seguir, tem-se uma análise exegética específica no texto de Tiago 2,1-7.

Egger (1994, p. 71, 155, 191, 201) apresenta, ao menos, quatro aspectos para leitura ou postura científica diante da exegese bíblica, a saber: 1) o aspecto sincrônico; 2) o aspecto diacrônico; 3) o aspecto histórico; e, 4) o aspecto hermenêutico.

Wegner (1998, p. 11-23), por sua vez, identifica três referenciais metodológicos, quais sejam: 1) método fundamentalista; 2) método estruturalista; e, 3) método histórico-crítico. E ainda, cinco aspectos para a leitura de um texto bíblico, quais sejam: 1) confessional; 2) histórico-crítico; 3) estruturalista; 4) fundamentalista; e, 5) leitura popular da Bíblia.

A postura dos autores supramencionados, bem como a de outros estudiosos, tem seus métodos e procedimentos próprios para a análise de textos. Neste sentido, a presente pesquisa buscou seguir os passos metodológicos do método histórico-crítico, fazendo uso dos passos exegéticos apontados por Wegner (2002, p. 11-23).

Assim, é claro o entendimento de que a primeira tarefa da exegese é aclarar as situações descritas nos textos, ou seja, redescobrir o passado bíblico de tal modo que o que foi narrado nos textos se torne transparente e compreensível para os dias atuais e circunstâncias e cultura diferentes (WEGNER, 2002, p. 12).

A segunda tarefa da exegese é permitir o conhecimento da intenção do texto em sua origem. A terceira tarefa é verificar em que sentido opções éticas e doutrinárias podem ser respaldadas e, portanto, reafirmadas, ou se devem ser revistas e relativizadas (WEGNER, 2002, p. 13).

Diante do exposto, as seções do presente capítulo seguiram os passos exegéticos oriundos da metodologia adotada para o texto em questão, tendo por norte elencar e analisar cada aspecto do método utilizado, permitindo uma posterior articulação entre eles para o entendimento global da perícopes, levando-se em conta as questões referentes à tradução, crítica textual, análise literária, análise da redação e das formas e análise do conteúdo.

2.1 TRADUÇÃO DE TIAGO 2,1-7

Segundo Wegner (2002, p. 28), a tradução é a primeira ação na exegese, facilitando a tarefa de melhor comunicar o significado original de um texto redigido em um lugar distante e culturalmente diferente.

No exame das traduções, é preciso analisar comparativamente como os tradutores entenderam os vocábulos e as estruturas linguísticas existentes no texto. Os tradutores modernos fizeram opções de acréscimos, omissões, modificações e interpretações em relação à tradução. Portanto, faz-se importante a comparação entre as versões, observando a análise das compreensões obtidas sobre o texto (SILVA, 2009, p. 30).

O primeiro passo é elaborar, de modo autônomo, uma tradução literal do texto grego para o português, “tão literal quanto possível e tão livre quanto necessário”.

Outra etapa é comparar a tradução própria com as versões modernas em português e avaliá-las quanto à fidedignidade no uso, observando as opções de alterações que as traduções venham a fazer no sentido original da palavra (WEGNER, 2002, p. 33, 324).

Na metodologia utilizada na presente pesquisa, fez-se uso da tradução literal para a língua portuguesa, com base no texto grego de Nestle e Aland (2006), aplicando a comparação e a análise das versões Almeida Revista e Corrigida, Nova Versão Internacional e a Bíblia de Jerusalém.

2.1.1 Texto grego de Tiago 2,1-7

1. Ἀδελφοί μου, μὴ ἐν προσωπολημψίαις ἔχετε τὴν πίστιν τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ τῆς δόξης.
2. ἐὰν γὰρ εἰσέλθῃ εἰς συναγωγὴν ὑμῶν ἀνὴρ χρυσοδακτύλιος ἐν ἔσθῃτι λαμπρᾷ, εἰσέλθῃ δὲ καὶ πτωχὸς ἐν ῥυπαρᾷ ἔσθῃτι,
3. ἐπιβλέψῃτε δὲ ἐπὶ τὸν φοροῦντα τὴν ἔσθῃτα τὴν λαμπρὰν καὶ εἶπητε Σὺ κάθου ὧδε καλῶς, καὶ τῷ πτωχῷ εἶπητε Σὺ στήθι ἐκεῖ ἢ κάθου ὑπὸ τὸ ὑποπόδιόν μου,
4. οὐ διεκρίθητε ἐν ἑαυτοῖς καὶ ἐγένεσθε κριταὶ διαλογισμῶν πονηρῶν;

5. Ἀκούσατε, ἀδελφοί μου ἀγαπητοί οὐχ ὁ θεὸς ἐξελέξατο τοὺς πτωχοὺς τῷ κόσμῳ πλουσίους ἐν πίστει καὶ κληρονόμους τῆς βασιλείας ἧς ἐπηγγείλατο τοῖς ἀγαπῶσιν αὐτόν;
6. ὑμεῖς δὲ ἠτιμάσατε τὸν πτωχόν. οὐχ οἱ πλούσιοι καταδυναστεύουσιν ὑμῶν καὶ αὐτοὶ ἔλκουσιν ὑμᾶς εἰς κριτήρια;
7. οὐκ αὐτοὶ βλασφημοῦσιν τὸ καλὸν ὄνομα τὸ ἐπικληθὲν ἐφ' ὑμᾶς;

2.1.2 Texto literal de Tiago 2,1-7 (TTL)

1. Irmãos meu, não em parcialidade/distinção de pessoas, tendes/continuais a ter a fé do senhor nosso Jesus Cristo, da glória.
2. Se pois entrar dentro em sinagoga de vocês um homem masculino com anel de ouro em roupa brilhante, entrar mas também pobre em suja roupa,
3. Vós lançardes olhar também sobre o que traz veste a brilhante e disserdes: tu senta/inicia o ato de sentar aqui deste modo bem/honorável e ao pobre disserdes: tu fica de pé ali ou senta/inicia o ato de sentar abaixo do lugar de colocar o pé/ escabelo meu,
4. Não discriminações/juízos em vós mesmos e tornastes juízes raciocinando/calculando maldosamente?
5. Escutai, irmãos meus amados: não o deus escolheu os pobres no mundo ricos em fé e herdeiros do reino o qual prometeu aos que amando o estão?
6. Vós contudo desonrastes o pobre. Não os ricos estão oprimindo/tiranizando vós e eles arrastando vocês dentro tribunais?
7. Não eles blasfemam o bom nome o que foi invocado sobre vós?

2.1.3 Tradução da Almeida Revista e Corrigida (TARC)

1. Meus irmãos, não tendes a fé de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória, em acepção de pessoas.
2. Porque, se no vosso ajuntamento entrar algum homem com anel de ouro no dedo, com vestes preciosas, e entrar também algum pobre com sórdida vestimenta,

3. e atentardes para o que traz a veste preciosa e lhe disserdes: Assenta-te tu aqui, num lugar de honra, e disserdes ao pobre: Tu, fica aí em pé ou assenta-te abaixo do meu estrado,
4. porventura não fizestes distinção dentro de vós mesmos e não vos fizestes juízes de maus pensamentos?
5. Ouvi, meus amados irmãos. Porventura, não escolheu Deus aos pobres deste mundo para serem ricos na fé e herdeiros do Reino que prometeu aos que o amam?
6. Mas vós desonrastes o pobre. Porventura, não vos oprimem os ricos e não vos arrastam aos tribunais?
7. Porventura, não blasfemam eles o bom nome que sobre vós foi invocado?

2.1.4 Tradução da Nova Versão Internacional (TNVI)

1. Meus irmãos, como crentes em nosso glorioso Senhor Jesus Cristo, não façam diferença entre as pessoas, tratando-as com favoritismo.
2. Suponham que na reunião de vocês entre um homem com anel de ouro e roupas finas, e também entre um homem pobre com roupas velhas e sujas.
3. Se vocês derem atenção especial ao homem que está vestido com roupas finas e disserem: "Aqui está um lugar apropriado para o senhor", mas disserem ao pobre: "Você, fique de pé ali", ou: "Sente-se no chão, junto ao estrado onde ponho os meus pés",
4. não estarão fazendo discriminação, fazendo julgamentos com critérios errados?
5. Ouçam, meus amados irmãos: não escolheu Deus os que são pobres aos olhos do mundo para serem ricos em fé e herdarem o Reino que ele prometeu aos que o amam?
6. Mas vocês têm desprezado o pobre. Não são os ricos que oprimem vocês? Não são eles os que os arrastam para os tribunais?
7. Não são eles que difamam o bom nome que sobre vocês foi invocado?

2.1.5 Tradução da Bíblia de Jerusalém (TBJ)

1. Meus irmãos, a vossa fé em nosso Senhor Jesus Cristo glorificado não deve admitir acepção de pessoas.
2. Assim, pois, se entrarem em vossa reunião duas pessoas, uma trazendo um anel de ouro, ricamente vestida, e a outra pobre, com roupas sujas,
3. e derdes atenção ao que traja ricamente e lhe disserdes: “Senta-te aqui neste lugar confortável”, enquanto dizeis ao pobre: “Tu, fica em pé aí”, ou então: “Senta-te aí abaixo do estrado dos meus pés”,
4. não estais fazendo distinções em vosso coração? Não vos tornastes juízes com raciocínios criminosos?
5. Atentai para isto, meus amados irmãos: Não escolheu Deus os pobres em bens deste mundo para serem ricos na fé e herdeiros do Reino que prometeu aos que o amam?
6. E, no entanto, vós desprezastes o pobre! Ora, não são os ricos que vos oprimem, os que vos arrastam aos tribunais?
7. Não são eles os que blasfemam contra o nome sublime que foi invocado sobre vós?

2.1.6 Análise das traduções

2.1.6.1 Tiago 2,1

Quadro 1 – Análise da tradução de Tiago 2,1.

Órgão de Tradução	Texto
TTL	1 Irmãos meu, não em parcialidade/distinção de pessoas, tenhais/continuais a ter a fé do senhor nosso jesus cristo, da glória.
TARC	1 Meus irmãos, não tenhais a fé de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória, em acepção de pessoas.
TNVI	1 Meus irmãos, como crentes em nosso glorioso Senhor Jesus Cristo, não façam diferença entre as pessoas, tratando-as com favoritismo.
TBJ	1 Meus irmãos, a vossa fé em nosso Senhor Jesus Cristo glorificado não deve admitir acepção de pessoas.

Onde: 1 Ἀδελφοί μου, μὴ ἐν προσωποληψίαις ἔχετε τὴν πίστιν τοῦ Κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ τῆς δόξης.

Fonte: Dos autores.

a) Omissão das palavras gregas:

- TARC – Sem omissão significativa;
- TNVI – A palavra “fé” (*πίστιν*); e
- TBJ – Sem omissão significativa.

b) Acréscimo de palavras não existentes no original:

- TARC – “Senhor” antes da palavra “glória”;
- TNVI – “como crentes em” e “tratando-as”; e
- TBJ – “vossa” antes da palavra “fé”.

c) Modificação no sentido original das palavras:

- TARC – Traduz “parcialidade/distinção” por “acepção”;
- TNVI – Modifica “fé” como sendo “crentes”; traduz “parcialidade/distinção” por “diferença”; traduz “glória” por “glorioso” e “tenhais” por “façam”; e
- TBJ – Traduz “glória” por “glorificado” e “tenhais” por “façam”; traduz “parcialidade/distinção” por “acepção”.

d) Análise:

- Omissões – Não há omissões significativas no primeiro versículo, exceção feita à TNVI, que suprime a palavra “fé” (*πίστιν*), parecendo interpretá-la dentro do versículo, com o acréscimo da frase “como crentes em”. Neste sentido, desvirtua-se o sentido original da palavra, o que implica em uma tradução imprecisa. Quanto à qualificação da palavra “fé” (*πίστιν*) em relação à “Jesus Cristo” (*Ἰησοῦ Χριστοῦ*), Rendall (1927, p. 46) sugere a possibilidade de considerar o genitivo *τοῦ* como qualitativo, ou seja, a fé não seria diretamente relacionada a “Jesus Cristo”, em oposição ao genitivo objetivo no qual é diretamente associado a “Jesus Cristo”. A segunda hipótese da tradução é a que adotamos juntamente com a TARC e TBJ, isto é, utilizando a “fé” (*πίστιν*) associada a “Jesus Cristo”. Todas as traduções fazem uso desse princípio, exceção feita a TNVI, que omitiu a palavra “fé” (*πίστιν*).

- Acréscimos – De modo semelhante, o acréscimo da palavra “Senhor” (*Kυρίου*) antes da palavra “glória” (*δόξης*) na TARC, parece interpretar que a glória mencionada no texto, se refere a “Jesus Cristo”. O acréscimo da frase “como crentes em”, conforme comentado anteriormente, parece ter a intenção de absorver a “fé” que identifica os “irmãos”. O acréscimo da TBJ não altera o sentido da tradução.
- Modificações – Do modo semelhante ao acréscimo da palavra “fé”. As modificações na palavra “glória” por “glorioso” na TNVI e por “glorificado” na TBJ também parece fazer uso da mesma intenção, ou seja, enfatizar a relação direta entre “da glória” (*τῆς δόξης*) e “Jesus Cristo”. A palavra “da glória” (*τῆς δόξης*) é um genitivo de descrição ligado a “Senhor” (*Kυρίου*). Elas podem exercer a função de adjetivo assim como está na TNVI. Tal possibilidade pode explicar a tradução apresentada como, “nosso glorioso Senhor Jesus Cristo”.

Contudo, podem também exercer a função de aposto, como visto na TARC, “Jesus Cristo, Senhor da glória”. Tais traduções buscam harmonizar a dificuldade da tradução literal expressa na frase “o Senhor nosso Jesus Cristo, da glória” (OMANSON, 2010, p. 488).

Segundo MOO (1990, p. 88), uma tradução possível é a que está na TBJ, “glorificado” como um título independente de Jesus. Porém, a maioria das traduções optam pela segunda hipótese, considerando o genitivo como objetivo (MARCONI, 1989-1990, p. 13).

A palavra modificada para “acepção”, utilizada nas TARC e na TBJ no lugar de “parcialidade/distinção” (*προσωπολημψία*), é a tradução da palavra grega que significa literalmente “receber o rosto” (MOO, 1990, p. 87). A própria palavra “*prosopolempsia*”, traduzida por “parcialidade/distinção”, provém da expressão “*prosopon tambanein*”, que remete ao “semblante”, a aparência.

Interessante observação é que *tambanein* aqui significa “elevar”, semelhante a uma pessoa que com a cabeça abaixada é forçada a levantar a cabeça pegando o rosto com a mão. Afirmado essa tradução, Bittencourt Filho (2008, p. 244) trabalha as partes significativas do texto conforme expresso na Figura 1, a seguir.

<i>προσ</i>	<i>ωπο</i>	<i>λημ</i>	<i>πε</i>	<i>έω</i>
Πρόσωπον		Λαμβάνω	πταίω	
Face, aparência		Pegar	tropeçar	Sufixo verbal

Figura 1 – Composição das partes significativas do verbo *προσωπολημπτέω*.

Fonte: Bittencourt Filho (2008, p. 244).

Ainda sobre a “parcialidade/distinção” (*προσωπολημψίαις*), esta é uma frase composta, formada a partir da LXX, para ter como significado da expressão semelhante a “respeito de pessoas”, no sentido de parcialidade imprópria, relacionado principalmente à parcialidade por parte de um juiz. Com o passar do tempo foi utilizada como qualquer tipo de parcialidade imprópria (ROPES, 1991, p. 185). Neste entendimento, a tradução da TNVI é a que mais se aproxima do sentido original.

Outra dificuldade apresentada por Allen (1987, p. 137) é a possibilidade de que o texto também possa ser traduzido como uma pergunta, mas para a referida pergunta espera-se do receptor uma resposta negativa, não deixando o sentido da pontuação como afirmação ou ordem.

Segundo a possibilidade em questão, a tradução pode variar dependendo de como se entende a partícula grega *mē* “não” (*μη*). Caso seja considerada com o substantivo “parcialidade/distinção” (*προσωπολημψίαις*), pode ser traduzida como indicativa de uma pergunta, mas a tradução é rejeitada pela maioria dos estudiosos. As demais modificações não alteram de forma substancial o conteúdo.

2.1.6.2 Tiago 2,2

Quadro 2 – Análise da tradução de Tiago 2,2.

Órgão de Tradução	Texto
TTL	2 Se pois entrar dentro em sinagoga de vocês um homem masculino com anel de ouro em roupa brilhante, entrar mas também pobre em suja roupa,
TARC	2 Porque, se no vosso ajuntamento entrar algum homem com anel de ouro no dedo, com vestes preciosas, e entrar também algum pobre com sórdida vestimenta,
TNVI	2 Suponham que na reunião de vocês entre um homem com anel de ouro e roupas finas, e também entre um homem pobre com roupas velhas e sujas.
TBJ	2 Assim, pois, se entrarem em vossa reunião duas pessoas, uma trazendo um anel de ouro, ricamente vestida, e a outra pobre, com roupas sujas,

Onde: 2 ἐὰν γὰρ εἰσέλθῃ εἰς συναγωγὴν ὑμῶν ἀνὴρ χρυσοδακτύλιος ἐν ἐσθῆτι λαμπρᾷ, εἰσέλθῃ δὲ καὶ πτωχὸς ἐν ῥυπαρᾷ ἐσθῆτι,

Fonte: Dos autores.

a) Omissão das palavras gregas:

- Sem omissões significativas.

b) Acréscimo de palavras não existentes no original:

- TARC – “no dedo” complementando “com anel de ouro”;
- TNVI – Sem acréscimos significativos; e
- TBJ – “duas” complementando “pessoas”.

c) Modificação no sentido original das palavras:

- TARC – Traduz “Se pois” por “Porque”; traduz “sinagoga” por “ajuntamento”; traduz “roupa brilhante” por “vestes preciosas”; traduz “suja roupa” por “sórdida vestimenta”;
- TNVI – Traduz “Se pois ” por “Suponham”; traduz “sinagoga” por “reunião de vocês”; traduz “roupa brilhante” por “roupas finas”; traduz “suja roupa” por “velhas e sujas”.

- TBJ – Traduz “Se pois ” por “Assim, pois”; traduz “sinagoga” por “reunião”; traduz “um homem” por “duas pessoas”; traduz “roupa brilhante” por “ricamente vestida”; traduz “suja roupa” por “roupas sujas”.

d) Análise:

- Omissões – No versículo 2, não há omissões, e os acréscimos não alteram o sentido do texto, bem como não se tem divergências consideráveis em relação ao texto grego, exceto na interpretação onde as versões fazem na questão relativa a palavra “sinagoga” (*συναγωγήν*), sendo descrita como local da “reunião” na TBJ e TNVI, ou “ajuntamento”, na TARC.
- Modificações – Moo (1990, p. 89) explica que a palavra “sinagoga” (*συναγωγήν*) utilizada em outros lugares do Novo Testamento (exceto Ap. 2,9 e 3,9) se refere ao local de adoração judaica. Contudo, a palavra pode geralmente corresponder a uma assembleia de pessoas, visando vários propósitos.

Embora se tenha a possibilidade para a tradução como "assembleia", é possível o entendimento que as três versões traduzam, de forma imprecisa, a palavra “sinagoga” (*συναγωγήν*), pois, há uma diferenciação de conceito entre “sinagoga” e “reunião” ou “ajuntamento, alterando o conteúdo e deixando as traduções inseguras.

Não foram verificadas alterações substanciais para os demais acréscimos e modificações das versões comparadas.

2.1.6.3 Tiago 2,3

Quadro 3 – Análise da tradução de Tiago 2,3.

Órgão de Tradução	Texto
TTL	3 Vós lançardes olhar também sobre o que traz veste a brilhante e disserdes: tu senta/inicia o ato de sentar aqui bem/honorável e ao pobre disserdes: tu fica de pé ali ou senta/inicia o ato de sentar abaixo do lugar de colocar o pé/ escabelo meu,
TARC	3 e atentardes para o que traz a veste preciosa e lhe disserdes: Assenta-te tu aqui, num lugar de honra, e disserdes ao pobre: Tu, fica aí em pé ou assenta-te abaixo do meu estrado,
TNVI	3 Se vocês derem atenção especial ao homem que está vestido com roupas finas e disserem: “Aqui está um lugar apropriado para o senhor”, mas disserem ao pobre: “Você, fique de pé ali”, ou: “Sente-se no chão, junto ao estrado onde ponho os meus pés”,
TBJ	3 e derdes atenção ao que traja ricamente e lhe disserdes: “Senta-te aqui neste lugar confortável”, enquanto dizeis ao pobre: “Tu, fica em pé aí”, ou então: “Senta-te aí abaixo do estrado dos meus pés”,

Onde: 3 ἐπιβλέψητε δὲ ἐπὶ τὸν φοροῦντα τὴν ἐσθῆτα τὴν λαμπρὰν καὶ εἶπητε Σὺ κάθου ὧδε καλῶς, καὶ τῷ πτωχῷ εἶπητε Σὺ στήθι ἐκεῖ ἢ κάθου ὑπὸ τὸ ὑποπόδιόν μου,

Fonte: Dos autores.

a) Omissão das palavras gregas:

- TARC – Sem omissões significativas.
- TNVI – A primeira palavra “senta/inicia o ato de sentar” (κάθου).
- TBJ – Sem omissões significativas.

b) Acréscimo de palavras não existentes no original:

- TNVI – Acréscimo de “homem” e “senhor”.
- Sem acréscimos significativos para as outras versões.

c) Modificação no sentido original das palavras:

- TARC – Traduz “Vós lançardes olhar” por “e atentardes”; traduz “veste a brilhante” por “veste preciosa”; traduz “bem/honorável” por “lugar de honra”; traduz “lugar de colocar o pé/escabelo” por “estrado”.
- TNVI – Traduz “Vós lançardes olhar” por “atenção especial”; traduz “veste a brilhante” por “roupas finas”; traduz “bem/honorável” por “lugar apropriado”; traduz “lugar de colocar o pé/ escabelo” por “estrado”; modifica “abaixo do lugar de colocar o pé” por “chão”.

- TBJ - Traduz “Vós lançardes olhar” por “derdes atenção”; traduz “veste a brilhante” por “traja ricamente”; traduz “bem/honorável” por “lugar confortável”; traduz “lugar de colocar o pé/escabelo” por “aí abaixo do estrado dos meus pés”.

d) Análise:

- Omissões – A omissão da primeira palavra *κάθου* (“senta/inicia o ato de sentar”) deixa enfraquecido a dinâmica de localização alto/baixo, e de honraria, deixado implícito no texto. Tal omissão deixa a tradução inconsistente.
- Modificações – A TBJ traduz “lugar de colocar o pé/escabelo” (*στῆθι ἐκεῖ ἢ κάθου ὑπὸ τὸ ὑποπόδιόν μου*) por “aí abaixo do estrado dos meus pés”. Aqui, o problema está no emprego do advérbio “aí”. Na frase “fica de pé ali ou senta/inicia o ato de sentar abaixo do lugar de colocar o pé/ escabelo meu”, o pobre recebe a ordem de ficar perto de quem está falando, e tal proximidade é ainda mais humilhante do que seria ficar de pé longe (OMANSON, 2010, p. 488). A tradução não altera o conteúdo, mas deixa imprecisa a versão em termos de significação.

A modificação mais significativa para a tradução da frase “sentar abaixo do lugar de colocar o pé/ escabelo meu” encontra-se na TNVI. Esta altera para “Sente-se no chão, junto ao estrado onde ponho os meus pés”, de forma a deixar explícito um nível inferior ao que o pobre foi chamado (LAWS, 1980, p. 99), sendo essa uma possível interpretação e mais próxima da literal.

As três versões substituem “Vós lançardes olhar” por “e atentardes”, “atenção especial” e “derdes atenção” na TARC, TNVI e TBJ, respectivamente. A expressão “vós lançardes olhar sobre” (*ἐπιβλέψητε ἐπὶ*) semantiza o sujeito, de modo que ele esteja metaforicamente situado acima do objeto sobre o qual ele lança o olhar.

Assim, o uso da preposição *ἐπὶ* parece agregar na frase um reforço de argumentos usados novamente na sequência imediatamente posterior do texto (BITTENCOURT, 2008 p. 273). Neste sentido, as traduções não expressam a significação em sua totalidade. Não foram verificadas alterações substanciais na TARC e nos demais acréscimos e modificações das versões da TNVI e TBJ.

2.1.6.4 Tiago 2,4

Quadro 4 – Análise da tradução de Tiago 2,4.

Órgão de Tradução	Texto
TTL	4 Não estais fazendo discriminações/juízos em vós mesmos e tornastes juízes raciocinando/calculando maldosamente?
TARC	4 porventura não fizestes distinção dentro de vós mesmos e não vos fizestes juízes de maus pensamentos?
TNVI	4 não estarão fazendo discriminação, fazendo julgamentos com critérios errados?
TBJ	4 não estais fazendo distinções em vosso coração? Não vos tornastes juízes com raciocínios criminosos?

Onde: 4 οὐ διεκρίθητε ἐν ἑαυτοῖς καὶ ἐγένεσθε κριταὶ διαλογισμῶν πονηρῶν

Fonte: Dos autores.

a) Omissão das palavras gregas:

- TNVI – A palavra “vós mesmos” (*ἑαυτοῖς*).
- Sem omissões significativas nas demais traduções.

b) Acréscimo de palavras não existentes no original:

- TARC – Acréscimo de “porventura”.
- Sem acréscimos significativos nas demais traduções.

c) Modificação no sentido original de palavras:

- TARC – Traduz “estais fazendo” por “fizestes”; traduz “discriminações/juízos” por “distinção”; traduz “em vós mesmos” por “dentro de vós”; traduz “tornastes” por “fizestes”; traduz “raciocinando maldosamente?” por “maus pensamentos?”.
- TNVI – Traduz “estais fazendo” por “estarão fazendo”; traduz “tornastes juízes” por “fazendo julgamentos”; traduz “raciocinando maldosamente?” por “critérios errados?”.
- TBJ – Traduz “discriminações/juízos” por “distinções”; traduz “em vós mesmos” por “em vosso coração?”; traduz “raciocinando maldosamente?” por “raciocínios criminosos?”.

d) Análise:

- Omissões – A TNVI omite a palavra “vós mesmos” (*ἑαυτοῖς*), talvez deixando implícito essa expressão na frase “não estarão fazendo discriminação[...]?” Tiago fez uso do mesmo verbo em Tg. 1,6. Na forma passiva, geralmente significa pensamentos conflitantes, "estar dividido" (MOO, 1990, p. 90).

A exemplo do uso e significação da palavra “vós mesmos” (*ἑαυτοῖς*), a Bíblia de Jerusalém traduz as seguintes passagens da mesma expressão: em Mateus 3,9 – *légein en heautôis*, “dizer em vosso interior”; Marcos 5,30 – *epignóous en heautô*, “caindo em si”; e, Lucas 7,39 – *éipen en heautô*, “dizia para si”. Neste sentido, a tradução da TNVI altera o conteúdo e o significado quando omite “vós mesmos” (*ἑαυτοῖς*).

- Modificações – A TNVI, para dar sentido ao texto, muda a tradução da palavra no aoristo indicativo passivo *διεκρίθητε* “não estais fazendo [...]?” por, “não estarão fazendo [...] ?”. A TARC também modifica a mesma palavra por “fizestes”, segunda pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, deixando imprecisa, mas não alterando significativamente o conteúdo.

O uso na forma verbal de *διεκρίθητε* literalmente significa fazer distinção, “separar”, mas, no texto, pode significar “exercer duplicidade mental”, “tornar-se culpado de discriminação e de preconceitos”. Várias ideias têm sido vinculadas à questão da discriminação, dependendo de como o verbo tiver de ser compreendido.

Segundo Champlin (1995, p. 35), existem algumas sugestões que podem ser levadas na tradução, a saber:

- a) Separar – “dividir erroneamente uns aos outros”;
- b) Discriminar – “prejudicar a alguns dos membros mediante um tratamento injusto”;
- c) Fazer mau juízo – “ter certas pessoas em má conta, devido à sua aparência andrajosa ou à sua pobreza”; e
- d) Hesitar – “usar de duplicidade, própria de quem se mostra indeciso quanto ao tratamento que se deve dar às pessoas”.

As três versões traduzem “raciocinando maldosamente?” (*πονηρῶν*) por “raciocínios criminosos?” (TBJ), “maus pensamentos?” (TARC) e “critérios errados?” (TNVI). O léxico grego sugere a tradução da palavra no sentido de “tomada de decisão corruptamente” (GINGRICH, 2012, p. 54). Assim, as traduções deixam o sentido da palavra impreciso.

2.1.6.5 Tiago 2,5

Quadro 5 – Análise da tradução de Tiago 2,5.

Órgão de Tradução	Texto
TTL	5 Escutai, irmãos meus amados: não o deus escolheu os pobres no mundo ricos em fé e herdeiros do reino o qual prometeu aos que amando o estão?
TARC	5 Ouvi, meus amados irmãos. Porventura, não escolheu Deus aos pobres deste mundo para serem ricos na fé e herdeiros do Reino que prometeu aos que o amam?
TNVI	5 Ouçam, meus amados irmãos: não escolheu Deus os que são pobres aos olhos do mundo para serem ricos em fé e herdarem o Reino que ele prometeu aos que o amam?
TBJ	5 Atentai para isto, meus amados irmãos: Não escolheu Deus os pobres em bens deste mundo para serem ricos na fé e herdeiros do Reino que prometeu aos que o amam?

Onde: 5 Ἀκούσατε, ἀδελφοί μου ἀγαπητοί. οὐχ ὁ Θεὸς ἐξελέξατο τοὺς πτωχοὺς τῷ κόσμῳ πλουσίου ἐν πίστει καὶ κληρονόμους τῆς βασιλείας ἧς ἐπηγγείλατο τοῖς ἀγαπῶσιν αὐτόν;

Fonte: Dos autores.

a) Omissão das palavras gregas:

- Sem omissões significativas em todas as traduções.

b) Acréscimo de palavras não existentes no original:

- TARC – Acréscimo de “porventura”.
- TNVI – Acréscimo de “aos olhos” e “para serem”.
- TBJ – Acréscimo de “em bens”.

c) Modificação no sentido original das palavras

- TARC – Traduz “escutai” por “ouvi”; traduz “no mundo” por “deste mundo”.
- TNVI – Traduz “escutai” por “ouçam”; interpreta - “pobre aos olhos do mundo”.
- TBJ - Traduz “escutai” por “Atentai para isto”; interpreta - “pobre em bens deste mundo”.

d) Análise:

- Acréscimos e modificações – A TNVI faz uso dos acréscimos das palavras “para serem” e “aos olhos do mundo”, e a TBJ “em bens deste mundo”, em uma possível tradução de como seria a qualificação do pobre. As duas versões procuram explicar o que está implícito no texto e, referenciadas pela raiz da palavra *πτωχῶ* (“pobre”), que significa pobre relativo aos bens deste mundo, literalmente “pedinte” (GINGRICH, 2012, p. 182), não altera o seu conteúdo em uma possível tradução. Não são verificadas alterações substâncias na TARC e nos demais acréscimos e modificações das versões da TNVI e TBJ.

2.1.6.6 Tiago 2,6

Quadro 6 – Análise da tradução de Tiago 2,6.

Órgão de Tradução	Texto
TTL	6 Vós contudo desonrastes o pobre. Não os ricos estão oprimindo/tirando vós e eles arrastando vocês dentro tribunais?
TARC	6 Mas vós desonrastes o pobre. Porventura, não vos oprimem os ricos e não vos arrastam aos tribunais?
TNVI	6 Mas vocês têm desprezado o pobre. Não são os ricos que oprimem vocês? Não são eles os que os arrastam para os tribunais?
TBJ	6 E, no entanto, vós desprezastes o pobre! Ora, não são os ricos que vos oprimem, os que vos arrastam aos tribunais?

Onde: 6 ὑμεῖς δὲ ἠτιμάσατε τὸν πτωχόν. οὐχ οἱ πλούσιοι καταδυναστεύουσιν ὑμῶν καὶ αὐτοὶ ἔλκουσιν ὑμᾶς εἰς κριτήρια;

Fonte: Dos autores.

a) Omissão das palavras gregas:

- Sem omissões significativas em todas as traduções.

b) Acréscimo de palavras não existentes no original:

- TARC – Acréscimo de “porventura”.
- Sem acréscimos significativos nas demais traduções.

c) Modificação no sentido original das palavras:

- TARC – Traduz “Vós contudo” por “Mas vós”.

- TNVI – Traduz “desonrastes” por “têm desprezado”; traduz “Vós contudo” por “Mas vocês”.
- TBJ – Traduz “Vós contudo” por “E, no entanto”; traduz “desonrastes” por “desprezastes”.

d) Análise:

Os acréscimos e modificações apontadas nas três versões analisadas não alteram o conteúdo do versículo.

A palavra grega utilizada para “oprimir/tiranicar” é *καταδυναστεύουσιν*, que significa “explorar”, “dominar”, “oprimir”. Na LXX, a palavra é utilizada para indicar os ultrajes contra os pobres as viúvas e os órfãos. Em Josefo (apud CHAMPLIN, 1995, p. 37), a palavra é empregada para indicar a exploração e a opressão contra quem quer que seja.

2.1.6.7 Tiago 2,7

Quadro 7 – Análise da tradução de Tiago 2,7.

Órgão de Tradução	Texto
TTL	7 Não eles blasfemam o bom nome o que foi chamado sobre vós?
TARC	7 Porventura, não blasfemam eles o bom nome que sobre vós foi invocado?
TNVI	7 Não são eles que difamam o bom nome que sobre vocês foi invocado?
TBJ	7 Não são eles os que blasfemam contra o nome sublime que foi invocado sobre vós?

Onde: 7 οὐκ αὐτοὶ βλασφημοῦσιν τὸ καλὸν ὄνομα τὸ ἐπικληθὲν ἐφ’ ὑμᾶς;

Fonte: Dos autores.

a) Omissão das palavras gregas:

- Sem omissões significativas em todas as traduções.

b) Acréscimo de palavras não existentes no original:

- TARC – Acréscimo de “porventura”.
- Sem acréscimos significativos nas demais traduções.

c) Modificação no sentido original das palavras:

- TARC – Traduz “chamado” por “invocado”.
- TNVI – Traduz “blasfemam” por “difamam”; traduz “chamado” por “invocado”.
- TBJ - Traduz “bom nome” por “nome sublime”; traduz “chamado” por “invocado”.

d) Análise:

- Modificações – As TBJ, TARC e TNVI traduzem “chamado” (ἐπικληθὲν) por “invocado”. Segundo Moo (1990, p. 92), a frase “sobre vós foi invocado” (ἐπικληθὲν ἐφ ὑμᾶς) é a tradução de uma desajeitada combinação de palavras. No texto grego, significa literalmente “que foi chamado sobre vós”.

Trata-se da tradução de uma expressão idiomática comum no hebraico. A frase tem o sentido de uma relação íntima, e aparece com frequência no Antigo Testamento em descrições do relacionamento entre Javé e seu povo.

Quanto à troca da expressão "blasfemam" (βλασφημοῦσιν), na TNVI, no grego o verbo *blasphemeo* pode significar "difamar", "vilipendiar", dizer palavras injuriosas ou contra os homens, no sentido de lhes prejudicarem a reputação ou contra Deus, ou contra aquilo que lhe pertence, como seu templo (CHAMPLIN, 1995, p. 37).

Também é possível verificar que a TBJ traduz “bom nome” (καλὸν ὄνομα) por “nome sublime”, o que parece ser uma referência ao nome de Cristo. Assim, conclui-se que as traduções procuram explicitar tais relações, porém, não alteram substancialmente seu conteúdo.

2.2 CRÍTICA TEXTUAL

Após a tradução, o segundo passo da análise exegética é a verificação da crítica textual. A partir dos manuscritos disponíveis do texto original do Novo Testamento, é possível observar o teor e a grafia conforme coube pressupô-los para o autor original (EGGER, 1994, p. 43), e determinar, com a maior exatidão possível, o texto grego que serviu de base para a tradução e o restante da presente pesquisa (WEGNER, 2002, p. 39).

A crítica textual tem a tarefa de reconstituir o texto grego que deverá servir de origem para a hermenêutica e que mais se aproxime do seu estado primitivo, isto é, o mais antigo com a maior exatidão possível (SCHNELLE, 2004, p. 29-30; MAINVILLE, 1999, p. 39).

A tarefa a ser realizada passa por constatar as diferenças entre os diversos manuscritos que contêm cópias do texto de Tiago 2,1-7, além de avaliar qual das variantes poderia corresponder com maior probabilidade ao texto originalmente escrito pelo autor (WEGNER, 2002, p. 39), tendo por consideração a importância das variantes e de seu impacto na compreensão do texto pesquisado (MAINVILLE, 1999, p. 40).

A perícopé de Tiago 2,1-7 possui 17 notas no aparato crítico, conforme Nestle e Aland (2006). Todos os versículos da perícopé apresentam nota no aparato crítico. Assim, a presente pesquisa empreendeu uma avaliação textual em cada versículo, realizando a análise de todas as variantes encontradas. Logo, a concepção do texto original é consequência da análise crítica do texto.

2.2.1 Apresentação do texto com a sigla para suas variantes

R 2,111
1K 2,8
H 10,25!

2 Ἀδελφοί μου, μὴ ἐν προσωπολημψίαις ἔχετε τὴν πίστιν τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ τῆς δόξης. **2** ἐὰν γὰρ εἰσέλθῃ εἰς τὴν συναγωγὴν ὑμῶν ἀνὴρ χρυσοδακτύλιος ἐν ἐσθῆτι λαμπρᾷ, εἰσέλθῃ δὲ καὶ πτωχὸς ἐν ῥυπαρᾷ ἐσθῆτι, **3** ἐπιβλέψῃτε δὲ ἐπὶ τὸν φοροῦντα τὴν ἐσθῆτα τὴν λαμπρὰν καὶ εἶπητε· σὺ κάθου ὧδε καλῶς, καὶ τῷ πτωχῷ εἶπητε· σὺ στῆθι ἑκεῖ ἢ κάθου; ἢ ὑπὸ τὸ ὑποπόδιόν μου, **4** τοῦ διεκρίθητε ἐν ἑαυτοῖς καὶ ἐγένεσθε κριταὶ διαλογισμῶν πονηρῶν; **5** Ἀκούσατε, ἀδελφοί μου ἀγαπητοί· οὐχ ὁ θεὸς ἐξελέξατο τοὺς πτωχοὺς τοῦ κόσμου πλουσίους ἐν πίστει καὶ κληρονόμους τῆς βασιλείας ἧς ἐπηγγείλατο τοῖς ἀγαπῶσιν αὐτόν; **6** ὁμοίως δὲ ἠτιμάσατε τὸν πτωχόν. οὐχ οἱ πλούσιοι καταδυναστεύουσιν ὑμῶν καὶ αὐτοὶ ἔλκουσιν ὑμᾶς εἰς κριτήρια; **7** οὐκ αὐτοὶ βλασφημοῦσιν τὸ καλὸν ὄνομα τοῦ ἐπικληθέντος ἐφ' ὑμᾶς;

1,9 1K 1,26ss L
6,20p Ap 2,9

1,12 R 8,28!
Prv 14,21 1K
11,22

1P 4,4 · Jr 14,9
Dt 28,10 Act 15,17

Figura 2 – Texto de Tiago 2,1-7 em grego com a sigla para as variantes.

Fonte: Nestle e Aland (2006, p. 590-591).

2.2.2 O aparato crítico e sua decodificação

¶ 2,1^f 6 7 1-5 614. 630. 1505 *al sy sa*^{ms} *bo* | 1-5 33 *pc vg*^{ms} • 2^{ττην} *ℵ*² A P 33. 1739 *℞* | *txt* *ℵ*^{*} B C *Ψ* 630. 1505 *pc* • 3^{καὶ ἐπιβλ.} *ℵ* A 33 *℞ bo*^{pt} | *txt* B C P *Ψ* 614. 630. 945. 1241. 1505. 1739 *pc ff sy*^h | ^ταυτω P 1739 *℞ t vg*^{cl} *sy*^p *co* | *txt* *℞*^{74vid} *ℵ* A B C *Ψ* 33. 81. 614. 630. 1505 *pc ff vg*^{sl,ww} *sy*^h *bo*^{ms} | ^ε 2 3 1 B 945. 1241. 1243. 1739 *pc ff sa* | ωδε η καθου εκει 365 | εκει η καθου ωδε *℞*^{74vid} *ℵ* (C²) P *℞ sy*^p *bo* | *txt* A (C^{*}) *Ψ* 33. 81. 614. 630. 1505 *pc vg sy*^h; Cyr | ^επι B² P *Ψ* 33. 323. 614. 630. 945. 1505. 1739 *al vg*^{ms} *sy*^h *sa* | *txt* *ℵ* A B^{*} C 049 *℞ lat* | ^ε των ποδων μου (A: σου) 33 (t) *vg* | - *Ψ* • 4^{καὶ ου P ℞} | και 322. 323 *pc* | ουχι *Ψ* | - B^{*} 1852 *pc ff* | *txt* *ℵ* A B² C 33. 81. 614. 630. 945. 1241. 1505. 1739 *al* • 5^{εν τω κ.} 322. 323 *pc (vg)* | του κοσμου (+ τουτου 61 *al*) A² C² P *Ψ* *℞ ff* *co*?; Prisc | *txt* *ℵ* A^{*} B C^{*} 33. 945. (1241). 1739 *pc* | ^ε (Hbr 6,17) επαγγελιας *ℵ*^{*} A • 6^{ουχι A C^{*}vid} 614. 630. 1505 *al sy* | ουχι και *℞*^{74vid} *Ψ* | *txt* *ℵ* B C² 049. 33. 1739 *℞ latt* • 6^{υμας} *℞*⁷⁴ *ℵ*^{*} A *pc* | - 623^{*} • 7^{καὶ} *℞*⁷⁴ A *Ψ* 33. 81. 614. 630. 1505 *al sy*^h • 8^ε 1 3 2

Figura 3 – Aparato crítico de Tiago 2,1-7 para decodificação das variantes do texto em grego.

Fonte: Nestle e Aland (2006, p. 590-591).

2.2.2.1 Versículo 2,1

A ordem das palavras “(τοῦ) do (Κυρίου) senhor (ἡμῶν) nosso (Ἰησοῦ) *jesus* (Χριστοῦ) *cristo* (τῆς) da (δόξης) *glória*” encontram-se na seguinte forma: “(δόξης) da (δόξης) *glória* (τοῦ) do (Χριστοῦ) senhor (ἡμῶν) nosso (Ἰησοῦ) *jesus* (Χριστοῦ) *cristo*”.

A variante é testemunhada nos manuscritos minúsculos 614, 630,1505. Encontram-se em todas as versões siríacas e em vários manuscritos na versão copta saídica, e na versão copta boáirica, além dos mencionados, outros manuscritos divergem do texto majoritário.

Somente as cinco primeiras palavras “(τοῦ) do (Κυρίου) senhor (ἡμῶν) nosso (Ἰησοῦ) *jesus* (Χριστοῦ) *cristo* (τῆς)” estão no manuscrito cursivo 33, testemunhado por poucos manuscritos, além de um manuscrito na versão vulgata, que difere do texto majoritário.

2.2.2.2 Versículo 2,2

Houve inserção da palavra (τὴν) “a” antes da palavra (συναγωγὴν) “sinagoga”. A variante é testemunhada nos manuscritos maiúsculos (κ)² (leitura do segundo corretor), A e P, nos manuscritos minúsculos 33, 1739, no texto majoritário. Os manuscritos que apoiam a versão de Nestle e Aland (2006) são os Unciais κ^{*} (texto

original) B, C e Ψ, os minúsculos 630 e 1505. Poucos manuscritos, além dos citados, diferem do texto majoritário.

2.2.2.3 Versículo 2,3

- a) A frase “(ἐπιβλέψητε) vós lançardes olhar (δὲ) também”, é substituída por “(καὶ) e (ἐπιβλ) olhar/considerar/cuidar”.

A variante é testemunhada pelos manuscritos maiúsculos κ e A, o minúsculo 33, o texto majoritário e uma parte dos manuscritos na versão copta boáirica. As testemunhas que apoiam a versão de Nestle e Aland (2006) são os Unciais B, C, P e Ψ, os minúsculos 614, 630, 945, 1241, 1505 e 1739. Poucos manuscritos, além dos já citados, diferem do texto majoritário. Encontram-se também no códice latino ff na tradução síriaca heracleana.

- b) Houve inserção da palavra (άντω) “mesmo/de mim mesmo” após o texto “(τὸν) ο (φοροῦντα) que traz (τήν) a (ἔσθητα) veste (τήν) a (λαμπράν) brilhante (καὶ) e (εἶπητε) disserdes”.

A variante é testemunhada pelos manuscritos maiúsculos P, minúsculo 1739, o texto majoritário e a vulgata edição clementina, síriaca peshita e todos os manuscritos da versão copta. Os manuscritos que apoiam a versão de Nestle e Aland (2006) são o Papiro 74 (não assegurado totalmente) os Unciais κ, A, B, C e Ψ, os minúsculos 33, 81, 614, 630 e 1505.

Poucos manuscritos, além dos já citados, diferem do texto majoritário, também encontrada no códice latino ff, na tradução da vulgata nas edições de *Stuttgartiensis* e *Wordsworth, White* e outros, bem como na síriaca *heracleana* e em vários manuscritos na versão copta boáirica.

- c) A ordem das palavras, “(ἐκεῖ) ali (ἦ) ou (κάθου) senta/inicia o ato de sentar” encontram-se na seguinte forma: “(ἦ) ou (κάθου) senta/inicia o ato de sentar (ἐκεῖ) ali” no manuscrito maiúsculo P, nos minúsculos, 945, 1241, 243, 1739 e poucos manuscritos, além dos já citados, diferem do texto majoritário, também encontrada no códice latino ff e na versão copta saidica.

A segunda leitura dessa unidade propõe a seguinte tradução: "(ωδε) aqui (ἦ) ou (κάθου) senta/inicia o ato de sentar (έκει) ali", com o acréscimo de (ωδε) "aqui". Testemunhada pelo manuscrito maiúsculos 365.

A terceira leitura propõe a seguinte tradução: "(έκει) ali (ἦ) ou (κάθου) senta/inicia o ato de sentar (ωδε) aqui". Testemunhada no Papiro 74 (não assegurado totalmente) os Unciais κ (C²) (leitura do segundo corretor com pequenas divergências em relação ao texto) e P, no texto majoritário, na versão siríaca peshita e na versão copta boáirica. Os manuscritos que apoiam o texto de Nestle e Aland (2006) são os maiúsculos A, (C*) (texto original do manuscrito, com pequenas divergências), Ψ, os minúsculos 33, 81, 614, 630, 1505, poucos manuscritos, além dos já citados, diferem do texto majoritário, também encontrada na vulgata, na versão siríaca heracleana e Cirilo, de Alexandria.

- d) A palavra (ὑπò) "abaixo" é substituída pela (έπι) "sobre", "em cima de", "em". A variante é testemunhada nos manuscritos maiúsculos B (leitura do segundo corretor), P, Ψ, nos minúsculos 33, 323, 614, 630, 945, 1505, 1739, além dos mencionados, por outros manuscritos que divergem do texto majoritário, um manuscrito da vulgata, na versão siríaca heracleana e a na versão copta saídica.

Os manuscritos que apoiam o texto de Nestle e Aland (2006) são os Unciais κ, A, B* (texto é original), C e 049, o texto majoritário e os manuscritos latinos antigos e a vulgata.

- e) A palavra (μου) "meu" é substituída por (των ποδων μου) "meus pés". A variante é testemunhada pelos manuscritos maiúsculos A (apresentando pequena divergência com (σon) "teu") minúsculo 33 e versão da vulgata.

2.2.2.4 Versículo 2,4

A palavra (ού) "não" é substituída por (και) "e" (ού) "não". A variante é testemunhada pelos manuscritos maiúsculos P e o texto majoritário.

A segunda leitura da unidade propõe a substituição de (οὐ) “não” por (καὶ) “e”, sendo testemunhada pelos manuscritos minúsculos 322 e 323. Poucos manuscritos, além dos já citados, diferem do texto majoritário.

A terceira leitura da unidade propõe a substituição (οὐ) “não” pelo adverbio de negação (οὐχί), “não”, “de jeito nenhum”, palavra interrogativa em questões que esperam uma resposta afirmativa. Testemunhada pelo manuscrito maiúsculos Ψ.

O manuscrito maiúsculo B (texto original) omite a palavra (οὐ) “não”. Testemunhado no maiúsculo 1852, poucos manuscritos, além dos já citados, diferem do texto majoritário, encontrada no códice latino ff.

Os manuscritos que apoiam Nestle e Aland (2006) são os Unciais κ, A, B* (texto é original) e C, os minúsculos 33, 81, 614, 630, 945, 1241, 1505 e 1739, e além dos mencionados, por outros poucos manuscritos que divergem do texto majoritário.

2.2.2.5 Versículo 2,5

- a) As palavras (τῷ) “no” (κόσμῳ) “mundo” são substituídas por (ἐν) preposição com dativo mais comum no Novo Testamento, utilizada com grande variedade de sentidos, dos quais os seguintes são típicos: *de lugar, de tempo*, expressando meio ou instrumento “com”, “em”, “por”, e vários outros usos.

A variante é testemunhada pelo manuscrito maiúsculo K, os minúsculos 322 e 323. Poucos manuscritos, além dos já citados, diferem do texto majoritário, também encontrada na vulgata com pequenas divergências em relação ao texto.

A segunda leitura da unidade propõe a substituição das palavras (τῷ) “no” (κόσμῳ) “mundo” por (τοῦ κόσμου) “bens materiais”, isto é, pobre em bens materiais. A variante é testemunhada pelo manuscrito 61 (encerra o manuscrito que acrescenta a variante e ainda outros manuscritos divergem do texto majoritário, além do mencionado), os maiúsculos A e C (ambas as leituras do segundo corretor), P, Ψ, o texto majoritário, no códice latino ff, na aparentemente derivação da versão copta e do pai da igreja Prisciliano.

Os manuscritos que apoiam o texto de Nestle e Aland (2006) são os Unciais κ , A*, C* (ambos textos originais) e B, os minúsculos 33, 945, 1241 (com pequenas divergências), e 1739, além dos mencionados, por outros poucos manuscritos que divergem do texto majoritário.

- b) A palavra "reino" (*βασιλείας*) é substituída por (*επαγγελίας*) "promessa", "o que foi prometido". A variante tem paralelo em Hebreus 6,17, é testemunhada pelos manuscritos Unciais κ^* (texto original) e A.

2.2.2.6 Versículo 2,6

- a) A palavra (*ουχ*) "não" é substituída pelo advérbio de negação (*ουχί*) "não", "de jeito nenhum", palavra interrogativa em questões que esperam uma resposta afirmativa. A variante é testemunhada pelos manuscritos maiúsculos A, C*^{vid} (não assegurado totalmente, ressaltando que o texto é original), os minúsculos 614, 630, 1505. Outros manuscritos divergem do texto majoritário. Todos os manuscritos são da versão siríaca.

A segunda leitura da unidade propõe a substituição da palavra "não" (*ουχ*) por (*ουχί*) "não" (*και*) "e". Testemunhada pelo Papiro 74^{vid} (não assegurado totalmente), pelo maiúsculo Ψ .

Os manuscritos que apoiam o texto de Nestle e Aland (2006) são os Unciais κ , B, C² (leitura do segundo corretor) e 049, os minúsculos 33, 1739, 1241, texto majoritário e todos os manuscritos da versão latina.

- b) A palavra (*ὑμῶν*) "vós/vosso" é substituída por (*υμας*) "vós/vocês". A variante é testemunhada pelo Papiro 74, pelos manuscritos Unciais X^* (texto é original) e A, poucos manuscritos, além dos já citados, diferem do texto majoritário e encerra o manuscrito 623 que suprime a variante.

2.2.2.7 Versículo 2,7

A palavra "não" (*οὐ*) é substituída por (*καί*) "e". Testemunhada pelo Papiro 74, pelos manuscritos Unciais A e Ψ, pelos minúsculos 33, 81, 614, 630, 1505, além dos mencionados, por outros manuscritos que divergem do texto majoritário e a versão síriaca heracleana.

2.2.2.8 Conclusão

Após a verificação do aparato crítico de Tiago 2,1-7, é possível observar que em grande parte das variantes textuais não se tem problemas relevantes e que, portanto, possam indicar alguma forma diferente de significado e tradução do texto grego trabalhado. Porém, a seguir, tem-se uma descrição de duas variantes com possibilidades de análise e intervenção na hermenêutica decorrente.

- 1) Versículo 2,1 – *Ἀδελφοί* (“Irmãos”) *μου*, (“meu”), *μὴ* (“não”) *ἐν* (“em”) *προσωπολημψίαις* (“parcialidade/distinção de pessoas”) *ἔχετε* (“tenhais/continuais a ter”) *τὴν* (“a”) *πίστιν* (“fé”) *τοῦ* (“do”) *Κυρίου* (“Senhor”) *ἡμῶν* (“nosso”) *Ἰησοῦ* (“Jesus”) *Χριστοῦ* (“Cristo”) *τῆς* (“da”) *δόξης*. (“Glória”).

A ordem do texto sugerido na primeira e segunda variante do versículo remete a questão disputada quanto ao termo *δόξης* (“glória”). Enquanto a segunda variante omite a palavra *δόξης* (“da glória”), a primeira, reforça e fica mais claro o entendimento que a *δόξης* (“glória”) remete ao sujeito *Ἰησοῦ* (“Jesus”) na expressão “*da glória do senhor nosso Jesus Cristo*” (*τῆς δόξης τοῦ Κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ*).

Muito provavelmente, o termo *δόξης* (“glória”) deve ser entendido em conjunção com o vocábulo *Κυρίου* (“Senhor”), embora não pareça ser o caso, quando julgado a ordem das palavras (CHAMPLIN, 1985, p. 35). Isso fica claro quando se considerando-se *δόξης* (“glória”) um genitivo de descrição ligado a *Κυρίου* (“Senhor”), outra via é considerar *τῆς δόξης* (“da glória”) como um título independente de Jesus, mas não há paralelos que justifique essa tese (MOO, 1990, p. 88).

Algumas traduções (TEB, TNVI) já trazem textualmente: “nosso glorioso Senhor Jesus Cristo” ou “Jesus Cristo Senhor da glória” (TBJ, TARC). Contudo, o termo “Senhor” antes da “glória” não se encontra em muitos manuscritos.

Ao analisar os testemunhos apresentados pela variante e aqueles que favorecem ao texto de Nestle e Aland (2006), os critérios de evidências quantitativas fazem escolher o texto original.

2) Versículo 3 – ἐπιβλέψητε (“vós lançardes olhar”) δὲ (“também”) ἐπὶ (“sobre”) τὸν (“o”) φοροῦντα (“que traz”) τὴν (“a”) ἔσθῆτα (“veste”) τὴν (“a”) λαμπρὰν (“brilhante”) καὶ (“e”) εἶπητε (“disserdes”) Σὺ (“tu”) κάθου (“senta/inicia o ato de sentar”) ὧδε (“aqui”) καλῶς (“deste modo bem/honorável”), καὶ (“e”) τῷ (“ao”) πτωχῷ (“pobre”) εἶπητε (“disserdes”) Σὺ (“tu”) στῆθι (“fica de pé”) ἐκεῖ (“ali”) ἢ (“ou”) κάθου (“senta/inicia o ato de sentar”) ὑπὸ (“abaixo”) τὸ (“do”) ὑποπόδιόν (“lugar de colocar o pé/escabelo”) μου (“meu”).

O aparato aponta quatro variantes para os advérbios ὧδε (“aqui”), ἐκεῖ (“ali”) e ὑπὸ (“abaixo”) no texto Σὺ στῆθι ἐκεῖ ἢ κάθου ὑπὸ τὸ ὑποπόδιόν μου (“tu fica de pé ali ou senta/inicia o ato de sentar abaixo do lugar de colocar o pé/escabelo meu”) onde o pobre deveria estar e/ou sentar, essas formas trazem significados diferentes em relação ao pobre no texto.

A forma que melhor explica o surgimento das demais é “(ἐκεῖ) ali (ἢ) ou (κάθου) senta/inicia o ato de sentar (ὧδε) aqui”. Essa variante é tida como a que melhor explica a proximidade de quem fala, é uma tentativa de tornar explícito o que está implícito no texto, Pelo número de testemunhas e levando em consideração que, ὧδε (“aqui”) cria um melhor paralelismo, é uma provável alternativa que se possa oferecer na localização do pobre na cena, embora não seja original (OMANSON, 2010, p .489).

Para Champlin (1995, p. 34), a palavra inserida ὧδε (“aqui”) conta com algum apoio textual, impressionante e variado, incluindo os manuscritos alexandrinos, porém, não corresponde ao original, mas antes, é uma glosa escribal que dá um melhor paralelismo e que define melhor o ὧδε (“aqui”), referente ao local onde o pobre deveria sentar.

Os manuscritos B. 231 e alguns poucos outros, dizem *ἐκεῖ* ("ali"), juntamente com a ideia de assentar-se, ao invés de com a ideia de ficar em pé, como se tivéssemos a frase: "Fica de pé, ou assenta-te ali a meus pés". Isso, talvez, seria uma tentativa de forçar o paralelismo (sentar-se, em oposição ao ficar de pé), sem a adição da palavra *ωδε* ("aqui").

A forma do texto de Nestle e Aland (2006) pelos critérios internos fazem o escolher como texto original, embora o texto mais longo, o primeiro mencionado, tenha dado origem às duas modificações decorrentes.

2.3 ANÁLISE LITERÁRIA

Dentro dos passos exegéticos, a análise literária compreende as tarefas de delimitar e estruturar o texto pesquisado, verificar sua coesão interna e constatar se faz ou não uso de fontes bíblicas ou extra bíblicas em sua constituição. Neste sentido, procura estudar o texto como unidade literária formulada e acabada (WEGNER, 2002, p. 325).

Os textos neotestamentários são resultados de um processo de elaboração e reelaboração e transmissão oral e escrita que se prolongou durante o tempo, por isso refletem situações que conservam os vestígios de sua origem. Assim, "para o exegeta, tais observações sobre o texto constituem indícios que lhe permitem percorrer novamente as etapas da formação do texto" (EGGER, 1994, p. 37-41).

Nessa "reconstrução da história do texto" embora tenhamos optado por seguir os passos metodológicos de Wegner (2002, p. 325), os outros autores e termos também serão usados no diálogo organizacional ao longo da execução da análise. Para essa reconstrução de Tiago 2,1-7, a análise literária foi assim desenvolvida: a) delimitação do texto, b) verificação da sua estrutura, b1) subdivisão do texto, b2) paralelismos b4) palavras repetidas e c) uso das fontes alheias ao conteúdo.

Cabe ressaltar que optamos por não fazer uso de um estudo específico para integridade e coesão interna, pois estes ficam perceptíveis nos passos abordados, também será nas reflexões sobre o uso das fontes que vamos incluir algumas observações sobre a análise redacional.

2.3.1 Delimitação do texto

Quando vamos analisar a perícope de Tiago 2,1-7, é preciso levar em consideração o fato de que nem esse texto, e nem outro conteúdo bíblico, originariamente foram divididos em versículos e capítulos, mas escritos de forma contínua e sem espaços (WEGNER, 2002, p. 84). Tais artifícios acrescentados ao texto sagrado, embora idealizados com o objetivo de facilitar a pesquisa, podem induzir as delimitações artificiais que destoam da intencionalidade original da mensagem do texto.

Nesse sentido, as variadas edições bíblicas já trazem os livros divididos em perícopes, cada uma delas trazendo um título definido pelos editores, assim, podem ocorrer dois fenômenos. Pode-se quebrar uma unidade textual, ou unir perícopes que deveriam ter sido separadas e encontram-se agrupadas sob o mesmo título (SILVA, 2009, p. 68).

Assim, a tarefa da delimitação começa por identificar no texto, uma unidade literária autônoma de sentido, definindo seu início e fim na formação de um todo coeso e identificável, de modo que o conteúdo seja claro, diferenciando-se da mensagem dos textos anteriores e posteriores.

Dessa forma, deve se delimitar uma seção que tenha em si mesma coesão e coerência textuais, sentido completo, e mensagem própria e característica, distintas das outras perícopes que a delimitam (WEGNER, 2002, p. 85-86, 99).

Partiremos de uma visão geral com as prováveis divisões da epístola de Tiago, para, então, nos determos aos detalhes característicos e marcos delimitatórios do capítulo 2 de Tiago e, em seguida, mais especificamente os vv.1-7.

Segue abaixo alguns esboços e variações de entendimento na visão geral de todos os cinco capítulos de Tiago, esses esboços seguem o entendimento de Carson, Vaage, Archila, e Moo sobre a divisão macro da epístola.

Quadro 8 – Visão geral de algumas divisões da epistola de Tiago.

Autor	Descrição
Carson, Moo e Morris (1997, p. 452)	a) 1,1-18 - Provações e maturidade cristã b) 1,19 - 2-26 - Cristianismo verdadeiro visto em suas obras 1,19-27 - “palavra [de Deus]” 2,1-13 - “lei” 2,14-26 - “obras” c) 3,1- 4-12 - Dissensões dentro da comunidade d) 3,13-4,10 - Implicação de uma cosmovisão cristã e) 5,12-20 - Exortações finais
Vaage (1998, p. 112-113)	a) 1,1-27 - Introdução b) 2,1-26 - Em termos de riqueza 2,1-13 - “a discriminação contra os pobres” 2,14-26 - “a fé carente de obras” c) 3,1-12 - Acerca da língua d) 3,13-4,10 - Sabedoria/relação divina e) 4,11-17 - Acerca da língua f) 5,1-6 - Em termos de riqueza
Archila (1998, p. 46-47)	a) 1,1-18 - Feliz é o homem que suporta a prova. b) 1,19-27 - Seja cumpridor da palavra... a qual pode salvar... a lei perfeita, a da liberdade. c) 2,1-26 - Não tenhais acepção de pessoas na fé... a lei da liberdade 2,1-13 - “não ter acepção de pessoas na fé, cumprir a lei régia” 2,14-26 - “a fé sem obras está morta, pode a fé salvar?” d) 3,1-5,6 - O que não há que cumprir para poder salvar a vida... não éreis cumpridores da lei. e) 5,7-20 - Felizes os que perseveraram... no sofrimento
Moo (1990, p. 55)	a) 1.2-18 - Declaração de abertura b) 1.19-2.26 - Praticantes da palavra... religião pura 1,19-20 - “uma exortação quanto ao falar e à ira” 1,21-27 - “tornai-vos, pois, praticantes da palavra” 2,1-13 - “a imparcialidade e a lei do amor” 2,14-26 - “a fé que salva” c) 3.1-4.12 - Sabedoria terrena d) 4.13-5.11 - A vida nos últimos dias e) 5.12-20 - A parte final

Fonte: Dos autores.

Segundo Marconi (1987, p. 250), na história interpretativa do capítulo 2 de Tiago, alguns estudiosos tentaram superar a divisão operada pelo conteúdo aparente verificado na epístola. Tal esforço, no entanto, não pode ignorar o nível de arquiteturas formais a partir do qual deve emergir uma possível orientação do conteúdo.

Neste sentido, o capítulo dois aponta para uma divisão clássica em duas perícopes de 13 faixas cada (vv.1-13 e vv. 14-26), bem demarcados pelo seu início e final, com uma precisão de gênero que se postos em paralelo, faz suspeitar da presença uma “mão redacional” (MARCONI, 1987, p. 250).

Pelo teor aparente, é possível verificar a delimitação do capítulo 2 de Tiago nas perícopes sugeridas dos vv.1-13 e vv. 14-26. Observando a divisão macro da epístola, e ainda levando em consideração a maioria dos comentários do Novo Testamento em bíblias modernas, constatamos que o texto que trata sobre o pobre em um contexto de discriminação e parcialidade (vv. 1-7), encontra-se inserido na delimitação dos vv.1-13.

A seguir, é possível observar a delimitação dos vv. 1-13 primeiro e após a delimitação na perícope a ser trabalhada dos vv. 1-7. A delimitação do texto dos vv. 1-13 é aparentemente simples. Isso se deve ao fato de que o v.1 e o v.14 apresentam marcas formais e características de início de uma nova perícope dentro do contexto abordado.

Variadas são as marcas para verificação da veracidade dessa limitação, porém, nos restringimos a constatar o que se segue, como as características textuais que indicam uma unidade autônoma de sentido para o texto pesquisado.

2.3.1.1 Limites na perícope de 2,1-13

Em Tiago 2,1, a primeira característica de limite é a introdução de um novo assunto caracterizado pelo início da frase “Irmãos” (*Ἀδελφοί*) “meu” (*μου*) – termo utilizado como artifício literário muito comum na epístola para indicar uma transição (CHAMPLIN, 1980, p. 534). Tiago usa 19 vezes esse termo. O autor insere a expressão no início do parágrafo, a fim de chamar atenção no momento de apresentar um novo assunto (BECQUET et al., 1991, p. 36).

A segunda característica é a mudança de assunto em si, uma temática nova, a advertência para que não haja “parcialidade/distinção” (*προσωπολημψίαις*) com as pessoas. É a partir dessa afirmação que os versículos subsequentes vão desenvolver o tema como variação da mensagem principal, incluindo uma mudança de gênero para narrativa (v.2-4).

2.3.1.2 A perícopos anterior (1,22-27)

O contexto anterior imediato aborda um assunto próprio sobre o verdadeiro acolhimento da palavra de Deus, e que tem relação com a prática da própria palavra (CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 453): é a relação entre ser ouvinte e praticante, que no caso da religião pura é, “cuidar dos órfãos e viúvas”.

Observamos que essa exortação tem continuidade no capítulo 2. O que aparece como ruptura de um texto para outro, que vai além do vocabulário de transição da frase “Irmãos” (*Ἀδελφοί*) “meu” (*μου*), é a modificação no assunto abordado.

2.3.1.3 A perícopos posterior (2,14-26)

No contexto posterior, o tema também é alternado e passa a tratar da relação da fé com as obras, iniciando a frase de forma idêntica ao v.1, com o mesmo imperativo “Irmãos” (*Ἀδελφοί*) “meu” (*μου*), que do mesmo modo, demarca a introdução do novo assunto. Assim, os v.1 e v.14 possuem idênticos aparatos delimitatórios, evidenciando que nas duas perícopes a relação principal é a mesma.

Além da apóstrofe comum, ambas estabelecem a respectiva temática com uma contraposição, os termos em questão são “favoritismo” e “fé” v.1-13 e “fé” e “obras” v.14-26. O primeiro termo é a temática da faixa e o segundo sua explicação, essa contraposição é determinante no processo cognitivo, tornando-se critério de conhecimento, organização e coerência da perícopos, pois o segundo termo é determinante para o conhecimento do primeiro (MARCONI, 1987 p. 252).

2.3.1.4 Limites na perícope de 2,1-7 e perícope anterior

O texto proposto para análise (2,1-7) faz parte de uma seção maior (2,1-13), da qual já vimos as características que justificam a delimitação da perícope anterior (1,22-27). Portanto, com essa delimitação já realizada, a seguir, tem-se a verificação da limitação na perícope posterior do texto determinado para a pesquisa.

2.3.1.5 A perícope posterior (2,8-13)

Verificamos como marco delimitatório o uso da partícula conectiva *μέντοι*, que pode ser traduzida por um termo enfático “contudo”, “se de fato”, “todavia”, utilizada nesse caso como uma conjunção coordenativa conclusiva, essa conjunção torna-se característica delimitatória, pois apresenta um contraste com o contexto anterior, nesse caso, a expressão “se contudo” refere-se ao que desprezou o pobre.

A antítese que caracteriza o início de nova perícope é o que torna contrário a discriminação (vv.1-7), ou seja, a perícope posterior aborda as consequências da atitude discriminatória, observadas na lei real, que resulta em pecado, transgressão e juízo.

2.3.1.6 Resumo da delimitação do texto

A delimitação de Tiago capítulo dois justifica-se como duas unidades autônomas de sentido em nível macro, ficando nossa proposta de delimitação assim identificada: a) 2,1-13 discriminação do pobre na sinagoga e a lei real; b) 2,14-26 na relação entre fé e obras.

Para o texto de Tiago 2,1-7, que se encontra dentro da perícope de 2,1-13, tem-se a seguinte divisão delimitada: a) 2,1-7 discriminação do pobre dentro da sinagoga; b) 2,8-13 as consequências das atitudes discriminatórias sob a lei real.

2.3.2 Estrutura de Tiago 2,1-7

A verificação da estrutura do texto tem por objetivo buscar a familiarização com as disposições externas do conteúdo, sem o exame acurado da mensagem, ou seja, verificar aspectos unicamente concedidos na atenção às partes exteriores.

Assim, é possível averiguar as subdivisões dadas pelo conteúdo, paralelismos ou estruturas simétricas, identificando as palavras, expressões e assuntos repetidos, permitindo “amarrar” sua conexão e relacionamentos identificáveis no texto (WEGNER, 2002, p. 88).

Porém, cabe observar que não são poucos os biblistas que consideram que a epístola de Tiago não possui estrutura literária alguma. Segundo Moo (1990, p. 36), um aspecto bem conhecido de Tiago é o desprendimento de sua estrutura, várias partes desenvolvem um assunto único relativamente extenso, mas em sua maior parte é composta de dizeres ou parágrafos curtos, aparentemente independentes e breves. Sobretudo, “é sempre difícil discernir qualquer relação lógica entre uma parte e outra” (MOO, 1990, p. 36).

De acordo com Grönzweig (2008, p. 12), não foi descoberto na epístola de Tiago nenhum pensamento grande que a perpassa. Segundo aquele autor, “violentamos a carta quando tentamos sistematizá-la” (GRÜNZWEIG, 2008, p. 12). Ainda sobre a questão, Carson, Moo e Morris (1997, p. 453) afirmam que Tiago é uma série de homilias sem muito relacionamento umas com as outras, sendo resistente a uma demarcação clara, porém possível de discernir seções gerais.

Em contrapartida, existem muitos biblistas e estudiosos que encontram em Tiago uma uniformidade de estrutura articulada com organização e temas bem-dispostos, identificam uma arquitetura que intenciona e uniformiza os assuntos com uma coerência interna cuidadosamente edificada, vendo a como um escrito longe de ser desordenado (CONTI, 1998, p. 22-23; MOO, 1990, p. 38; ARCHILA, 1988, p. 51).

2.3.2.1 Subdivisão

O texto de Tiago 2,1-7 apresenta quatro subdivisões, caracterizadas pela alternância entre gêneros narrativo e discurso direto, mudança de assunto e identidade gramatical que justificam uma nova subdivisão. Assim, encontramos as subdivisões que se seguem, que ajudam a estruturar o texto.

2.3.2.1.1 Primeira subdivisão

- V.1 – Os destinatários são advertidos quanto a proibição de serem parciais ou fazerem distinção entre pessoas, por aqueles que tem fé em Jesus Cristo, o uso da apóstrofe *Ἀδελφοί* (“Irmãos”) *μου*, (“meu”) introduz uma nova temática.

2.3.2.1.2 Segunda subdivisão

- Vv.2-3 – Caracterização de parcialidade ou distinção através de mudança de gênero, com a alternância do discurso para a narrativa da história dos dois personagens na sinagoga, o rico e o pobre. O texto faz uso de duas conjunções para mostra o nexos das partes (v.2a) *ἐὰν γὰρ* (“se pois”) para a entrada do homem com vestes resplandecentes na sinagoga e a segunda conjunção (v.2b) *δὲ καὶ* (“mas também”) para a entrada do pobre na sinagoga. E ainda, a conjunção (v.3) *δὲ* (“também”) para concluir a história com o rico sendo favorecido enquanto o pobre é tratado em atitude discriminatória.

2.3.2.1.3 Terceira subdivisão

- V.4 – Alternância do gênero da narrativa para o discurso, usando a técnica da retórica de forma acusativa. Tiago volta o discurso diretamente aos destinatários, fazendo uso da expressão de forma negativa. Se nos vv. 2-3, o autor faz a narrativa da história, no v.4, ele apresenta a motivação e afirmação acusatória em relação aos destinatários como consequência da narrativa.

2.3.2.1.4 Quarta subdivisão

- Vv.5-7 – O uso de linguagem direta com o aoristo *Ἀκούσατε* (“escutai”), que além de marcar uma divisão literária é característica típica da diatribe (ROPES, 1991, p.195), usa o apóstrofe *Ἀδελφοί* (“Irmãos”) *μου* (“meu”), para caracterizar o reforço e ênfase dentro do assunto, porém, modificando o conteúdo. Os assuntos relacionados dessa subdivisão expõem três atitudes

distintas: a) a atitudes de Deus com os pobres (v.5); b) a atitude dos destinatários com o pobre; e, c) a atitude dos ricos para com os destinatários.

2.3.2.1.5 Esquematização da estrutura

Para uma melhor visualização da subdivisão, foi esquematizado a estrutura conforme o que se segue:

- I. A advertência aos destinatários para não serem parciais com as pessoas (v.1);
- II. Caracterização da parcialidade através do rico e do pobre:
 - I.1 – A introdução do rico e do pobre na sinagoga (v.2);
 - I.1.1 – Apresentação das vestes do rico (v.2a);
 - I.1.2 – Apresentação das vestes do pobre (v.2b);
 - II.2 – O convite para o rico e para o pobre tomarem lugar (v.3);
 - II.2.1 – A escolha do bom lugar para o rico (v.3a);
 - II.2.2 – A escolha do lugar desonroso para o pobre (v.3b);
- III. Revelação e acusação da discriminação:
 - III.1.1 – A pergunta acusativa que revela a discriminação (4a);
 - III.1.2 – O motivo da discriminação do pobre (4b);
- IV. A comparação das atitudes de Deus, dos destinatários e dos ricos:
 - IV.1 – Apresentação da atitude de Deus em relação aos pobres (5a);
 - IV.1.1 – Justificativa da escolha de Deus pelos pobres (5b);
 - IV.2 – Apresentação da atitude dos destinatários com o pobre (6a);
 - IV.3 – Apresentação da atitude dos ricos (6b);
 - IV.3.1 – Apresentação da atitude de opressão (6b);
 - IV.3.2 – Apresentação da atitude de blasfêmia (7).

2.3.2.2 Estrutura simétrica concêntrica

A estrutura concêntrica é uma forma característica de expressão dos povos do Oriente Médio, encontrada especialmente na literatura hebraica. Tal estrutura se caracteriza por apresentar elementos equidistantes do centro comum (WEGNER, 2002, p. 92), partindo de um início em direção ao centro. Neste sentido, aquilo que é mais importante no texto, o que se deseja transmitir, está no meio, no centro, para, em seguida, retornar para trás, ao ponto de partida.

Os gregos e nossa cultura ocidental, de raízes gregas, desenvolvem a sua forma de pensar “para frente” para chegar a uma conclusão. Nesta forma oriental de expressão, a “conclusão” está no meio como o próprio nome indica (CONTI, 1999, p. 8).

A Figura 4 e a análise que se seguem evidenciam a proposta da estrutura concêntrica de Tiago sugerida por Cristina Conti (1999, p.9). Tomamos por referência principal essa estrutura, porém tanto a estrutura quanto a análise foram adaptadas para o estudo da perícopes de 2,1-7.

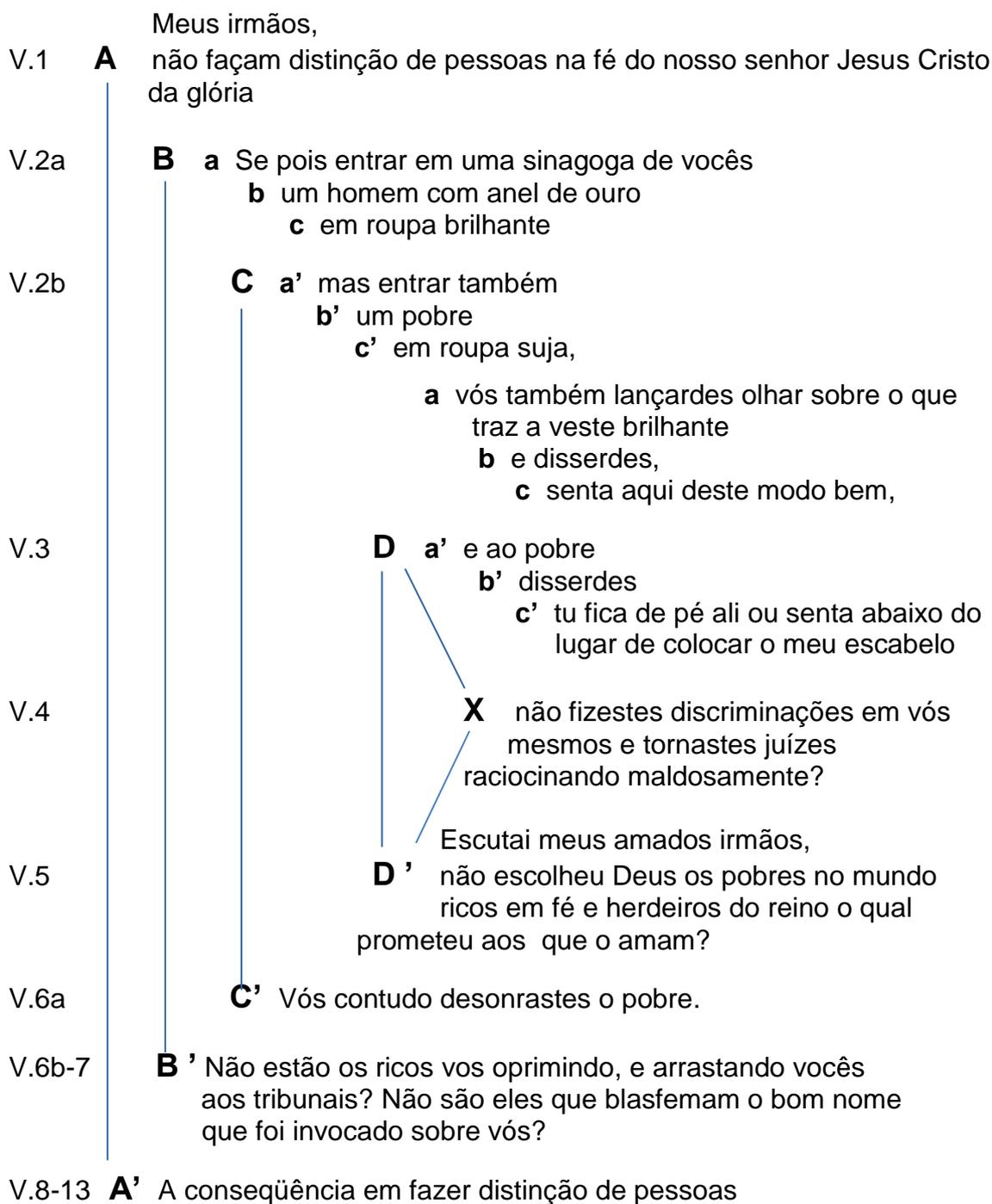


Figura 4 – Estrutura simétrica concêntrica do texto de Tiago 2,1-7.

Fonte: Adaptado de Conti (1999, p. 9).

2.3.2.2.1 Análise da estrutura simétrica

Na análise da estrutura simétrica do texto, é possível verificar as conexões e nexos de relacionamentos identificáveis na perícope. Assim, faz-se importante visualizar uma simetria equidistante com vários elementos do centro comum. O

centro (**X**) tem sua própria estrutura, também concêntrica, deixando claro que o que está no v.4 é aquilo que de principal o autor desejou transmitir na mensagem.

Neste sentido, a partir do centro (**X**), tem-se a referência ao pobre discriminado no texto. A temática do rico e do pobre no presente contexto pode ser vistas em detalhes simétricos, evidenciando um jogo de palavras estruturais sobre os termos que a eles se referenciam. Em apenas três (**A**, **X** e **A'**) das nove partes desta estrutura não é citado direta ou indiretamente o rico ou o pobre. Nas demais, existem quatro citações que se referem ao(s) rico(s) (**B**, **C**, **D'**, **B'**), e quatro que se referem ao(s) pobre(s) (**C**, **D**, **D'**, **C'**).

a) Simetria entre **A** e **A'**

Nos extremos da estrutura, em **A** e **A'**, o autor adverte sobre a parcialidade ou a distinção entre pessoas em **A** e a conseqüência dessa prática discriminatória em **A'**. Tendo como conseqüência a transgressão da lei (vv. 8-13), isto é, a transgressão da lei nesse caso, refere-se à discriminação com as pessoas, tema desenvolvido em toda estrutura dos vv.1-7.

Ainda nos extremos (**A** e **A'**), neles se tem um novo tema. A introdução para o caso de **A** pode ser vista na relação com o capítulo anterior do texto, que é construído também com imperativos e faz uso do termo “meus irmãos” (*ἀδελφοὶ μου*) por três vezes (1,3, 1,15 e 1,19). A novidade agora é a introdução do tema da “parcialidade/distinção” (*προσωπολημψίαις*).

Em **A'**, o novo assunto se dá na conseqüência na discriminação do pobre, que faz conexão direta com a inserção dos assuntos dos vv.8-13, da lei régia, pecado e transgressão da lei, bem como juízo, tendo como origem a parcialidade ou discriminação de pessoas.

b) Simetria entre **B** e **B'**

Na simetria em relação ao(s) rico(s) temos que, tanto **B** quanto **B'**, se referem ao(s) rico(s). Porém, é preciso observar que não se trata dos mesmos ricos em relação ao texto da perícopes. O hipotético rico de **B** seria alguém específico que entra na reunião e é tratado com deferência, enquanto os ricos de **B'** estão

exercendo para o texto a função de opressores e blasfemadores – algo que contrasta com a intenção do rico que entra na sinagoga.

c) Simetria entre **C** e **C'**

Em relação ao pobre, encontramos a simetria em **C** e **C'** e **D** e **D'**. No primeiro caso, o termo “pobre” se refere à mesma classe de pobre (*πτωχός*) encontrado no Novo Testamento, que possui características específicas. O pobre que entra na sinagoga **C** é o mesmo que foi desonrado (*ἡτιμάσατε*) em **C'** pelos destinatários.

d) Simetria entre **D** e **D'**

Quanto ao pobre de **D** e os pobres de **D'**, embora a referência seja a mesma classe de pobre (*πτωχός*), a primeira situação é direta ao pobre que entra na sinagoga, e a segunda, aos pobres em geral, incluindo este. Porém, o que chama atenção na estrutura é a antítese da atitude discriminatória na sinagoga em relação ao pobre (**D**) e a atitude de Deus em escolhê-los como herdeiros do reino (**D'**).

e) Simetria entre **B (a, b, c)** e **C (a', b', c')**

O autor faz uma construção para entrada (**a, a'**) na sinagoga, a qualificação pessoal (**b, b'**) e o tipo das roupas (**c, c'**) de ambos os personagens. Outra observação em relação a essa microestrutura é que, ao fazer a descrição das roupas dos personagens, o autor inverte a ordem dos substantivos e adjetivos formando um quiasmo, conforme se segue:

α roupa

β brilhante

β' suja

α' roupa

Tal recurso permite enfatizar o adjetivo “sujo” (*ρυπαρᾶ*), que qualifica a roupa do pobre. Ao repetir no versículo seguinte a descrição da roupa do rico, se forma uma microestrutura concêntrica, que enfatiza a diferença, conforme se segue:

a roupa brilhante

x roupa suja

a' roupa brilhante

f) Simetria entre **C (a, b, c)** e **D (a', b', c')**

Na microestrutura de **C (a, b, c)** e **D (a', b', c')**, a palavra *ἐπιβλέψητε* (“lançando olhar sobre”) seguida pela preposição *ἐπὶ* (“sobre”) é a mesma que aparece como prefixo do verbo, ocorrendo aí uma repetição de termos. Tal repetição é utilizada quando se deseja enfatizar o efeito da preposição, ressaltando o olhar sobre “o que traz as vestes brilhantes”.

O convite ao rico para sentar, “aqui” (*ᾧδε*) “deste modo bem” (*καλῶς*), como indica o advérbio *καλῶς*, contrasta com o convite ao pobre para que fique de pé “ali” (*ἐκεῖ*), longe. Em tal jogo de palavras formam-se microestruturas. As ênfases nas preposições *ἐπὶ* (“sobre”) e *ὑπὸ* (“abaixo”) e as palavras *ἐπιβλέψητε* (“vós lançardes olhar sobre”) e *ὑποπόδιόν* (“lugar de colocar o pé/escabelo”) formam um quiasmo no contraste entre o baixo e alto, de melhor visualização em grego, conforme se segue:

α *ἐπιβλέψητε*

β *ἐπὶ* (sobre)

β' *ὑπὸ* (abaixo)

α' *ὑποπόδιόν*

Outra microestrutura se forma na questão do convite para sentar-se ou ficar de pé – “aqui” (*ᾧδε*) ou “ali” (*ἐκεῖ*). Na microestrutura a seguir, é possível perceber que entre β e β', o contraste é relativo à distância, enquanto entre γ e γ', o contraste se dá em relação à qualidade do lugar – bem ou mal.

	senta (κάθου)	α'
a	aqui (ἔδε)	β
	bem (καλῶς)	γ
	x fica de pé (στῆθι)	
	senta (κάθου)	α'
a'	ali (ἐκεῖ)	β'
	abaixo do lugar de colocar meu escabelo	γ'

g) Simetria entre **B, C, D**, e **D', C', B'**

Na estrutura referenciada por **B, C, D**, e **D', C', B'**, Conti (1988, p. 16), observa outra estrutura concêntrica para a relação entre ricos e pobres, conforme se segue:

α entra um homem com anel de ouro (v.2a)

β entra também um **pobre** (v.2b)

α 'o que traz a roupa brilhante[...]e disserdes senta tu aqui (v.3a)

β' e ao **pobre** disserdes, tu fica de pé ali ou senta abaixo (v.3b)

β'' não escolheu Deus os **pobres** no mundo (v.5b)

α ''como **ricos** em fé [...]? (v.5c)

β''' vós contudo desonrastes o **pobre** (v.6a)

α ''' não estão os **ricos** vos oprimindo[...]? (v.6b)

Na referida microestrutura, o termo “pobre” (*πτωχός*) aparece quatro vezes (β, β', β'' e β'''), e o termo “rico” (*πλούσιοι*) somente duas vezes (α'' e α'''), sendo uma delas utilizada como característica dos pobres “como ricos em fé” (*πλουσίους ἐν πίστει*). A referência exclusiva, a palavra “rico” (*πλούσιοι*), aparece somente uma vez, fazendo menção aos ricos em geral, e não do homem com anel de ouro e roupas brilhantes.

h) Simetria equidistante do centro **X**

Como centro da estrutura (**X**), o que levamos em conta ser a mensagem principal agrupa a parte inicial **A, B, C, D**, quando na forma de uma revelação acusatória (“Não fizestes discriminações [...]?”), onde Tiago associa diretamente o personagem que comete discriminação em relação ao pobre como sendo os próprios destinatários.

Igualmente, o redator agrupa **D', B', C', A'**, evidenciando que o resultado das atitudes descritas em **D, B, C, A** culmina na discriminação em relação ao pobre, tendo como fato motivador deste ato pelos destinatários o constante em **X** ([...] em vós mesmos e tornastes juízes raciocinando maldosamente?).

2.3.2.3 Expressões repetidas e relação de contraposição

A presença de expressões e termos que se repetem ou fornecem contraposição, são indícios que apontam para a mesma ideia na apresentação do assunto onde o autor deseja transmitir. Sustentando uma linha de pensamento pela ênfase, a presença de tais fatores contribui como subsídios que podem atestar a coesão e coerência textual, formando, do texto, um todo orgânico, bem como deve “constatar um assunto ou termo que o perpassa como um fio condutor” (WEGNER, 2002, p. 93).

Na perícopé analisada, é possível constatar tais fatores quando se observa a estrutura simétrica. Tem-se uma série de termos e expressões que perpassam todo o texto, sendo notadamente repetitivos e enfáticos, ou que formam estruturas simétricas contrapostas com objetivos específicos para o texto, ajudando a formar o todo coerente e orgânico. Neste sentido, a epístola de Tiago parece estar bem definida e amarrada nos vv.1-7.

2.3.2.3.1 Palavras repetidas

1. **Meus irmãos**, não tenhais **parcialidade** de pessoas na **fé** do nosso senhor Jesus Cristo da glória.
2. Se pois **entrar** em uma sinagoga de vocês um homem com anel de ouro em **roupa** brilhante mas **entrar** também um **pobre** em **roupa** suja,

3. vós também lançardes olhar sobre o que traz a **roupa** brilhante e **disserdes**, **senta** aqui deste modo bem, e ao **pobre disserdes** tu fica de pé ali ou **senta** abaixo do lugar de colocar o meu escabelo
4. Não fizestes **discriminações** em vós mesmos e tornastes juízes raciocinando maldosamente?
5. Escutai **meus** amados **irmãos**, não escolheu Deus os **pobres** no mundo **ricos** em **fé** e herdeiros do reino o qual prometeu aos que o amam?
6. Vós contudo desonrastes o **pobre**. Não estão os **ricos** vos oprimindo, e arrastando vocês aos tribunais?
7. Não são eles que blasfemam o bom nome que foi invocado sobre vós?

No texto em questão, é possível perceber que as palavras repetidas evidenciam uma linha de pensamento bem direcionada a quem Tiago chama de **meus irmãos** – pensamento exposto nas referências diretas e indiretas ao(s) **rico(s)** e **pobre(s)** sob o tema da **discriminação** na relação com a **fé**, evidenciando, assim, os personagens e as situações que o autor deseja tratar na mensagem.

A partir da linha geral, outras expressões se repetem e direcionam aos detalhes na história do pobre discriminado. Logo, tanto o rico quanto o pobre realizam uma **entrada** de modo convergente para dentro da sinagoga, têm as **roupas** enfatizadas, e ambos ouvem no texto um convite (**disserdes**) para **sentar** ou, no caso do pobre, com outra opção, ficar em pé.

Mais específicos ainda são os detalhes da contraposição entre o rico e o pobre (v.2-3) – detalhes evidenciados na análise da estrutura simétrica 2.3.2.2.1, itens e), f) e g), onde estas se referem especificamente às roupas: “roupa brilhante” e “roupa suja”, e localização: “sentar” e “fica de pé”, “aqui” e “ali”, “abaixo” e “acima”. Tais contraposições determinam e evidenciam a diferenciação e os destaques que o autor deseja fornecer para enfatizar a discriminação em relação ao pobre.

2.3.3 Uso de fontes escritas

Os redatores bíblicos podem fazer uso “texto alheio” ou de fontes externas bíblicas ou extrabíblicas para a formação da sua redação textual. Assim, o estudo do uso das fontes tem por objetivo detectar uma eventual utilização desse material e, se

necessário, apurar a natureza e o espaço que ocupam dentro do texto (WEGNER, 2002, p. 106).

A epístola de Tiago é objeto de ampla discussão sobre a sua relação com o uso de fontes escritas. Neste sentido, faz-se por bem expor, de forma concisa e obviamente sem esgotar o assunto, alguns pensamentos sobre esse uso na epístola, e posteriormente verificar tal possibilidade nos vv. 1-7.

2.3.3.1 Possíveis relações da epístola com fontes externas

Sobre a percepção sobre o uso das fontes em Tiago, o autor não faz um empréstimo direto de outras fontes, mas um partilhamento dos mesmos antecedentes. Os paralelos podem ser vistos na semelhança com os ensinamentos do Antigo Testamento, bem como no uso do vocabulário e de conceitos da antiga literatura judaica e no compartilhamento de palavras e ideias com outros ensinamentos e obras da literatura da época, sendo uma das fontes os ensinamentos de Jesus, sobretudo, no sermão do monte (CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 461).

Em tais paralelos, os estudiosos apontam o relato da literatura de sabedoria, Testamento dos XII patriarcas, Filo, Eclesiástico (Siraque) (CARSON; BEALE, 2014, p. 1223), 1 Pedro, o Pastor de Hermas e 1 Clemente, Didaquê e as cartas de Inácio (MOO, 1990, p. 37). Alguns eruditos têm considerado Tiago como um documento judaico ou identificam aquele escrito como uma carta judaica de Jacó às doze tribos, onde o editor cristão fez edições inserindo o nome de Cristo (ALLEN, 1987, p. 124).

Em relação à dependência direta de Tiago aos livros cristãos e judaicos, Moo (1990, p. 37) afirma que é quase impossível provar uma dependência direta em Tiago de algum livro; logo, “parece que esses livros utilizam uma tradição de ensino ético largamente difundida, provavelmente de origem greco-judaica”. Muitas outras sugestões a respeito das fontes em relação a Tiago têm sido propostas, mas nenhuma delas ganhou aceitação pelo fato de não lograr acordo em relação à natureza e à extensão das fontes.

Em relação às semelhanças de textos com o sermão do monte, Carson e Beale (2014, p. 1223) observam que tais instruções eram comuns e não podiam ser verificadas a dependência direta. O indício é que o autor fez uso de categorias bíblicas já filtradas da herança comum do ensino e da pregação da igreja primitiva, bebendo da mesma fonte nos ensinamentos de Jesus.

2.3.3.2 O uso das fontes no texto dos vv. 1-7

Quanto à perícopre de Tiago 2,1-7, listamos as possibilidades em que o autor possa ter utilizado as fontes de forma livre.

Em Tiago 2,5, Marconi (1989-1990, p. 13) observa que esta é uma referência a Lucas 6,20, embora outros considerem essa relação como uma dependência de Mateus 5,3. Já Croatto (1986, p. 24) atenta para a equivalência entre a promessa que reserva aos perseguidos por causa da justiça em Sabedoria 5,16, com o mesmo texto de Mateus 5,10 e Tiago 2,5.

- **Tiago 2,5:** “Escutai meus amados irmãos, não escolheu Deus os que para o mundo são pobres, para serem ricos em fé e herdeiros do Reino que prometeu aos que o amam?”
- **Lucas 6,20:** “Bem-aventurados vós os pobres, porque vosso é o reino de Deus”
- **Mateus 5,10:** “Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça pois deles é o Reino dos céus”
- **Sabedoria 5,16:** “Por isso receberão a régia coroa de glória, e o diadema da beleza da mão do Senhor, porque os cobrirá com sua direita, e os protegerá com seu braço.”

O Antigo Testamento é uma parte proeminente de Tiago através de citações explícitas e de alusões. Neste sentido, Mussner (apud MOO, 1990, p. 53) atenta que “dificilmente existe um único elemento da antiga tradição judaica do AT sobre piedade-pobreza que não seja também encontrado na carta de Tiago”, fazendo o paralelo com Lv 19,15, Dt 10,18 e 1,17, Am 2,6-7, Sl 10, 68, 37,8-17, 72,2,4 e Is 29,19 nas questões dos órfãos viúvas e justiça aos pobres. Em quase todos os casos, os textos utilizados são da LXX.

- **Tiago 2,1:** “Meus irmãos, não tenhais em parcialidade/distinção de pessoas, a fé do nosso Senhor Jesus Cristo, da glória”.

- **Deuteronômio 10.17:** “O Senhor vosso Deus é o Deus dos deuses, e o Senhor dos senhores, o Deus grande, poderoso e temível, que não faz acepção de pessoas, nem aceita suborno”
- **Tiago 2,4:** “Não fizeste discriminações em vós mesmos e tornastes juízes raciocinando maldosamente?”
- **Deuteronômio 1,17:** “Não discriminareis as pessoas em juízo; ouvireis assim o pequeno como o grande; não temereis a face de ninguém, porque o juízo é de Deus; porém a causa que vos for difícil fareis vir a mim, e eu a ouvirei.”
- **Levítico 19.15:** “Não farás injustiça no juízo: nem favorecendo o pobre, nem comprazendo ao grande: com justiça julgarás o teu próximo”

Como conclusão, entende-se que não há segurança e nem consenso quanto à dependência ou uso de uma eventual fonte escrita por parte de Tiago na construção da perícopes de 1-7. Porém, o autor faz uso tanto do Antigo Testamento quanto dos ensinamentos de Jesus como fundamento da mensagem – um uso livre, isto é, o autor escreve influenciado pela fonte, sem tê-la a mão no processo redacional.

Tendo por base tal possibilidade, identificamos os vv.1, 4 e 5 no reforço do pensamento de que a fonte que Tiago partilha é uma herança comum dos ensinamentos de Jesus e não os evangelhos, e no caso do Antigo Testamento, se o autor tiver em mente os textos citados, seu uso, segundo as referências, deu-se pela LXX.

2.4 ANÁLISE DA REDAÇÃO

A análise da redação nos textos epistolares difere da análise de textos sinóticos, uma vez que tais autores fizeram uso de outras fontes para redigirem seus evangelhos, caracterizando os textos pela aproximação ou distanciamentos destas. No caso da epístola de Tiago, há uma identidade entre o autor e o redator do texto. Logo, a análise redacional perde o sentido. Neste entendimento, com base na metodologia adotada na presente pesquisa, a sugestão é que a análise redacional se ocupe sobre a autoria e os destinatários, além da verificação do contexto literário (WEGNER, 2002, p. 318).

No caso do texto aqui analisado, não há evidências de dependência direta de um livro em relação à epístola de Tiago, e menos ainda da perícopes proposta. Portanto, quanto aos itens sugeridos como alternativa para a construção da exegese

na análise redacional, os mesmos já foram abordados no capítulo 1 nas questões referentes à autoria e aos destinatários, bem como na análise literária, onde se tem os passos que antecedem a estruturação de Tiago.

2.5 ANÁLISE DAS FORMAS

As diferentes formas de linguagem condicionam também as expectativas dos ouvintes e leitores. Do mesmo modo, a linguagem neotestamentária se serve de várias formas de expressão para comunicar sua mensagem.

O estudo das formas para o material epistolar compreende duas análises distintas, a saber: 1) determinar o gênero do escrito; e, 2) determinar o gênero literário onde se encontra o texto da exegese, bem como sua intencionalidade (SILVA, 2009, p. 185; WEGNER, 2002, p. 319).

2.5.1 Gênero do escrito

Muito se tem discutido sobre as possibilidades do gênero do escrito de Tiago. Sobre a questão, Croatto (1986, p. 25) exemplifica algumas possibilidades, como a que atribui sua classificação como “testamento”, que imitaria o de Jacob a seus filhos em Gênesis 49, ou uma didaquê de estilo parenético. Outros estudiosos consideram uma espécie de catecismo, um *enquiridion* prático, ou ainda uma verdadeira “carta”, apesar da falta das saudações finais, além da diatribe e outras possibilidades aqui consideradas ou reafirmadas.

2.5.1.1 Carta ou epístola

Existe uma diferença entre os gêneros carta e epístola. O gênero carta é caracterizado pela existência de uma mensagem entre um remetente e um destinatário que se conhecem, vinculada a uma situação específica. A epístola, por sua vez, não se dirige a remetentes específicos, visando atingir um número maior de leitores e leitoras (WEGNER, 2002, p. 182).

Wegner (2002, p. 182) inclui Tiago como um dos escritos que, embora tenham um tom epistolar, pode ser tratado como carta, tendo em vista que nele podem ser encontradas “alusões concretas à situação particular dos leitores”.

Sobre a questão, Kümmel (apud WEGNER, 2002, p. 182) observa que “[...] em epístolas de alcance tão geral não falta alguma alusão a determinadas comunidades e a determinadas situações”.

2.5.1.2 Carta “literária”

Carson, Moo e Morris (1997, p. 454) e Moo (1990, p. 36) concordam que Tiago apresenta aspectos que explicam a compreensão do ensino de Tiago como “carta literária. Segundo aqueles autores, o escrito começa com uma típica introdução epistolar “mas lhe faltam reminiscências pessoais, referências a situações e problemas específicos e sinais de encerramento que caracterizam uma ‘verdadeira’ carta” (MOO, 1990, p. 36), isto é, uma provável escrita para várias comunidades, semelhante a uma “carta aberta” em que “os dispersos paroquianos de Tiago haviam-se estabelecido” (CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 454).

2.5.1.3 Escritos sapienciais

Maly (1966, p. 9) atribui sua forma ao gênero literário dos livros sapienciais judaicos, com uma coleção de exortações morais, de maior semelhança ao livro de sabedoria do Antigo Testamento, apresentando as normas de conduta na forma de diatribe. Assim, tem-se que “dificilmente é uma epístola no sentido ordinário do termo” (MALY, 1966, p. 9).

2.5.1.4 Estilo parenético

Dibelius (apud MOO, 1990, p. 37) identifica o escrito como parênese, sendo esse estilo amplamente aceito em relação ao gênero de Tiago. Neste sentido, é lícito saber que quatro elementos são cruciais na parênese, quais sejam: 1) o uso de material tradicional; 2) o alinhamento de exortações morais sem estrutura; 3) a repetição de ideias chaves; e, 4) a aplicabilidade geral do material. “É a instrução e exortação ética genérica” com o objetivo de reunir várias máximas sob um só. Têm-se mais parágrafos curtos de exortação ética do que sentenças imperativas isoladas (ALLEN, 1987, p. 122-123).

2.5.1.5 Diatribe

Ropes (1916, p. 10) argumenta que Tiago era uma diatribe, um gênero coloquial baseado na retórica grega – forma de ensinar derivada dos sofistas e dos filósofos pragmáticos, utilizada para instruir audiências em geral e que moldava sentenças curtas ou condicionais, perguntas retóricas e repetição de material.

2.5.1.6 Simbulêuticos

Berger (1998, p. 21, 137-138) afirma que Tiago é um texto que usa totalmente a argumentação simbulêutica; e a parênese pode ser localizada em textos específicos. Assim, este tipo de texto pretende mover o ouvinte a agir ou a omitir uma ação. O nome vem do grego *symboléuomai* (aconselhar). Frequentemente dirige-se à segunda pessoa. A forma mais simples é a admoestação; a mais complexa, a argumentação simbulêutica.

Diante do exposto, concordamos com o conceito de que Tiago mais se assemelha a uma epístola ou carta literária, no sentido exposto por Carson, Moo e Morris (1997, p. 454) e Moo (1990, p. 37) como gênero maior, e que as situações muito concretas vivenciadas pelos destinatários fazem parte da dinâmica desses textos literários.

Quanto às possibilidades apresentadas em relação ao gênero do escrito de Tiago, entendemos que o documento pode ser visto como uma composição que acolhe vários estilos e formas literárias, não se identificando, em sua totalidade, com um gênero específico.

Pode ser encontrado em parte do seu texto a forma da diatribe, fazendo uso, em alguns momentos, do estilo sapiencial. Mostra-se parenético em muitas passagens, e os conceitos de argumento simbulêutico de Berger (1998, p. 21, 137-138) podem ser assemelhados a frações específicas do texto.

2.5.2 Gênero literário

Na perícopa dos vv.1-7, embora possamos identificar que Tiago faz uso do recurso da diatribe no modo de fazer indagações e afirmações para confrontar a postura dos destinatários, segundo Johnson (1995, p. 18), a diatribe pode ser

encontrada no endereçamento direto aos leitores implicados (vv.1,5), no uso das questões retóricas (vv.4,5,7), no emprego do exemplo hipotético (vv.2-3) e no uso da paronomásia (v.4). Para Berger (1998, p. 181-182), tal perícopo faz uso do (sub)gênero de repreensão pura, combinada com argumentação e precedida por uma narrativa da falha vv.2-3.

Embora tenhamos em consideração o uso dos gêneros em partes da perícopo, é preciso concordar com o argumento de Bittencourt Filho (2003, p. 30-31), com base nos gêneros da retórica. A perícopo de Tiago é identificada como sendo do gênero retórico do tipo judiciário – gênero que postula uma tese perante um terceiro, na tentativa de persuadir o julgador – o que pode ser visto nos vv.1-7, onde Tiago isola os destinatários do seu próprio ato, para que seja persuadido a julgar a si mesmo, identificando a maior parte da perícopo com esse gênero, quando comparado as características judiciais que foi exposto na análise literária.

2.5.3 A intenção da comunicação e suas formas de expressão

O texto pressupõe haver na relação da comunicação entre o autor e seus destinatários uma intencionalidade na transmissão da mensagem. Neste sentido, faz-se importante descobrir qual a finalidade e a intenção da linguagem de um texto, empregados com seus respectivos gêneros e formas (WEGNER, 2002, p. 174).

Esse tipo de intencionalidade se dá no propósito de saber como a forma literária e o gênero foram empregados no texto e qual a função e intenção de tal emprego. Como exemplo dos tipos específicos da intenção do texto, poderia ser de provocar, instruir, revelar, comunicar, anunciar, exortar, entre outros que viriam atrelados ao gênero literário (WEGNER, 2002, p. 175).

A fim de revelar a intenção na comunicação, é preciso partir da ideia geral para os detalhes do discurso encontrados na perícopo. Segundo Bittencourt Filho (2008, p. 30-31), dentro do gênero retórico judiciário que o texto apresenta, o percurso narrativo da perícopo é uma intervenção argumentativa, mais especificamente retórica/argumentativa.

Tal técnica faz uso de perguntas retóricas nos enunciados que dão voz aos destinatários, identificando o caráter dialético do discurso de Tiago. O diálogo autor-destinatários já vem implícito nessa técnica. Este se dá com perguntas e tem um

objetivo definido. Assim, segundo Perelman (apud BITTENCOURT FILHO, 2008, p. 23).

O uso dialético das perguntas e das respostas tende essencialmente a assegurar acordos explícitos, dos quais se poderá tirar partido em seguida; esta é uma das características da técnica socrática.

A maneira com que o texto se dirige aos leitores revela o método dialético de comunicação entre o autor e os destinatários, fazendo uso dos processos de argumentação. Em geral, o autor e os destinatários se relacionam entre si, através de: a) uma cena na condicional b) interpelação aos destinatários; e, c) conclusão apresentada sob uma constatação, levada através de perguntas retóricas (BECQUET et al., 1991, p. 35).

O texto é escrito em um contexto de discursos tensos, acusatórios e polêmicos, conforme exposto no v.4. Em tal construção, o texto fixa os objetos sobre a controvérsia, passando a percepção de que o autor é firme e confiável na comunicação, independente da tensão e polêmica provocadas pelas acusações.

Neste sentido, Tiago parece dirigir sua comunicação através da sensibilidade pela intervenção retórico-argumentativa. O impacto da cena representada pelo uso argumentativo de um diálogo ilustrativo e hipotético entre os personagens é ambientado no espaço da sinagoga v.2-4, o que gera motivos para mexer com o sensível dos destinatários pelo caráter de lugar próprio para o discurso religioso.

A situação demonstra um efeito de sentido que está sendo formulado pela sensibilidade em questão. O discurso da cena do rico e do pobre na sinagoga (vv.2-3) aponta para uma significação mais precisa: o gesto da discriminação, que, por fim, é associado de modo explícito aos destinatários (v.4). Tal fato se dá em função da construção/desconstrução de identidades.

Dentro do contexto do gênero retórico do tipo judiciário, levando em conta o aparato da diatribe nos processos de argumentação e intervenção, no diálogo implícito entre autor e destinatários, no uso do sensível e outros expostos acima no processo de comunicação, a seguir, tem-se algumas possibilidades⁴ de conexão entre o gênero literário e a intenção do texto de Tiago 2,1-7.

⁴ Veremos de forma mais detalhada na análise do conteúdo ainda neste capítulo e no capítulo 3 na proposta de sentido para a perícopes pesquisada, a reafirmação destas e de novas possibilidades de comunicação e intencionalidades entre o autor, o leitor e o texto

2.5.3.1 Pertencer ao próprio grupo dos destinatários

Tiago estabelece uma relação estreita com os destinatários no v.1, ao se vincular como alguém que faz parte do grupo a quem se dirige. O que permite, então, considerar o orador e os destinatários da epístola como todos pertencentes ao mesmo grupo.

O ponto de apoio que permite reputar a Tiago e os destinatários pertencentes ao mesmo grupo é justamente as construções “irmãos” e “nosso”, expressas em *Ἀδελφοί* “irmãos” *μου*, “meu” e *τοῦ* “do” *ἡμῶν* “nosso”, na referência a Jesus Cristo.

2.5.3.2 Associar os destinatários como discriminadores de forma indireta

Partindo do pressuposto que os atores na cena da sinagoga são manifestações/expressões de relações do grupo, isto é, o homem que já estava na sinagoga, o rico e o pobre que entram no ambiente. O autor assim intenciona para associar, de forma indireta nos vv.2-3, os destinatários como discriminadores. Tiago não se preocupa, em um primeiro momento, em individualizar o sujeito que, na sinagoga, recebe o rico e o pobre, isto é, não individualiza o agente discriminador, além do que também faz uso de marcas linguísticas que associam os destinatários como sendo os sujeitos que discriminam na sinagoga. No texto, o enunciado (v.1) insere a questão dentro do próprio grupo e não relacionada a um só indivíduo.

Tiago cria para os destinatários uma distância onde os próprios destinatários possam se observar e possam tomar consciência da intenção implícita do autor. Neste sentido, Tiago estaria construindo a ideia para que os destinatários pudessem perceber a si mesmos na cena e concluir que a ação, pela parcialidade de um membro, representa a ação do grupo como um todo. Assim, conforme Bittencourt Filho (2008, p. 243):

O recurso discursivo utilizado pelo enunciador/orador da Epístola é riquíssimo em implicações possíveis de criar vários efeitos de sentido. A principal implicação, sem dúvida, é que a perícopa está antes e acima de tudo trabalhando em função da persuasão do auditório.

Como marca dessa intencionalidade textual, é possível perceber que a maior parte da perícopa é construída fazendo uso da segunda pessoa do plural (“vós”), remetendo e situando a questão dentro do próprio grupo, e que aparece como um sujeito coletivo vós, o grupo como um todo. Tiago, sob tal situação, exclui-se do grupo e marca esta pressuposição concedendo o ato discursivo ao grupo inteiro.

Como exemplo do uso de “vós” no texto, tem-se: “se vós lançardes o olhar” (ἐπιβλέψητε δε); “vós disserdes” (εἶπητε), “em vós mesmos” (ἐαυτοῖς), “vos tornastes juizes” (ἐγένεσθε), “vós menosprezastes” (ἠτιμάσατε), “começai vós a ter, continuai vós a ter”, (ἔχετε) “sinagoga de vós” (συναγωγὴν); “vós fizestes julgamentos atravessados, (διεκρίθητε) vós discriminastes”; “Começai a escutar vós, continuai a escutar vós; (Ἀκούσατε).

Com tais marcas, um dos efeitos de sentido criado no texto é que o conteúdo do enunciado é comum ao grupo como um todo ou a todos os membros que o constituem. Assim, os valores que aparecem são valores tidos como aceites por todo o grupo. Esse processo (des)constrói a identidade do grupo como um todo.

2.5.3.3 Amenizar o carácter conflitual do texto pela afetividade

Na designação dos destinatários, o adjetivo ἀγαπητοί, (“amados”), quando agregado ao substantivo “irmãos”, seguido do pronome possessivo “meus” (Ἀδελφοί “irmãos” μου, “meu”), assinala um reforço na interação afetiva de modo expressivo. Portanto, há tensões que a argumentação precisa levar em conta, mas que o orador pode ter feito uso de técnicas argumentativas como recursos atenuadores e figuras de comunhão.

Assim, à primeira vista, o texto não parece transmitir ternura particular, uma vez que acusa os destinatários sob forma interrogativa e afirmativa (v.4 e v.6), pronunciando um julgamento categórico e transmitindo ordens que não devem ser discutidas (v.1), o que testemunharia uma tensão entre eles. Porém, o autor procuraria disfarçar ou amenizar tal situação, tendo como reflexo de uma situação social conflitual concreta (BECQUET et al., 1991, p. 36).

2.5.3.4 Criar um ambiente judicial

Como o gênero argumentativo do autor parece dar um caráter judicial ao texto, assemelhando-se a um tribunal tanto na cena dos vv.2-4, quanto nas outras expressões da perícope, fazendo uso de algumas marcas textuais e de sentido, como, por exemplo, o uso do verbo *εἰσέλθῃ*, que traz a ideia de "aparecer em público" ou de entrada de um tribunal, visto que *προσωπολημψίαις* ("parcialidade/distinção"), pode ter sua ideia associada a "levantar a cabeça" forçosamente para ser exposto, conforme já referenciado na análise das traduções.

Situação semelhante daquele que tem seu rosto levantado para ser colocado à mostra e ser reconhecido; uma isotopia semântica/figurativa que está vinculada ao tema de um julgamento, bem como os vv 2,1-4, quando introduz com força tais questões e, ao mesmo tempo, relacionam com lei, julgamento, e a pessoa do juiz – aspectos trabalhados nos vv. 5-8.

2.5.3.5 Dissociação de noções⁵

A dicotomia de aparência e realidade é um ponto de apoio na argumentação do orador da epístola. A intenção indireta, trazida pelas características "brilhante" (*λαμπρῶ*) e com "anel de ouro" (*χρυσοδακτύλιος*) nas vestes do homem que entra na sinagoga, cria uma situação que remete a um valor aparente. É nessa dicotomia que o orador se apoiará fazendo uso da técnica argumentativa da dissociação de noções.

É no diálogo implícito autor-destinatários que a realidade é exposta. A técnica utilizada é a de dissociação de noções no par "aparência-realidade". A dissociação é dada pela sanção, ainda que em forma de pergunta retórica argumentativa (v.4). A identificação da dissociação das noções feita pelo autor parece construir o texto, de modo a isolar as noções, mostrando a associação anterior, que tem por base como se manifesta e como surge.

⁵ A dissociação das noções consiste em recusar o estabelecimento de uma associação aceita como válida em um momento anterior do debate argumentativo. Se tem a busca da separação das noções em pares hierarquizados, tais como: aparência/realidade, meio/fim, letra/espírito, saber/ignorância, belo/feio, verdade/mentira, virtude/vício. Assim, a dissociação modifica profundamente as realidades que desliga, dirimindo incompatibilidades e adquirindo o caráter de convincente e duradoura. Cf. Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996).

2.6 ANÁLISE DO CONTEÚDO

De forma simplificada, a análise do conteúdo tem como finalidade integrar e sintetizar as partes dos textos, fazendo uso das informações obtidas nos passos exegéticos anteriores. Seu interesse reside na verificação, avaliação e intenção do conteúdo central do texto na época do escrito, examinando em que sentido e quais os valores que defende e destaca (WEGNER, 2002, p. 320).

Para o método histórico-crítico, é necessário, primeiramente, identificar o eixo do texto e, posteriormente, interpretar os dados a partir da realidade e do contexto da época, aclarando a intenção do texto em relação ao conteúdo pesquisado (WEGNER, 2002, p. 259).

Em nossa análise do conteúdo, fizemos uso do método estruturalista⁶ como subsídio ao uso do método histórico-crítico, com destaque para os recursos da análise linguístico-sintática.

Pela análise literária, especificamente na estrutura simétrica concêntrica apresentada no capítulo 2, identificamos claramente que o eixo central da perícopé encontra-se no v.4, onde Tiago afirma que seus leitores são agentes ativos da discriminação em relação ao pobre. A estrutura anterior dos vv. 1-3 e posterior de vv. 5-7 tratam respectivamente da exposição e consequência do conteúdo tratado no eixo central.

Neste íterim, gravita ao redor do v.4 possibilidades de aprofundamento que dão luz ao conteúdo através do eixo proposto. Assim, o que permeia o eixo do texto deve ofertar forma e conexão, direção e profundidade na análise do conteúdo, e que se repetem nas palavras e ideias expostas na Figura 5, a seguir.

⁶ O método estruturalista, sob o modelo linguístico-sintático, leva em consideração os aspectos a partir dos quais é possível avaliar a linguagem empregada no texto. Tais considerações podem referir-se ao léxico, às categorias e às formas gramaticais e conexões entre as palavras. Cf. Wegner (1998, p. 249).

a) “discriminação” (vv.1,4)	→	Advertência/problema
b) “fé”, “Jesus Cristo” e “Deus” (vv.1,5)	→	Critério a ser adotado
c) “rico” e “pobre” (v.2)	→	Grupos sociais
d) honra, desonra e opressão (v.3,6,7)	→	Atitudes representativas
e) “em vós mesmos” (v.4)	→	Critério adotado
f) “tornastes juízes” (v.4)	→	Caráter judicial

Figura 5 – Palavras e ideias repetidas para conexão na análise do conteúdo.

Fonte: Dos autores.

Conforme exposto, também identificamos três informações relevantes que crescem na construção da análise, a saber: 1) o contexto social de submissão e domínio socioeconômico, que é pano de fundo para os atores do texto; 2) o uso do aparato estilístico típico da diatribe e o gênero retórico do tipo judiciário, utilizado sob a intencionalidade da comunicação; e, 3) o aparente uso das fontes de forma indireta do Antigo Testamento e das palavras de Jesus.

O texto da perícopes dos vv.1-7 apresenta uma gama de detalhes e conceitos, porém, é preciso se ater ao eixo central como objetivo da análise. Sempre que possível e quando for parte necessária para o entendimento do conteúdo, faremos referência às explicações pontuais de outros assuntos abordados. Para a organização da análise, dividimos o texto em quatro seções, seguindo a proposta de esquematização da estrutura visto na análise literária. São elas:

- I. A advertência aos destinatários;
- II. A caracterização da parcialidade;
- III. A revelação e acusação da discriminação; e
- IV. A comparação das atitudes.

Cada parte foi verificada segundo a metodologia já apresentada e sob a orientação do eixo central de discriminação em relação ao pobre.

2.6.1 Advertência aos destinatários para não serem parciais com as pessoas (v.1)

Dado o tom severo com que Tiago abre o assunto, a advertência para não fazerem distinção ou serem parciais com as pessoas revela uma situação bastante desagradável e que precisa ser corrigida com urgência. Ao mesmo tempo em que o texto expõe um ambiente tenso entre o autor e seus destinatários, Tiago convida seus “irmãos” a relacionarem a parcialidade com a fé em Jesus Cristo.

2.6.1.1 A possível tensão entre Tiago e os leitores

De modo interrogativo, Tiago faz uma séria advertência aos seus leitores, usando a expressão “não façam distinção de pessoas” (*μη ἐν προσωπολημψίαις*). O autor, assim, introduz um tema que ainda não havia sido trabalhado na epístola e, para tanto, dá início à advertência utilizando no texto a partícula *μη* (“não”) de forma adverbial.

Ao utilizar tal expressão, Tiago parece tornar a comunicação autoritária. Porém, nesse processo, é necessário ter a percepção do tipo de comunicação entre Tiago e os seus leitores, para refletir mais adequadamente qual é a medida em que o que o texto expressa a tensão ou conflito entre autor e destinatários.

Becquet et al. (1991, p. 36) asseveram que as relações sociais no contexto greco-romano eram estabelecidas pelo poder absoluto em um mundo de relações de submissão e domínio, dominante e dominados, e onde os destinatários deveriam estar “impregnados” por tais relações. Os julgamentos categóricos e as ordens sem réplicas, como a de Tiago, não trariam espanto; pelo contrário, poderiam ser recebidos como uma palavra de quem gozava de indiscutível autoridade para fazê-lo.

A intensidade na comunicação entre Tiago e seus leitores faz perceber a força empregada na mensagem, quando o autor adverte não ter parcialidade em relação às pessoas. Assim, dependendo de como é percebida tal comunicação, é possível minimizar ou acentuar as questões conflituais. Logo, faz sentido atentarmos ao uso da expressão “meus irmãos” (*Ἀδελφοί μου*) no contexto da referida perícopa.

Tiago usa diversas vezes essa frase em sua epístola. De acordo com o que foi dissertado na parte da análise exegética sobre a intencionalidade do texto, a expressão sugere o propósito de estabelecer uma relação estreita com os

destinatários, através do pertencimento ao grupo. Mas é também um desejo objetivo de atenuar as tensões que serão causadas pela advertência nas acusações realizadas pelo próprio autor no decorrer do texto (vv.4,6a).

Embora o autoritarismo possa ser visto como parte de um ambiente social viabilizado pelas relações de submissão e domínio, a tensão pode ser estabelecida à medida que os destinatários são “atingidos” pelo conteúdo da mensagem. Em relação à essa tensão ou possível conflito, Tiago parece amenizar tais aspectos por meio da afetividade ao fazer uso, de modo significativo, do substantivo “irmãos”, seguido do pronome possessivo “meu” (*Ἀδελφοί* “irmãos” *μου*, “meu”).

2.6.1.2 A parcialidade e a fé

Qual o significado da parcialidade ou distinção utilizada pelo autor como argumento no texto? E qual a relação entre tal parcialidade com a fé em Jesus Cristo? As duas questões que se apresentam ajudam a esclarecer o que Tiago expressou em suas frases introdutórias no v.1.

A discriminação encontrada no texto tem início na advertência “não tenhais parcialidade/distinção de pessoas” (*μὴ ἐν προσωπολημψίαις ἔχετε*). A palavra *προσωπολημψίαις* (“parcialidade/distinção de pessoas”), que geralmente é traduzida por acepção de pessoas, tem seu significado retirado de uma composição de palavras a partir da LXX.

Resumindo o que foi exposto na análise das traduções e na intencionalidade do texto, temos que seu sentido é assemelhado a uma ação de elevação de um semblante, como se o ato fosse de “pegar o rosto e levantar” para o expor forçosamente, como aquele que tem o rosto levantado para ser reconhecido, conforme Bittencourt Filho (2008, p.243), visto na Figura 1.

Observando também o uso das fontes, vimos que comumente os intérpretes apontam que Tiago deveria ter em mente o texto de Levítico 19,15 para a construção da perícopa. Portanto, nos valemos desse contexto para agregar sentido da palavra *προσωπολημψίαις* (“parcialidade/distinção de pessoas”), verificando seu uso junto ao texto de Tiago.

Assim, o termo contrasta com o favoritismo concedido aos poderosos em conexão com atos acusatórios aos juízes no Antigo Testamento. Logo, a palavra é utilizada para “denunciar a iniquidade dos juízes e a manipulação do direito pelos ricos e notáveis” (VOUGA, 1996, p. 79).

Neste sentido, a Bíblia evidencia que no Antigo Testamento, os juízes eram intimidados a tratar da mesma maneira os pobres e os ricos em suas sentenças, em nome da imparcialidade de Deus. Assim, tem-se um fundo jurídico e judaico encontrado na frase sobre a advertência da parcialidade.

Tais interpretações indicam uma humilhação maior para aquele que é objeto da “parcialidade” – ato assemelhando a uma cena de julgamento, onde o humilhado é “forçado a levantar o rosto”. Este, então, está sendo desonrado pela ação da discriminação, traduzida na concentração de detalhes do texto em grego, combinado com um ambiente jurídico naturalmente desfavorável ao pobre.

Asseverando tal entendimento, nos séculos I e II, a diferença entre ricos e pobres era acentuada a ponto da legislação romana distinguir entre os “*humiliores*” e os “*honestiores*” (BECQUET et al., 1991, p. 40). Assim, os destinatários deveriam estar marcados por aquela diferenciação, provavelmente tendo um forte entendimento vivencial da forma que a expressão significava para os leitores originais.

A discriminação parecia ser algo natural e já deveria fazer parte do costume da época. Como exemplo, era comum a existência de lugares diferenciados no interior da sinagoga. Por trás da distinção, poderia haver cobiça por um lugar melhor. Na relação do lugar com o *status*, os mais privilegiados poderiam ficar “próximos a arca que continha os rolos sagrados ou o lugar que dava vistas a Jerusalém” (MAYNARD-REID, 1987, p. 55).

Maynard-Reid (1987, p. 50) atenta para o emprego de artifícios estilísticos, a fim de enfatizar o argumento do autor. A posição enfática da expressão *ἐν προσωπολημψίαις* (“em parcialidade/distinção de pessoas”) inserida logo após a partícula *μη* (“não”) e a expressão no plural dá a impressão de diversas manifestações ou formas variadas de parcialidades praticadas naquela comunidade.

Segundo Johnson (1995, p. 221), o emprego da preposição *ἐν προσωπολημψίαις* (“em parcialidade/distinção de pessoas”) é um dativo acompanhado de circunstância, o que sugere atos repetidos e específicos, fugindo da ideia de um acontecimento que ocorria de forma pontual.

Do mesmo modo, na expressão *μη ἐν προσωπολημψίαις ἔχετε*, (“não tenhais parcialidade/distinção de pessoas”), o uso do imperativo presente ativo do *ἔχετε*, mais a partícula negativa *μη*, tem a intenção de proibir a continuação de uma situação que está em progresso.

Assim, aplicada ao texto e à realidade dos destinatários, a palavra “parcialidade/distinção” (*προσωπολημψίαις*) se torna carregada de significado – humilhação pessoal e jurídica –, que parecia se repetir no contexto dos destinatários de Tiago. Também, quando ligada à observação e ao aspecto comportamental, segundo Marconi (1989-1990, p. 13), tal “parcialidade se opõe a fé”.

Os termos “parcialidade/distinção” (*προσωπολημψίαις*) e “fé” (*πίστιν*), a primeira vista, corroboram ao entendimento de que ambos estão em desigualdade, em lados opostos. Considerando tal assimetria, Tiago parece associar os termos e estabelecer um primeiro critério para não discriminar o pobre – no caso dessa construção, a fé.

As discussões sobre a expressão “na fé do Nosso Senhor Jesus Cristo da glória” (*τῇ νπίστιν τοῦ Κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ τῆς δόξης*), nas questões relativas à ordem das palavras, do significado gramatical e associações concernentes, são extensas, sob o passo exegético da própria tradução e crítica textual.

Diante do exposto, é possível detectar duas conclusões. A primeira é que Tiago associa diretamente a “fé” (*πίστιν*) em relação a “Jesus Cristo” (*Ἰησοῦ Χριστοῦ*), utilizando “do” (*τοῦ*) como genitivo objetivo em referência a Jesus. A segunda conclusão se dá na questão da palavra “glória” (*δόξης*), que, do mesmo modo, tem como objeto de referência ao sujeito “Jesus Cristo”.

Interessante para a nossa análise são os fatores decorrentes das referidas conclusões. Um fator é o estabelecimento do critério para não agir com parcialidade, a fé em Jesus Cristo. Outro fator é o que deixa transparecer as crenças cristológicas de Tiago, o que pensa e comunica Tiago quando escreve as palavras “Cristo” (*Χριστοῦ*), “Senhor” (*Κυρίου*), “da glória” (*τῆς δόξης*), associada a Jesus.

Neste sentido, a palavra *Κυρίου* (“Senhor”) é utilizada na LXX em referência à Javé, associando uma posição divina a Jesus. “Cristo” é o Messias prometido como libertado e juiz. E “glória” se considerada *δόξης* um genitivo de descrição ligado a “Senhor”, é uma declaração particular da esfera celestial (MOO, 1990, p. 15-19).

Quando se compara a advertência de Tiago para não serem parciais com as pessoas (v.1) com o eixo do texto analisado, é possível confirmar a estreita relação entre os termos “parcialidade” e “discriminações” (v.4). Também se tem um primeiro critério a ser adotado para não haver discriminação em relação ao pobre: “a fé em Jesus Cristo”.

Em síntese, observa-se que a tradução de *προσωπολημψίαις* para “acepção de pessoas” ou qualquer termo correlato das traduções em português perde totalmente a riqueza de significado contida na figurativização do ambiente judicial ali embutida, bem como a ideia de atos repetidos, o que demonstraria que sob esse sentido, o autor não se referia a algum fato específico.

Sem tais significados, o resultando é uma redução no entendimento e, conseqüente, a disseminação parcial da intencionalidade e força na advertência inicial da mensagem antidiscriminatória. A seção ainda agrega uma percepção da cristologia, onde o autor parece relacionar a parcialidade com a fé em Jesus Cristo que Tiago expõe, sob o eixo da discriminação.

2.6.2 Caracterização da parcialidade: a cena do rico e do pobre (v.2,3)

Após a exortação inicial, Tiago exemplifica uma cena que bem ilustra o problema da discriminação, e no caso, do pobre. Tal exemplo, inserido em um contexto onde o autor faz uso da argumentação pela oposição – técnica literária de diatribe – e pelo uso da conjunção “se” (*ἐάν*), podem trazer a ideia de um não relacionamento com o ambiente real dos destinatários.

Porém, além do uso da palavra *προσωπολημψίαις* (“parcialidade/distinção de pessoas”), que sugere atos repetidos e específicos, o advérbio de negação *οὐ* (“não”), utilizado na pergunta “Não fizestes discriminações/juízos atravessados em vós mesmos [...]?” do v.4, espera uma resposta positiva, o que pode levar a crer que o autor tinha em mente uma situação com certa ocorrência na vida dos destinatários.

Assim, a cena transmite uma mensagem de cunho prático, que deve estar relacionada diretamente com a realidade experimentada pelos destinatários em uma sociedade marcada por diferenças sociais e que fatalmente seria alvo da realidade onde os destinatários também viviam (v.6).

A narrativa se dá no ambiente da sinagoga e tem os seguintes personagens: a) aquele que recebe na sinagoga e atribui os lugares; b) o homem com anel de ouro e roupa brilhante; e, c) o pobre. Considerando o contexto sócio-histórico e o próprio texto, o homem com anel de ouro e roupas brilhantes pode ser identificado como o rico (s) (v.6b).

Na descrição de um dos personagens como “um homem com anel de ouro em roupa brilhante” (*άνηρ χρυσοδακτύλιος ἐν ἐσθήτι λαμπρᾷ, εἰσέλθῃ*), fica claro tratar-se de um rico, não fazendo falta a omissão do termo *πλούσιος* (“rico”). Aquele que recebe e atribui lugares dentro da sinagoga, pela análise, pode ser determinado como sendo os destinatários da epístola.

Se na seção I anterior o autor faz a introdução do tema da perícope e a advertência para não serem parciais ou tratarem com distinção as pessoas, na presente seção, Tiago dá “rosto” ao personagem alvo da parcialidade, apresentando o pobre como objeto imediato da advertência enfática (vv.3b-4).

A advertência da seção anterior tem conexão com o v.2, atentando para a “parcialidade/distinção” (*προσωποληψίαις*), através da conjunção “se” (*γὰρ*). Neste sentido, com uma intencionalidade de estrutura textual muito clara, o autor faz a narrativa (v.2-3) para, em seguida, realizar as aplicações (vv.4-7) e expor as consequências (vv.8-13).

2.6.2.1 Entrada do rico e do pobre na sinagoga: caráter, sentido e aparência (v.2)

2.6.2.1.1 Caráter judicial da cena

A partir do que foi exposto na seção I, temos as características judiciais da perícope, bem como o gênero retórico judiciário utilizado na intencionalidade da comunicação. A narrativa é construída e ambientada em uma condição de escolha e de juízo.

Assim, as características do vocabulário que aparecem ao longo da perícope, tendo por base o texto da LXX, e ainda, as referências indiretas aos textos do Antigo Testamento que se dão no ambiente de julgamento, reforçam a narrativa como tendo um pano de fundo de caráter judicial.

2.6.2.1.2 Sentido da Sinagoga

A discussão tanto nas traduções quanto dos comentaristas é o termo singular utilizado para referenciar, aos cristãos de Tiago, a sinagoga (*συναγωγήν*). A questão disputada é se esse vocábulo faz referência a uma sinagoga judaica ou se foi usada para referenciar o ajuntamento/assembleia dos judeus cristãos.

Em geral, há uma intenção de dar uma forma sinagoga ao local descrito pelo autor, caracterizando um ambiente de origem judaica. Porém, não pode ser descartada a possibilidade de uma reunião dos primeiros cristãos, pois também os apóstolos frequentavam o templo e a sinagoga.

Tiago caracteriza o espaço onde se dá a discriminação em relação ao pobre. O lugar provoca sensivelmente os leitores pelo seu caráter de espaço para um discurso religioso. É ali que se escuta o que Tiago vai comunicar na continuidade da cena e onde, de acordo com Becquet et al. (1991, p. 38), os judeus faziam sua própria justiça; se reuniam na “sinagoga, lugar habitual da assembleia” sob a condição da ordem pública não ser ameaçada.

O emprego da expressão *εἰς συναγωγήν* (“para dentro da sinagoga”) pode estar relacionado com a expressão “as doze tribos” (Tg.1,1), sob forte influência judaica. Assim, não seria necessariamente um lugar exclusivamente religioso, pois, a sinagoga era um lugar comum também para a transação de negócios e a realização de tribunais.

Entretanto, Adamson (1976, p. 105) enxerga que *συναγωγήν* (“dentro da sinagoga”) é aplicada com conotação cristã. Neste sentido, a ausência de artigo colabora com a ideia de que o autor esteja se referindo a “reunião” ou “assembleia” – expressões freqüentes na LXX (DIBELIUS, 1996, p. 132-137). E ainda, a linguagem cristã do v.1 pode dar a entender um ambiente de comunidade cristã. Sendo esse o caso, a *συναγωγήν* (“sinagoga”) ganha uma conotação estritamente religiosa.

2.6.2.1.3 Grupos sociais representados, aparência do rico e do pobre

O autor evidencia, com bastante intensidade, a problemática dos relacionamentos sociais vivenciados pelos seus destinatários. Como constatado na análise sociológica, o texto trabalha basicamente com a distinção de classes e grupos socioeconômicos.

O pobre e o rico são tratados como posições sociais de cunho econômico – concretas e opostas entre si. Tiago desenvolve o texto na diferenciação entre esses grupos sociais, o que ele faz de forma ativa, e que revela a preocupação do autor com a situação social narrada na cena.

Dentro desse ambiente, têm-se a cenografia da entrada no interior da sinagoga; o rico e o pobre tem uma mesma fórmula introdutória: “se pois entrar” (*ἐὰν γὰρ εἰσέλθῃ*) e “mas entrar também” (*δὲ καὶ εἰσέλθῃ*). Tiago parece ter pensado em um discurso dramatizante, estilístico, para, em seguida, explicar o que nele contém (vv.4-7).

Em relação ao momento em que ocorrem as entradas do rico e do pobre na sinagoga e a ordem como aparece na narrativa, é possível verificar a introdução para o desenvolvimento dentro do percurso da cena, que remete uma divisão de atenção daquele que recebe o rico e o pobre dentro do ambiente. A divisão de atenção direciona, enfatiza, envia e dá ênfase para a aparência do rico e do pobre.

Retomando a explicação do caráter judicial do texto, os destinatários representados pelo sujeito “que recebe” dentro da sinagoga são convidados a fazer um juízo com base naquilo que se vê, representado nas vestes (*ἔσθητα*). Tem-se ainda outros dois importantes argumentos para a dimensão do juízo que o texto evidencia, e que foi realizado na percepção da aparência.

No primeiro, o contexto sugere que o rico e o pobre sejam estranhos à comunidade, sendo reconhecidos apenas pelas vestes ou aparência. Os visitantes parecem claramente distinguidos dos membros da congregação, e nada indica ou sugere que eles sejam membros de igrejas irmãs. Neste sentido, segundo Ropes (1916, p. 191), “sem dúvida, eles são estranhos, quer sejam judeus, quer sejam gentios”.

Com base em Ropes (1916, p. 191), é possível observar que Tiago não emprega o termo *Ἀδελφοί* (“irmão”) na descrição dos dois personagens, mas deixa explícito em outras partes da epístola para referenciar “o irmão pobre” (1,9 e 2,15).

Pode ser, nesse caso, que o autor não esteja interessado em identificar a crença religiosa do rico (1,10-11) e/ou do pobre.

Em relação à origem dos dois personagens, Lenski (1966, p. 568) aponta que são de origem judaica, e Dibelius (1966, p. 135) direciona para uma referência geral, sem se atentar se são judeus ou cristãos. Na verdade, a discussão da questão discriminatória da cena não é entre judeus e gentios, ou cristãos e não cristãos, mas entre pobres e ricos, entre esses grupos sociais, independente da sua raça. Para Maynard-Reid (1987, p. 59), o ambiente relatado nos v.2-3 é mais sociológico do que religioso.

Outro aspecto que merece destaque é a existência de dois grupos antitéticos. Os adjetivos no plural remetem e caracterizam os grupos: no v.5, “os pobres” (*πτωχοὺς*) que “Deus escolheu” (*Θεὸς ἐξελέξατο*), e no v.6, “os ricos” (*πλούσιοι*) que “oprimem” (*καταδυναστεύουσιν*). Tiago opõe os dois personagens e, por conclusão, os grupos sociais.

Mas ainda há um terceiro grupo participante da cena: o grupo dos destinatários da epístola, representado por “aquele que fala” e que comete discriminação. Porém, em realidade, quem fala é o grupo. Toda a perícopa é construída pela marca da segunda pessoa do plural, endereçando a questão para dentro do próprio grupo.

Quando tais argumentos são associados ao juízo que se faz a partir da aparência, é possível verificar que sendo ambos os personagens estranhos à comunidade cristã ou judaica, tendo sua origem de referência geral, a expressividade da discriminação pela aparência recai sobre a caracterização das roupas que identificam os grupos sociais e não por proximidade pessoal.

A aparência é materializada pela oposição das vestes. O primeiro grupo é caracterizado por *λαμπρᾶ* (“vestes brilhantes”), que no grego pode ter o sentido de limpeza, frescor. O segundo grupo, em oposição, tem como seu representante um pobre, um tipo de pobre específico, em roupas sujas.

Tiago faz uso do termo *πτωχοὺς* para designar o “pobre”. A expressão tem conotação mais econômica do que *ταπεινός*, utilizada da perícopa 1,9-11. Logo, esse tipo de pobre se refere literalmente à pobreza material, designa o paupérrimo, o mendigo, o indigente, o “pobre em roupas sujas”.

É comum pensar que esse homem rico se trata de um magistrado. A descrição para “anel de ouro” e “roupas brilhantes” era destinada aos magistrados, que usavam o anel para selo nos documentos oficiais, e a toga branca que distingue sua hierarquia.

Assim, no caso da representação das vestes, anel de ouro e roupas brilhantes para o rico e roupa suja para o pobre, dão indícios de que tipo de indivíduos tais grupos tem como representatividade social, com significado natural para o dia a dia dos destinatários.

Neste sentido, Vouga (1996, p. 114) assim registra um trecho das "Sentenças de Paulo", um juriconsulto, que acusa essa diferenciação dos grupos sociais e reafirma a institucionalização da parcialidade daquela sociedade:

[...] se forem *humiliores* (=pobres), serão condenados ao trabalho público, se forem *honestiores*, serão relegados a uma ilha após confiscação de um terço de seus bens ou forçados ao exílio.

2.6.2.2 Convite para o rico e o pobre tomarem lugar: a posição no espaço (v.3)

O homem rico recebe um tratamento especial sendo convidado para tomar assento em um bom lugar. Por outro lado, ao pobre é dito para ficar em pé ou sentar-se ao nível do chão. A parcialidade é nítida na atitude no personagem que fala e recebe na sinagoga. Assim, o autor dá ênfase na discriminação através de marcas textuais que descrevem a posição no ambiente da cena.

Primeiro, no tocante ao rico, o texto aponta que aquele que recebe na sinagoga “lança o olhar sobre” (ἐπιβλέψητε) “sobre” (ἐπι) o que traz a “roupa brilhante” (λαμπρὰν) e o convida para "sentar" (κάθου) em um bom lugar (καλῶς), enquanto o pobre é convidado a ficar de pé (στῆθι) ou sentar (κάθου) “abaixo (ὑπὸ) do lugar abaixo (ὑποπόδιόν) de colocar os pés”.

A intencionalidade da morfologia das palavras gregas ἐπιβλέψητε e ὑποπόδιόν contribuem para a construção do sentido e do valor na designação espacial. Neste sentido, é possível perceber um recurso interessante para enfatizar a figuração do espaço alto e baixo. Tais palavras são investidas de relevância simbólicas, principalmente quando o espaço ocupado é um ambiente religioso e social valorado também pela dicotomia alto e baixo.

Na cena, o personagem que recebe está “lançando o olhar sobre” (ἐπιβλέψητε) “sobre” (ἐπι) o rico; está em uma posição acima, pois, a duplicidade da raiz ἐπι pode ser traduzida por “em cima”, “sobre”, “ideia de acréscimo”, “superposição” (MURACHCO, 2001, p. 572), o que reforça o argumento de que o autor deseja passar a ideia de que o personagem “que recebe” na sinagoga está em posição acima dos demais, indicando a figura de mestre ou aquele que escolhe/julga, talvez em referência a Tg. 3,1.

Pelo texto, é esse personagem que está acima dos demais e atribui lugares com atitude de quem julga (MARCONI, 1989-1990, p. 13). Outrossim, a preposição “sobre” (ἐπι) e o advérbio “aqui” (ᾧδε), indicam uma identificação maior do sujeito “que recebe” na sinagoga com a figura do homem rico do que com a figura do pobre.

Tal fato se dá porque o olhar é guiado de forma intencional e prioritário para o rico, onde o personagem lhe dirige a palavra e faz o convite para a proximidade (“senta aqui” (ᾧδε)), indicando um valor maior de consideração pelo rico do que pelo pobre, uma vez que tal personagem se encontra em uma posição alta e convida para estar próximo, com ele na mesma posição.

Especificar o lugar designado para o rico com o advérbio καλῶς (“bom” ou “de uma maneira boa”) demonstra o lugar “elevado” em que o rico foi convidado a sentar. Por sua vez, o pobre é convidado a escolher entre duas opções: ou ficar de pé, ou sentar “abaixo” (ὑπὸ) do “lugar *abaixo*” (ὑποπόδιόν) de colocar os pés.

Ao duplicar a raiz ὑπὸ (“abaixo”), o autor caracteriza a mesma finalidade do que ἐπι (“sobre”) reflete para o rico, explicitamente com a mudança de intencionalidade do uso de um para o outro. Para o pobre, é um reforço de argumento indicando o lugar “abaixo” do “abaixo” em que este foi convidado a sentar, expondo a discriminação espacial.

E ainda, o lugar caracterizado pela palavra de raiz ὑπὸ significa lugar de colocar o pé, ou “escabelo dos meus pés”, (ὑποπόδιόν), que dá a entender que o pobre fora convidado a sentar no chão, porém, entre ele e o orador haveria um objeto de separação: o escabelo. A expressão carrega também a conotação de subordinação entre uma pessoa e outra (JOHNSON, 1995, p. 223).

Neste sentido, o advérbio ἐκεῖ (“ali”) indica um lugar longe, na opção de escolha do pobre em ficar “em pé ali” (στηθι ἐκεῖ), distante do personagem que os recebe, o que contrasta com a segunda opção também para o pobre, que pode ficar

próximo; porém, o lugar próximo foi o que se localizava “abaixo do abaixo do lugar de colocar o pé”.

Vouga (1996, p. 80) remete ao contexto social quando afirma que o verbo *ἐπιβλέψ* (“tratar com atenção”) carrega a conotação de inveja ou cobiça, revelando a postura dos destinatários em relação aos ricos. Neste sentido, poderiam ter inveja ou cobiçar a opulência do personagem rico, mais todo seu *status* e benefícios sociais decorrentes da posição da riqueza.

A estrutura simétrica dos vv 2 e 3 demonstra visualmente as antíteses explícitas ou implícitas no texto, bem como os termos “aqui” (*ὧδε*), “ali” (*ἐκεῖ*) e “em pé” (*στηθι*) – disputados nas variantes textuais e que poderiam ocupar um bom espaço exegético de comentários.

Porém, nesse item da seção designamos somente o sentido que o autor fornece na construção literária e que parece acentuar o critério de escolha pelo rico, tanto na questão geográfica quanto de proximidade, deixando clara a discriminação em relação ao pobre.

O resumo da seção II evidencia que a caracterização da parcialidade no favorecimento do rico em relação ao pobre se dá sob a advertência para que não haja distinção de pessoas. Tiago mostra que a parcialidade transforma-se em discriminação, através da narrativa dos vv.2-3, onde o assunto deve ter sido objeto comum e conhecido dos destinatários.

Assim, o caráter judicial na seção é vivenciado em uma cena de escolha e de juízo, que também ganha importância por ser a introdução para a explicação principalmente de termos judiciais nos vv 4, 5 e 6b, bem como no desenvolvimento sobre a questão das escolhas realizadas e do juízo.

A sinagoga semantiza a mensagem de modo que os leitores originais compreendam a discriminação a partir de um ambiente religioso com fortes conotações judiciais e sociológicas. Tal discriminação é caracterizada através do olhar sobre o rico e do pobre sobre suas aparências, bem como no convite para tomarem lugar no ambiente.

A referida constituição demonstra dominação e submissão, exaltação e humilhação, favoritismo e discriminação. São evidências muito bem trabalhadas textualmente e sociologicamente pelo autor para contrapor as posições em que os grupos sociais existiam, além de expor o favorecimento do rico em detrimento e

discriminação do pobre. Tiago constrói a cena para resultar em um ápice que revela e denuncia quem são os discriminadores e porque agem dessa forma.

2.6.3 Revelação e acusação de discriminação (v.4)

Após a exposição da cena de parcialidade, o autor expressa juízo sobre o problema da discriminação, fazendo uso da técnica da retórica de forma acusativa. Tiago volta o discurso diretamente aos destinatários, transformando-os e identificando-os com o personagem “que recebe” o rico e o pobre na sinagoga, de modo a revelar que quem comete o ato discriminatório com o pobre e o favorecimento ao rico são eles mesmos: os destinatários.

O autor faz uma pergunta: “Não (οὐ) fizestes (διεκριθήτε) discriminações/juízos em (έν) vós mesmos (έαυτοῖς) [...] ?” Tem-se aí a primeira acusação interrogativa sob o gênero da retórica judicial. Tiago, ao esperar o sim da pergunta, afirma que os leitores fizeram “discriminações”, emitiram “juízos atravessados” (διεκριθήτε) “neles mesmos” (έαυτοῖς), e por isso “tornaram-se juízes” (έγένεσθε κριται).

O texto no v.4 tem sua melhor percepção de conteúdo na análise do sentido das palavras. Uma constatação é o tom judicial e acusatório que o autor imprime no texto. As palavras διεκριθήτε e κριται (“fizestes discriminações/juízos” e “juízes”) tem origem no verbo διακρίνω, que literalmente significa fazer distinção, separar, fazer divisão. No texto, parece ter o sentido de “exercer duplicidade mental”.

A primeira acusação trata da divisão ou discriminação realizada. Em seguida, o autor faz uso do termo έαυτοῖς (“dentro de vós mesmos”). O verbo é empregado em Tg 1,6 como pensamentos divididos. Segundo Marconi (1989-1990, p. 13), a pessoa é dividida em si mesma, não o todo interno da comunidade, mas o indivíduo.

A expressão έν έαυτοῖς (“em vós mesmos”) revela a discriminação que a pessoa faz dentro de si em relação aos outros. Colabora com tal sentido o emprego da voz média em διεκριθήτε (“fizestes discriminações/juízos atravessados”). Em uma tradução mais literal, essa significação demanda o sentido de divisão interna, a nível da consciência. Em Mt 3,9, significa “dizer em vosso interior”. Em Mc 5,30, “caindo em si”. E em Lc 7,39, “dizia para si”.

Tal pensamento e divisão de “raciocínio maldoso” (*διαλογισμῶν πονηρῶν*) remete à cena do rico e do pobre da sinagoga. A parcialidade encontrada na narrativa, conforme Moo (1990, p. 90), “não é nada mais do que um reflexo das divisões igualmente impróprias estabelecidas na mente dos destinatários”.

O caráter judicial também marca como característica a revelação do motivo da discriminação. O jogo de palavras utilizados na questão judicial merece consideração nos termos *διεκρίθητε* (“discriminação/juízos”), *κριταὶ ἐγένεσθε κριταὶ διαλογισμῶν πονηρῶν* (“tornando-se juiz raciocinando com maus pensamentos”), conforme a análise exegética das traduções.

Uma tradução possível nesse sentido é “juizes de (por causa) dos maus pensamentos”. Sobre a questão, Moo (1990, p. 90) afirma que talvez seja esta ligação que estava na mente de Tiago na possibilidade do autor ter feito o uso indireto de Lv 19,15. Um contexto de julgamento para caracterizar aqueles que julgam com parcialidade como sendo juizes tomados de perversos pensamentos.

Em suma, a revelação e a acusação da discriminação por parte dos destinatários são manifestadas quando o autor faz uso da cena do rico e do pobre na temática da discriminação, como problema central, e acusa o grupo de destinatários de terem feito a discriminação contra o pobre.

Para tanto, Tiago utiliza os seguintes conteúdos em nosso eixo temático. Primeiro, o autor revela e acusa os destinatários. São eles que fizeram discriminações. “Não” (*οὐ*) fizestes discriminações/juízos atravessados (*διεκρίθητε*). Isto é, os destinatários estão identificados com o personagem que discrimina pela aparência e na distribuição de lugares na sinagoga.

Segundo, a discriminação nasce dentro deles ou, como diz o texto, “em” (*ἐν*) “vós mesmos” (*ἐαυτοῖς*). São raciocínios maldosos nascidos de pensamentos conflitantes, divididos dentro deles mesmos, que diante de um rico e um pobre, faz-se a opção por favorecer o rico e discriminar o pobre.

Em terceiro, a clara associação com o ambiente judicial do Antigo Testamento, que os assemelha aos juizes que cometem “parcialidade/distinção de pessoas” (*προσωπολημψίαις*) entre pobres e ricos, ou ainda, aos juizes do Império Romano, em seu contexto social, em relação à discriminação do pobre e ao favorecimento do rico.

Assim, Tiago conecta como um fio condutor, a advertência do v.1, para que não haja parcialidade ou distinção de pessoas (*προσωπολημψίαις*) e seu significado jurídico, com o v.4, com seus termos jurídicos, tendo por base a cena da discriminação do nos vv. 2-3.

Após revelar/acusar a discriminação dos destinatários (Não fizestes discriminações?), o autor aponta como surgiu (em vós mesmos) e a quem se assemelham (juizes de raciocínios maldosos) os discriminadores. Sob tal construção, Tiago compara as atitudes contida nos próximos versículos.

2.6.4 A comparação das atitudes (v.5-7)

Este conjunto de três versículos pode ser assim entendido: autor expõe as atitudes de Deus em relação ao pobre, dos destinatários em relação ao pobre e dos ricos em relação aos destinatários da epístola, que, por sua vez, são identificados contextualmente como pobres. Parece que a intenção é que os leitores percebam o contraste e a oposição das atitudes que levaram Tiago à defesa da não discriminação, e esta, em relação ao pobre.

2.6.4.1 A atitude de Deus em relação aos pobres (v.5)

A questão da escolha de Deus no eixo central do texto retoma a ideia do critério a ser adotado em relação à parcialidade e à fé, da seção I. O primeiro critério, para não haver distinção, era a fé em Jesus Cristo. O segundo critério pode ser entendido como a “escolha de Deus”. Deus escolheu os pobres “no mundo” para serem “ricos em fé” e “herdeiros do reino” – “prometidos aos que amam”.

Tiago faz a segunda pergunta retórica, porém, não com força de acusação direta como no v.5, mas como uma justificativa do por que não pode haver parcialidade, e nesse caso específico, com os pobres. De modo enfático, o autor atenta para a explicação “escutai” (*Ἀκούσατε*). O texto tem a mesma estrutura e parece ter idêntica intenção de revelação do v.4 ao afirmar a escolha de Deus pelos pobres.

O referido questionamento é uma antítese entre a percepção que o “mundo” tem dos pobres e sua posição real diante Deus, como ricos e herdeiros (WATSON, 1993, p. 104). A pergunta serve não somente para destacar o pobre, mas permite

que pela primeira vez apareça a palavra “rico” (*πλουσίους*), para referir-se “aos pobres” como “ricos em fé” e dar ênfase aos termos “herdeiros do reino”.

O pano de fundo de Tiago continua sendo o Antigo Testamento. Do mesmo modo, a análise da escolha de Deus pelos pobres se abre nessa perspectiva, quando na crença veterotestamentária, os pobres são objetos do cuidado especial de Deus (Sl 35,1 e Is 61,1).

Muitos comentaristas também observam aqui traços das palavras de Jesus em Lucas 6,20b, na referência à frase: “Bem-aventurados vós os pobres, porque vosso é o reino de Deus”. Tiago procura diminuir a carga pesada dos pobres (*πτωχοὺς*) ao declarar que eles são eleitos de Deus e, sob certo modo, ricos em fé.

Para designar o “pobre”, Tiago faz uso da palavra *πτωχοὺς*. São os *ptochós*, referenciados na análise sociológica – termo que caracteriza a pessoa em situação de pobreza mendicante. A qualificação desse pobre na relação com o mundo depende do dativo *τῷ κόσμῳ* (“no mundo”) a ser considerado. Se dativo locativo, são “pobres que estão no mundo” (MAYNARD-REID, 1987, p. 62). Se dativo de referência, são pobres pelo padrão do mundo ou “no” (*τῷ*) “mundo” (*κόσμῳ*); assim, segundo o “interesse do mundo”; porém, são “ricos na esfera da fé”, no domínio onde a fé é o bem principal. Ricos quando julgados pelos padrões de Deus.

O que é pobre pelos padrões do mundo e desprezado aos olhos do mundo, é, na verdade, rico do ponto de vista da fé (*πλουσίους ἐν πίστει*), quando julgados pelos padrões de Deus. Em uma demonstração de que, a medida de valor de Deus é diretamente oposta a medida de valor do mundo.

Talvez Tiago tivesse a ideia de que os que têm fé em Jesus Cristo tratariam os pobres com a mesma dignidade dispensada ao rico. Caso Tiago estivesse pensando em Lucas 20, confirmaria que a mesma fé do v.1, é uma referência associativa a Jesus e as suas palavras nas bem-aventuranças.

Em todo o caso, o tratamento de Deus com o pobre, é de escolha, passa a mensagem de prioridade, honra e valoração. As questões relativas ao reino e a promessa “dos que o amam”, não serão tratadas na pesquisa pois são assuntos que tem uma vasta gama de possibilidades, social e teológica, não incidindo de modo direto da questão do eixo central do texto.

2.6.4.2 A atitude dos destinatários em relação ao pobre (v.6a)

O autor é direto na acusação central aos destinatários, agora em um sentido afirmativo. Usando o conectivo “contudo” (ὁὐ) e o pronome “vós” (ὕμεῖς) de modo enfático para marcar o contraste de atitudes (dos destinatários com o pobre e de Deus com os pobres), joga luz na escolha feita em “desonra” (ῆτιμάσατε), dando a entender que a desonra é contra os que Deus escolheu no v.5. Nesse sentido, parece que a figuratividade dos v.2-3, remete a um tema concreto que de alguma forma tomava vida entre aqueles destinatários, dando conclusão a história narrada.

Nogueira (2010, p. 108) afirma que a história em 2-3, mostra o sentimento de desonra do pobre na sociedade greco-romana, em que Tiago chama a atenção da desonra ter sido realizada dentro de um espaço de sinagoga, segundo ele, no Império Romano, os pobres tinham suas associações para se organizar e cultivar sua identidade. No caso das comunidades judias da diáspora e de comunidades cristãs próximas a ela, este espaço era a sinagoga, e, por conseguinte, “era inaceitável que a dignidade do humilde fosse depreciada nesse espaço” (NOGUEIRA, 2010, p. 108).

É forte na perícopa a condenação da atitude discriminatória de desonra contra os pobres. Stagg (1969, p. 399) e Maynard-Reid (1987, p. 48) detectam uma ligação temática entre os órfãos e as viúvas de 1,27 com o pobre discriminado dos v.1-7, evidenciando que o autor desejava incluir o cuidado dos pobres em suas dificuldades e discriminações, que é a “religião pura e sem mácula”.

2.6.4.3 A atitude dos ricos em relação aos destinatários (v.6b-7)

Fechando a série de perguntas retóricas e das atitudes postas em paralelo, o autor atenta para outra situação de contraste. Tiago evidencia a diferença entre a atitude de honra e o interesse em relação ao rico, contrastada com a atitude dos ricos em relação aos próprios destinatários.

O texto evidencia que a atitude dos ricos com os destinatários da epístola era a opressão, e levá-los aos tribunais. “Não são os ricos que vos oprimem [...]?” (οὐχ οἱ πλοῦσιοι καταδυναστεύουσιν ὑμῶν). A ideia de opressão social está contida no emprego do verbo *καταδυναστενῶ* ("oprimir"), sendo seu sentido encontrado na LXX,

onde o termo é utilizado pelos profetas para denunciar a injustiça social praticada contra os pobres, os órfãos e as viúvas (Am 4,1; 8,4; Jr 7,6; 22,3 e Ez 18,12; 22,7).

O verbo *καταδυναστενω* ("oprimir") também possui um forte sentido de conotação de violência, com ênfase na dominação e exploração. O tempo presente do mesmo verbo ainda revela uma contínua exploração social e econômica do pobre na sociedade, uma repetição de experiência desse tipo de exploração.

Neste sentido, parece ser um caso normal para a época: o rico oprime o pobre e "arrasta" (*ἔλκουσιν*) ao tribunal. Aqui se tem um valor jurídico empregado, evidenciando que aquele que detém o poder econômico também detém o poder jurídico, tornando ainda mais forte seu domínio sobre o outro.

Tal construção pode dar ênfase à grave acusação de blasfêmia sobre o "bom nome" (*καλὸν ὄνομα*) que "sobre vós foi invocado" (*ἐπικληθὲν ἐφ' ὑμᾶς*). A julgar pela cristologia do v,1, é possível associar uma referência indireta do "nome" a Jesus. Neste sentido, também sob tal perspectiva, é possível encontrar a blasfêmia.

Na LXX, "o nome" era um modo perifrástico de referir-se a Deus. A frase tem o sentido de uma relação íntima, até mesmo de posse, e aparece com frequência no Antigo Testamento em descrições do relacionamento entre Javé e seu povo (MOO, 1990, p. 92).

Os destinatários são identificados como pobres, oprimidos e "arrastados aos tribunais" pelos ricos. Em contraste, desejariam obter algum favor dos ricos, tratando de forma adulatora àqueles que os oprimem, ajudando aos blasfemadores do "bom nome" (*καλὸν ὄνομα*) invocado sobre eles (v.7) – atitude contra os critérios de Deus, que honra aos pobres com sua escolha (v.5).

Tiago condena aqueles que fazem uso de favoritismo para com os ricos. Há condenação na pergunta que espera o "sim" como resposta, bem como na desonra do pobre (6a). Contudo, apesar de condenar o comportamento do rico, o autor não critica sua presença no meio da comunidade e não patrocina a expulsão do rico daquela assembleia. Ele, apesar de expor a distância entre os dois grupos (pobres e ricos) na sociedade, não condena o fato da proximidade, mas da discriminação e do favoritismo.

A atitude do rico em relação aos destinatários evidencia a dinâmica jurídica do ambiente em um contexto socioeconômico, hierárquico, discriminatório, opressor e injusto para o pobre – tema aqui explorado na análise sociológica do capítulo 1. Porém, Tiago não impede a intimidade do rico no ambiente na comunidade.

Tiago termina a referida perícopa para introduzir o assunto decorrente da situação de parcialidade com os pobres e o favoritismo aos ricos. A lei (*νόμον*) será a palavra principal no contexto dos v.8 e v.9, evidenciando a consequência quando da distinção de pessoas.

Ao término desta seção, é possível perceber as atitudes contrastadas, a dos destinatários, que desonram o pobre, a dos ricos que oprimem os destinatários, que por sua vez honram os ricos e são diante destes identificados como pobres, e a atitude de Deus, que escolhe os pobres para serem honrados e recompensados por uma herança e um reino no âmbito do sagrado com conotações sociológicas. Cada atitude leva os destinatários da epístola a serem confrontados, sob o eixo temático da discriminação do pobre.

A análise do conteúdo propôs o eixo de acordo com a estrutura simétrica concêntrica e as partes da esquematização dessa estrutura, para ser o fio condutor e ofertar substância àquela estrutura, bem como o que permeia o eixo, que deu forma e conexão, direção e profundidade na análise através das palavras e ideias representadas na figura proposta do início da análise.

Em suma, foi apresentado um conteúdo que condena o favoritismo do rico, mas, sobretudo, evidencia a discriminação do pobre, implicando em advertência e exposição do problema, explicitamente na distanciação entre os grupos sociais representados pelo rico e pelo pobre, bem como na comparação das atitudes representativas de honra, desonra e opressão, sob um pano de fundo que o autor encontra no mundo judicial.

Tiago descreve uma possibilidade de mudança, através de um critério a ser adotado pelos destinatários. Para não haver discriminação, mas cuidado com o pobre, Tiago recorre ao sagrado, através da fé em Jesus Cristo.

3 UMA PROPOSTA DE SENTIDO PARA O TEXTO DE TIAGO 2,1-7

As linhas que se seguem tratam de aspectos cognitivos existentes no texto de Tiago 2,1-7. Neste sentido, é preciso salientar que os capítulos apresentados até aqui foram construídos de modo descritivo e investigativo, realizando as devidas análises sociológicas e exegéticas. Assim, o capítulo mostra-se de cunho propositivo.

Tal proposta difere da análise do conteúdo, trabalhado no capítulo anterior, por fazer uso de três aspectos que visam dar um sentido à mensagem, quais sejam: 1) a estrutura de pensamento comunicada pela orientação, desorientação e reorientação, 2) a análise semântica das expressões simbólicas e 3) a identificação da linguagem que permite uma inversão de ordem simbólicas, sociais e religiosas.

O primeiro aspecto se refere ao esquema de estruturas de pensamento caracterizadas pelo padrão dialético de orientação, desorientação e reorientação utilizado por Ricoeur (2006, p. 227). Essa análise hermenêutica intenta mostrar, no arco interpretativo, como o texto se desdobra em três momentos críticos, de modo que a mensagem provoca uma extravagância que orienta, desorientando.

No segundo aspecto, as expressões simbólicas do texto tem estadia sob o estudo da análise semântica, cujo objetivo é verificar o sentido das palavras. Segundo Egger (apud WEGNER, 2002, p. 250), a análise semântica busca responder o que se quer dizer e entender com determinadas expressões; porém, é impossível determinar a significação das expressões sem uma consideração dos contextos sociais existentes.

O terceiro aspecto é a observação de como o texto emprega expressões que permitem perceber e refletir uma linguagem que convida os leitores à inversão da realidade. Em prol dos leitores, Tiago faz uso deste aspecto no texto como um plano simbólico que fundamenta as estruturas sociais, no contexto sociorreligioso, com base na força do âmbito do sagrado (ARCHILA, 1998, p. 63).

A estrutura e o texto de Tiago parecem propícios à essa proposta hermenêutica. Assim, de modo a organizar tal proposta de sentido, o presente capítulo buscou apontar como os três aspectos supramencionados e utilizados são aplicados e como interagem com o texto, para, em seguida, propor uma breve exposição de sentido para o conteúdo da mensagem.

3.1 ORIENTAÇÃO, DESORIENTAÇÃO E REORIENTAÇÃO

O foco da estrutura de pensamento em questão é o modo do discurso que se define pela conjunção entre uma narrativa e um processo metafórico. O efeito de tal conjunção provoca uma extravagância que orienta desorientando, ou seja, ensina a “verdade” da fé de modo paradoxal. Pela hermenêutica de Ricoeur (2006, p. 227), “o que faz sentido, não são as situações, enquanto tais, mas (...) a intriga, a estrutura do drama”.

O texto de Tiago é organizado de modo que parece ser possível visualizar a situação característica de orientação e reorientação pela desorientação, isto é, a orientação é natural, porém, os leitores são, a princípio, desorientados antes de serem reorientados, a fim de revelar uma nova possibilidade de mudança de realidade.

A narrativa inicia orientada por uma situação de advertência (v.1), seguida da apresentação da cena do rico e do pobre na sinagoga (v.2-3). A desorientação se dá quando o autor deixa explícito que os destinatários da epístola são aqueles que cometeram discriminações, expondo o caráter destes, assemelhando-os a juízes de raciocínios maldosos divididos em si mesmo (v.4).

Tal constituição faz com que seja revelado, de modo dramático e direto, que os destinatários são agentes ativos e participantes da discriminação. A história narrada tem seu objetivo desenvolvido a partir dessa constatação. A forma narrativa de revelação do personagem com conduta discriminatória, em verdade, é a representação das atitudes dos próprios destinatários.

A cena parece ter sido construída em prol de um ápice acusatório e dramático. Tal formatação desorienta e desconcentra os leitores em um primeiro momento ao se verem revelados no texto, isto é, em uma primeira perspectiva, o autor provê uma visão do mundo convencional na sinagoga, para, em seguida, introduzir uma nova perspectiva reveladora que os desorienta, culminando no fator gerador de tensão. É a partir da tensão entre as perspectivas que um novo ponto de vista reorientador tem condições de surgir.

A reorientação se dá no v.5 como uma proposta de nova realidade – mudança que tende a ser forte o suficiente para que o imaginário possa ser projetado, lançado para fora da sua realidade em uma conexão com outro ponto de vista reorientador.

A estrutura de pensamento proposta para o texto mostra-se, então, como se segue: a) orientação vv. 1-3; b) desorientação vv. 4; e, c) reorientação vv. 5. É na reorientação que Tiago propõe uma inversão de realidade, com base nas expressões simbólicas.

3.2 EXPRESSÕES SIMBÓLICAS

É pela análise semântica das expressões multívocas que é possível verificar o sentido da linguagem. O texto de Tiago trabalha fortemente o símbolo através das expressões, no processo dialógico implícito entre o autor e os destinatários. Assim, no entendimento dessa arquitetura do sentido sob a análise da linguagem, afirma Ricoeur (1978, p. 14):

Parece que o elemento comum, o que se encontra em toda a parte, da exegese à psicanálise, é certa arquitetura do sentido, que podemos chamar de duplo-sentido ou múltiplo-sentido, cujo papel consiste, cada vez, embora de modo diferente, em mostrar-ocultando. Portanto, é na semântica do mostrado-oculto, na semântica das expressões multívocas, que vejo estreitar-se esta análise da linguagem.

Rocher (1971, p. 156) entende que o símbolo é um componente essencial e um dos principais fundamentos da sociedade; os valores, enquanto ideais, têm necessidade de serem afirmados por algo concreto, e a adesão individual ou coletiva aos valores deve manifestar-se através de condutas observáveis; logo, tais condutas ou modelos se tornam expressões simbólicas de valores, sendo esse o símbolo pertencente a uma dada sociedade.

A organização hierárquica se atualiza constantemente por meio dos diversos símbolos de posição e poder, acentuando-se na diferença de classes e prestígio na sociedade que recriam incessantemente a participação e identificação dos indivíduos na sociedade por intermédio dos símbolos. O universo dos valores simbólicos, então, passa para a realidade (ROCHER, 1971, p. 181).

A fim de manter o sistema do Império Romano com base em uma estrutura hierárquica assimétrica de dominação, repressão e controle social, existiam subsistemas geradores de opressão para as classes dominadas. Neste sentido, é a partir do contexto social que se torna possível o uso das expressões simbólicas no texto que afeta a vida dos leitores originais de Tiago.

A consequência do sistema hierárquico romano era a geração de conflitos e ameaças à vida, de cunho escravagista, patriarcal e clientelista, que podiam ser refletidos na economia, na religião, na diferenciação cultural, no poder jurídico, na cidadania e no grau de liberdade. Estes geravam a escravidão, a opressão por violência, a discriminação e o empobrecimento.

Neste entendimento, para uma identificação do sentido das expressões simbólicas no texto é necessário associar a organização hierárquica e as estruturas que geram as relações sociais da época. Assim, é possível observar a construção de Tiago das expressões da vida social e religiosa em relação aos ricos, aos pobres e aos seus destinatários.

É a partir de tais expressões, visualizadas na perspectiva do símbolo, que o autor propõe uma inversão da realidade e reorienta os destinatários, objetivando uma mudança prática em relação à vida sociorreligiosa e à mensagem central do texto.

Diante do exposto, têm-se as seguintes expressões simbólicas na proposta em questão:

- a) Expressões que remetem ao imaginário jurídico nos vv. 6-7;
- b) Expressões agrupadas na cena do rico e do pobre vv.2-3; e
- c) Expressões na dimensão do sagrado v.5.

3.3 INVERSÃO DA REALIDADE

Diante da impotência de mudança das estruturas dominantes, Tiago propõe a inversão da ordem social e, conseqüentemente, dos símbolos dominantes que ameaçam aos destinatários para uma nova possibilidade de vivência prática com base na mensagem de inversão de realidade. Esta se dá em sentido simbólico, projetando resultados práticos na vida dos destinatários da epístola.

Neste sentido, a linguagem de Tiago alcança expressividade quando se observa no texto as expressões simbólicas sócioestruturais que ameaçam a vida dos mais pobres, dos destinatários da epístola, ao reorientar a realidade e alcançar outros aspectos além da questão do rico e do pobre dentro do esquema de inversão.

No texto de Tiago 2,1-7, a narrativa e o discurso do autor estão envoltos em uma possibilidade da linguagem de inversão. Após a narrativa do rico e do pobre, sob a advertência da discriminação (v.1-3), o texto desorienta os leitores (v.4)

acusando, revelando e identificando os destinatários como aqueles que cometem discriminações, para, em seguida, reorientá-los.

A partir da reorientação, que tem início no v.5, é possível perceber a linguagem de inversão. Tiago aponta que “[...] Deus escolheu os pobres no mundo para serem ricos em fé [...]”, isto é, os pobres agora são ricos. O autor inverte as posições entre pobres e ricos, sob a perspectiva da fé. Tal inversão torna-se forte o suficiente, mediante o sagrado, para reorientar os destinatários a uma nova ordem simbólica e prática intentada junto aos destinatários.

São possíveis situações práticas e concretas que estão vivendo os destinatários, fundamentados nas estruturas sociais, que também permitem aos leitores serem reportados a uma experiência de inversão e conduzidos a uma postura diferente em relação à discriminação.

Para uma inversão da realidade e concreta mudança de postura, foi possível identificar no texto, através da análise exegética como sendo um dos critérios, a fé, que funciona como uma condição para o que Tiago deseja apontar como mudança para os destinatários. Porém, tal mudança se dá por intermédio de uma dimensão simbólica e religiosa.

Assim, se tem a inversão de realidade no texto na seguinte expressão: “Escutai, meus irmãos amados, Não escolheu Deus os pobres no mundo, para serem ricos em fé e herdeiros do reino, o qual prometeu aos que o amam?” (v.5).

3.4 UMA PROPOSTA DE SENTIDO

A proposta não tem a pretensão de abarcar todos os sentidos, e tampouco citar todos os detalhes expostos na presente pesquisa. Neste sentido, ela se torna “uma” diante de outras análises e leituras que podem ser realizadas, respeitando a exegese e o contexto social de Tiago 2,1-7. Mas, tem como objetivo passar, de forma estruturada, um sentido para a mensagem.

Depois de identificado como o texto expressa a desorientação para a reorientação, o versículo para a inversão de realidade e as bases para uma análise semântica das expressões simbólicas, a proposta segue na imbricação dos três fatores supramencionados, a fim de expor um sentido para o texto, apresentando uma possibilidade de intenção do escrito em Tiago 2.1-7, a partir da questão da discriminação do pobre.

Com base no critério da fé, o autor propõe a inversão da realidade e a reorientação para a mudança, tendo como pano de fundo as opressões sociais vivenciadas pelos destinatários. Neste sentido, é possível observar as dimensões econômicas em associação às simbólicas, em prol da conexão da proposta de sentido. Assim, na Figura 6, a seguir, têm-se os passos para organizar a referida proposta de sentido.

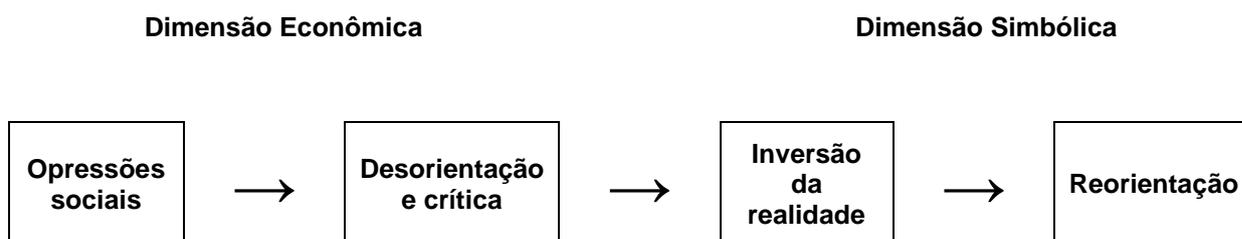


Figura 6 – Dimensão econômica e dimensão simbólica.

Fonte: Dos autores.

3.4.1 Opressões sociais: o símbolo viabilizado pelo imaginário jurídico

No ambiente jurídico dos vv.6-7, é possível perceber a intenção do autor em caracterizar a expressão simbólica que remete ao poder judiciário. Em verdade, todo o gênero do discurso e a narrativa de Tiago se voltam para os aspectos “ambiente”, “termos” e “argumentos jurídicos”, com base na realidade dos destinatários, ou seja, a opressão e violência com que eram tratados nos tribunais – algo que se faz presente (e que afeta diretamente) no imaginário social.

O poder judiciário estava nas mãos daqueles que se encontravam em uma posição na escala social. O lugar dos juízes é usurpado pelo rico proprietário de terra, que se arroga o direito de resolver as situações conflituais na cidade, em especial, aqueles que lhe concernem pessoalmente (BECQUET et al., 1991, p. 38).

Situação comum em um ambiente onde a dívida devido aos empréstimos ou por causa de impostos acrescia-se de juros, o que acarretava em mais dívida e, conseqüentemente, se refletia na impossibilidade do pagamento, ocasionando ameaças concretas à vida e à liberdade dos devedores e de suas famílias.

Como já observado na análise sociológica, o mecanismo opressor para o pagamento de dívidas poderia ser desde a tortura ou prisão do devedor ou dos membros da família, a fim de forçar o recebimento ou a obtenção de lucro mediante a escravidão. Logo, não eram poucos os casos em que os lugares dos juízes eram usurpados por ricos.

Assim também, a própria política romana favorecia os ricos. Estes recebiam penalidades mais brandas e não podiam ser processados por seus inferiores sociais. E sob a proteção da lei e com a ajuda dos tribunais, podiam escravizar os seus devedores, vivendo uma vida de prazeres enquanto iam acumulando dinheiro (5,5).

Caso se considere que sejam juízes do Império a referência do indivíduo que possui o anel de ouro e as vestes brilhante (v. 2a), são eles também aqueles que acumulam as riquezas do mundo. Estes juízes são aqueles que, em sua capacidade de rico, submetem aos membros da comunidade a desigualdade dos tribunais.

Os tribunais, por outro lado, operam sob o patrocínio de divindades cívicas. São, portanto, na visão judaico-cristã, uma blasfêmia contra o Deus verdadeiro, não somente pela presença das estátuas de deuses pagãos, mas porque ignoram os direitos dos mais pobres – os escolhidos por Deus.

Na expressão simbólica dos vv.6-7 mostra-se evidente a preferência com que os destinatários tratam o rico. Em verdade, tem-se aí a predileção com quem os oprime. Com efeito, estes se tornam cúmplices da classe opressora e opressores da própria classe.

No caso da linha de raciocínio onde o entendimento de que o rico é representante da magistratura, o simbolismo do imaginário jurídico do discurso mostra-se ainda mais forte em termos de confronto de classes com a realidade social, remetendo a uma nova ordem simbólica, a hierarquia e organização igualmente discriminatória.

É através da hierarquia e organização onde, e através do qual, se define e se reproduz o poder. Tal dependência hierárquica é simbolizada no texto por meio das expressões de verticalidade alto e baixo encontradas e bem desenvolvidas simbolicamente no v.3, servindo para reforçar a sociedade dividida em grupos sociais com forte hierarquização.

Nesta ordem simbólica, os pobres estão fora das possibilidades de acesso. A forma de vestimenta do rico é um código coletivo que qualifica a exclusão do pobre daquele símbolo. O texto deixa claro a que tipo de pobres economicamente está se

referindo, aos *ptochós*, ou seja, alguém que não tem mais condições de sobreviver, entregando-se a mendicância.

No modo de produção escravagista dominante do Império Romano, os indivíduos empobrecidos são consequência da imposição de um sistema econômico, que nega a possibilidade de uma vida plena.

O contexto em questão está associado ao texto no momento em que os leitores de Tiago se deparam com os termos e significados jurídicos. Projetando ao imaginário as opressões vivenciadas pela realidade que os afeta e oprime, Tiago faz uso desse ambiente jurídico para impactar os leitores através do símbolo que remete à opressão social.

Em suma, Tiago se impregna das expressões e do ambiente jurídico para trazer aos destinatários o ambiente socioeconômico conflitual que eles bem conheciam, para, então, dentro de tal ambiente, abordar a discriminação contra o pobre e, ainda mesmo que indiretamente, ensinar sobre os temas “discriminação”, “Jesus Cristo”, “fé”, “Deus”, “escolhas”, “honra”, “desonra” e “opressão”, configurando em uma importante conexão sociológica conflitual na mensagem que o autor objetiva realizar.

3.4.2 Desorientação e crítica: expressões simbólicas agrupadas

A desorientação se dá na revelação de que os destinatários são aqueles que discriminam, tratando o pobre de modo discriminatório, e o rico, de modo atencioso. Neste sentido, é preciso questionar: qual interesse havia no grupo destinatário da epístola em tratar com atenção especial ao rico? Por que uma atenção detalhada nas vestes do rico?

As respostas surgem a partir do v.4, onde o autor agrupa indiretamente vários simbolismos trabalhados no texto, como se os destinatários, a partir da desorientação, fossem despertados para uma reflexão do contexto social exposto na cena da discriminação do pobre (vv. 2-3) e suas implicações práticas.

Assim, é possível perceber claramente que a discriminação contra o pobre se faz no favoritismo em relação ao rico. Na análise exegética, o termo “lançar os olhos sobre” tem uma expressividade de atenção com interesse, que a comunidade faz a primeiro ver a aparência do homem com anel de ouro e vestes brilhantes, e como este olhar influencia no tratamento, repercutindo por todo o contexto da mensagem.

Sob a hipótese de que o rico em questão se trata de um magistrado, Míguez (1998, p. 92) afirma que é possível pensar que o magistrado poderia oferecer proteção jurídica e legal por meio do patronato, e ainda que fossem “arrastados” aos tribunais sem a devida proteção, teriam a quem recorrer.

Neste sentido, poderiam lograr um benfeitor na esperança, subentendida, de que este se mostre generoso em suas dádivas dispensadas pelo seu prestígio. E ainda, a conduta oposta poderia ser lesiva para a comunidade, ou seja, “tratá-lo igualmente ao pobre poderia ser considerado uma desonra pública” (MÍGUEZ, 1998, p. 91).

Sobre a questão, Laws (1980, p. 102) afirma que além do rico e do pobre serem vistos pelos destinatários como visitantes, ao mesmo tempo, poderiam se tornar membros em potencial daquela comunidade. No caso em questão, o que mais interessava era ter o rico como participante ativo no meio da comunidade – ameaçada pelas opressões sociais.

Outra questão que pode estar implícita no tratamento identificado e que Tiago também trabalha no contexto geral da epístola é o desejo de cobiça, em ter não somente a posição, mas, os artefatos dos ricos, nos desejos despertados em levar uma vida como a dos ricos.

Aqui se faz importante salientar que os ricos viviam em vestes esplendorosas e privilégios, em práticas de acumulação, exploração da mão de obra escrava, dos camponeses, do mercado, obtenção de lucro e acúmulo de terras e, sobretudo, não eram oprimidos do mesmo modo e com a mesma intensidade que o pobre.

Diante do exposto, têm-se duas possibilidades de respostas para a verdadeira motivação do interesse e do tratamento no favorecimento ao rico – interesse que nasce a partir do olhar sobre o símbolo da aparência, representada nas vestes brilhantes e nos anéis de ouro, e pelo imaginário das expressões simbólicas judiciais que permeiam o texto.

A primeira possibilidade se dá em relação ao favor que aquele rico poderia conceder aos destinatários. Pela apreensão que o contexto social oferece e os conflitos gerados através do imaginário jurídico, tem-se na mente dos destinatários o medo dos tribunais e das consequências destes – situação real que poderia se concretizar pelo empobrecimento. Normalmente, o pobre já sofreu com a opressão e as consequências econômicas, materiais, além dos perigos de morte e do sofrimento em si mesmo. Então, ao escolher entre o pobre mendicante de roupa

suja e o rico que poderia lhe favorecer no risco de sofrimento, os receptores da epístola não tem dúvida em preferir o rico e discriminar o pobre nesse imaginário e sob o poder da opressão social.

A segunda possibilidade são os desejos gerados pela cobiça e pela expectativa de obterem os privilégios que poderiam ser desfrutados pela condição social. Os bens materiais e o poder se tornam consequência da riqueza, acarretando nos mesmos inveja e cobiça.

A partir daí, é possível entender porque a discriminação nasce de modo interiorizado, ou seja, tem por base o contexto sociológico conflitual viabilizado pelo medo e pela cobiça. O texto sob a análise exegética deixa claro que a significação da expressão "em vós mesmos" (v.4) aponta para a interioridade, não em direção a algo exterior. É a partir daí que as ações são praticadas.

Conforme exposto no capítulo dois da presente pesquisa e, agora, como significado que tem por base a *psiquê*, os destinatários primeiro observam com cuidado o rico e o pobre, para, em seguida, dentro de sua mente, 'realizar' a discriminação por interesses específicos, e depois executar tudo aquilo que estava interiorizado, isto é, a exteriorização das ações da discriminação que nasce no interior gera um conflito interior que envolve o medo e as possíveis vantagens.

Na crítica revelatória de Tiago, que se reproduz na substancialidade de símbolos da cena do pobre e do rico, também e principalmente é possível encontrar o sentido sociológico conflitual da discriminação. Os destinatários são desorientados, sob a acusação de discriminadores e instrumentos de desonra ao pobre; mas não é somente tal acusação que Tiago revela.

Eles são assemelhados e comparados ao símbolo negativo dos juízes do Antigo Testamento – algo que eles mesmos deveriam condenar, como judeus-cristãos que eram. Tais informações devem ter desorientado os primeiros leitores; porém, agora estariam prontos para a reorientação por meio de palavras que devem levá-los a uma proposta de inversão de realidade.

Com base nos símbolos sociais econômicos caracterizados pelas expressões de sentidos jurídicos e de riqueza, tem-se o nascimento da discriminação nos leitores originais. Neste sentido, Tiago expõe e critica as atitudes dos destinatários em relação ao rico, em relação ao pobre e em relação aos seus pensamentos. Tais atitudes, segundo Tiago, parecem não combinar com a fé.

Tiago agrupa os símbolos ao atentar para a discriminação dos destinatários (v.4), mas também desorienta para reorientar, com um jogo de palavras que deve levar os leitores a uma proposta de inversão de realidade.

3.4.3 Inversão de realidade e reorientação: a escolha de Deus

A inversão de realidade se dá no contexto discriminatório que nasce na mente e no interior dos leitores a quem Tiago escreve. A mente dos destinatários está permeada pelas ameaças reais das práticas injustas do sistema econômico, que leva ao empobrecimento, associado à dinâmica opressora dos tribunais romanos. Mas também o sagrado é a base da comunicação entre o autor e os leitores. Neste sentido, Tiago faz uso da força das expressões simbólicas sagradas, a fim de propor uma mudança e uma inversão de realidade.

Tal relação muda quando, no texto, os pobres são escolhidos por Deus, tendo por base uma lei diferente da lei romana, ou seja, quando desonrados, oprimidos e levados aos tribunais, são considerados ricos em fé e herdeiros do reino (v.5). Na inversão, agora a realidade é substituída por outro critério de juízo: o critério de Deus. O poder simbólico agora se dá na dimensão do sagrado.

A lei que difere da lei romana é a lei do reino de Deus. Como herdeiros do reino, os pobres estão submetidos às condições sagradas e são julgados segundo os critérios de Deus, e não segundo os critérios de Roma. É um privilégio adquirido pela fé, ou na inversão, “ricos em fé”. O critério da fé é o poder que confere aos pobres o “reino” e sua jurisdição.

Outra inversão se dá na ordem hierárquica, onde a discriminação pode ser evidenciada. Aqui, Tiago deixa claro que a prioridade de Deus é pelos pobres, isto é, eles são os primeiros, a ordem hierárquica está invertida, provavelmente reportando à cena da sinagoga, onde as prioridades foram trocadas (evidenciado inclusive pelo símbolo de alto e baixo no convite para sentar ou se aproximar) pela comunidade a quem o autor escreve.

Tais inversões de ordem simbólica pelo sagrado se dão por concreto em uma reorientação para novas atitudes e prática que a comunidade deve viver. Seguindo tal entendimento, devem ser invertidas as atitudes dos destinatários apontados nas críticas, nas denúncias diretas e indiretas de Tiago no texto, quer por intermédios das expressões simbólicas, quer de forma incisiva expressas na mensagem.

A reorientação se concretiza na inversão do tratamento discriminatório em relação aos pobres. Esta traria o acolhimento dos empobrecidos, pois, na inversão, fariam uso do mesmo critério de Deus, honrando o pobre medicante de roupa suja e não desonrando (v.6a), como primeiro fizeram, dando a mesma dignidade que Deus demonstra aos seus herdeiros, ou seja, em vez de discriminados, seriam tratados de modo digno e igualitário.

Na proposta em questão, a mente não estaria mais dividida, mas certa dos critérios a serem adotados e praticados em relação ao seu contexto social. Não seriam mais juízes ou mestres em uma pretensa posição religiosa superior, mas igualmente propensos a escolher a quem Deus escolhe.

Quando das relações entre os grupos, ao pobre, dignidade e acolhimento, e ao rico, ter a medida certa do que faz e como pode oprimir os pobres na sociedade, isto é, é preciso entender as posições de oprimido e do opressor, do que blasfema, do que se contrapõe a fé verificada em Jesus Cristo e em Deus e aqueles que são escolhidos por Deus.

Em relação ao rico, a inversão não inclui o tratamento vingativo, ou do mesmo modo discriminatório. Por sinal, na prática da cena da sinagoga dos vv.2-3, Tiago não exclui o rico do convívio, e tampouco projeta um tratamento desqualificado e desonroso. Ele critica a atitude dos destinatários, mas não do personagem rico na sinagoga. Talvez Tiago pense que seja no convívio sob o sagrado que as assimetrias possam diminuir.

Do mesmo modo, na reorientação da cobiça e no desejo de obter vantagens pelo tratamento especial com o rico, a inversão traria nomia e contentamento, mesmo em um contexto conflitual. A inversão pelo sagrado teria a força de promover alívio e conforto aos destinatários – mensagem obtida mediante a inversão simbólica religiosa.

Assim, é possível identificar no texto as expressões simbólicas que remetem ao ambiente judicial, observando como o símbolo afeta a vida dos destinatários como fato gerador de tensão e medo, seja através do imaginário social ou da realidade específica da comunidade, para, em seguida, através da desorientação e das expressões simbólicas religiosociais, verificar a discriminação do pobre e propor a inversão da realidade sob o critério do sagrado, bem como os possíveis efeitos práticos da reorientação que podem repercutir na vida dos destinatários.

A hermenêutica proposta demonstra a força que a mensagem do texto de Tiago 2,1-7 possui em relação à discriminação do pobre. Mais do que uma advertência, o autor trabalha e faz bom uso dos aspectos do ambiente social para revelar a gravidade do problema aos seus leitores. Do mesmo modo, a mensagem aponta detalhadamente uma construção de texto e de pensamento que evidencia e ressalta a importância da questão a ser tratada com a mesma urgência e intensidade demonstrada no texto pelos destinatários da mensagem de Tiago.

Ao mesmo tempo em que Tiago propõe uma escolha por atenção ao pobre e, em especial, o mendicante de roupa suja, ele faz uso de outro fator sensível de contraste para os destinatários: o sagrado; seja nas menções indiretas ao Antigo Testamento ou nas referências ao espaço religioso, mas, principalmente, no contraste da escolha de Deus e das escolhas discriminatórias. O sagrado é fator de mudança interior que intenta o autor. No centro da perícopes está o objeto da mudança que pode ser exteriorizado no pobre, alvo da discriminação, onde, através da experiência religiosa, pode ser objeto de tratamento digno e honrado em suas necessidades.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa, que teve como norte o capítulo 2,1-7 da epístola de Tiago, possibilitou investigar e analisar a questão da discriminação do pobre.

Após pesquisar e submeter o texto às análises sociológica e exegética, foi possível perceber que ambas as formas de abordagem textual potencializaram o resultado da hermenêutica proposta, aclarando os aspectos enigmáticos e demonstrando a força da mensagem que o texto intencionou ao expor o tema aos seus destinatários.

Mesmo não sendo objeto da pesquisa, observamos que a inter-relação entre o método histórico-crítico e o método sociológico ofereceram subsídios importantes entre ambos e em conjunto para a construção da análise do conteúdo do capítulo dois e da proposta de sentido do capítulo três, de forma a suprir os diferentes aspectos que as duas se propõem em termos sociológicos e textuais.

Por certo, as conclusões expostas a seguir são aproximações intentadas em relação ao trecho capitular supramencionado, no entendimento das dificuldades naturais que decorrem da interpretação exata da intenção do autor e do escrito, observando os limites exegéticos, as influências sociológicas e hermenêuticas que naturalmente se impõe em qualquer pesquisa dessa natureza.

Assim, no percurso da presente dissertação, a análise sociológica evidenciou um ambiente propício aos conflitos e à discriminação, bem como a sua efetiva existência, expressa em diversas formas e manifestações, principalmente na questão socioeconômica. Tal situação é refletida diretamente no desenvolvimento da mensagem, quando Tiago faz uso, no texto, de expressões que remetem aos conflitos do ambiente vivencial dos destinatários.

A análise exegética revelou detalhes textuais que reafirmam e demonstram a intenção de Tiago em comunicar uma mensagem rica em aspectos simbólicos e sociais, contextualizada, intencional, clara, estruturada e antidiscriminatória, realçada por uma estrutura simétrica concêntrica bem definida, onde os termos de ordem jurídica, quiasmos, microestruturas, antíteses e palavras gregas são construídos para ressaltar a discriminação do pobre.

Após a realização de tais análises, foi possível observar que o texto expressa a correlação do ambiente social com a estrutura textual – relacionamento que se dá por ocasião do uso de expressões simbólicas socioreligiosas, em especial, de

expressões de ordem jurídica com véis econômico. São símbolos bem conhecidos dos destinatários judeus cristãos da epístola, que remetem tanto ao mundo religioso do Antigo Testamento quanto ao ambiente do Império Romano permeado pelo conflito.

Fazendo uso das expressões simbólicas, Tiago articulou uma cena onde se dá o seguinte ápice: inesperadamente, os destinatários se veem como discriminadores do pobre e, conseqüentemente, são confrontados com as atitudes em relação aos ricos, a Deus e a eles mesmos, sendo chamados a uma mudança de postura indiscriminatória em meio aos conflitos sociais.

Sob tal propósito, o autor faz uso da cena para desorientar os leitores, antes de serem reorientados para uma nova possibilidade de mudança de realidade – possibilidade concretizada através da inversão da ordem entre ricos e pobres, viabilizada pelo sagrado. O texto remete os destinatários a uma realidade diferente, que tem como objetivo uma transformação de pensamentos e atitudes através da experiência religiosa.

A presente pesquisa evidenciou que as mudanças de pensamentos e atitudes objetivadas por aquele autor se dão em torno do tema “discriminação do pobre”. É a partir daí que se tem os motivos pelos quais os destinatários foram acusados de desonra e discriminação. A motivação discriminatória foi identificada pelo desejo de obtenção de favores, posição social, cobiça material e, principalmente, o medo e a busca da segurança diante das ameaças de um ambiente conflitual. Tiago indica que a condição de pobreza não retira deles a honra, mas, a discriminação, sim.

Diante do exposto, o objetivo da presente pesquisa foi alcançado pela investigação das informações sobre a epístola e seu texto, bem como sobre o ambiente social e religioso da comunidade cristã originária, com base na análise dos aspectos sociais e exegéticos que visam demonstrar a importância de evidenciar a intencionalidade da mensagem no ambiente social sob a percepção do conflito, tendo como consequência uma hermenêutica de aproximação para o cumprimento da prática cristã em relação à discriminação do pobre.

Do mesmo modo, a hipótese é confirmada quando se conclui que o texto é elaborado através de uma “mão redacional” que conecta o ambiente social conflitual dos destinatários com o texto, de modo pensado e arquitetado com profundidade e planejamento, objetivando denunciar enfaticamente a discriminação do pobre e, ao mesmo tempo, direcionar e exortar para uma mudança de postura.

Sem o referido entendimento e a conseqüente disseminação da informação, as comunidades cristãs deixam de realizar seu papel de protagonismo prioritariamente em favor dos pobres e discriminados, quando desconhecem a força da mensagem do texto de Tiago.

Dada a importância do tema e da epístola de Tiago, e pelas diversas possibilidades ainda não exploradas do ponto de vista conflitual, faz-se importante que outras pesquisas possam expandir o entendimento de Tiago em relação às perícopes similares à temática em questão. Neste sentido, a epístola foi pouco explorada; porém, é bastante substancial nas informações que podem servir para a sociedade em futuros trabalhos sociológicos e exegéticos.

Pelos resultados aqui alcançados, é possível concluir que Tiago 2,1-7 traz consigo, à igreja atual, aspectos relevantes através dos quais as relações discriminatórias em relação ao pobre devem ser menos assimétricas. Tal conclusão mostra-se igualmente relevante naquelas comunidades cristãs onde, ainda hoje, a preferência por aqueles que são aparentemente importantes, são fatores preponderantes de acesso ao cuidado e à atenção eclesial, segregando e excluindo os pobres.

Porém, através da experiência religiosa e de uma hermenêutica compatível com a intensidade demonstrada pela mensagem de Tiago, as comunidades religiosas e, conseqüentemente, a sociedade, podem contribuir para denunciar a discriminação do pobre e recuperar o pobre discriminado em seu valor e cidadania – aspectos necessários para o reconhecimento e a consciência de sua dignidade.

REFERÊNCIAS

ADAMSON, J. B. *The epistle of James*. Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1976. (The New International Commentary on the New Testament)

ALLEN, C. *Comentário bíblico Broadman: Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1987. v. 8.

ALVAREZ-VERDES. M. *El método sociológico en la investigación bíblica actual*. StMor, n. 27, 1989.

ARCHILA, F. R. *La ley del Reino: una exigencia de vida plena*. Una aproximación antropológica y simbólica de la Carta de Santiago. *Revista de Interpretación Bíblica Latino-Americana*, Quito, v. 31, n. 3, p. 43-67, 1998. Disponível em: <<https://www.claiweb.org/images/riblas/pdf/31.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

ARENS, E. *Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João: aspectos sociais e econômicos para a compreensão do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1997.

BAUER, W.; ARNDT, W. F.; GINGRICH, F. W. *A greek-english lexicon of the New Testament and other early christian literature*. Chicago: The University of Chicago Press, 1957.

BECQUET, G et al. *A carta de Tiago: leitura sociolinguística* São Paulo: Edições Paulinas, 1991. (Cadernos Bíblicos, 51)

BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

BIESANZ, J; BIESANZ, M. *Introdução à ciência social*. São Paulo: Nacional, 1972.

BIROU, A. *Dicionário das Ciências Sociais*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.

BITTENCOURT FILHO, H. *IAKOB: a enunciação do discurso religioso: leitura/análise do texto grego da epístola de Tiago*. 2008. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. Novo comentário bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento. Trad. de Celso Eronides Fernandes. Rev. de Dr. Júlio Paulo Tavares Zabatiero. São Paulo: Academia Cristã Ltda., Paulus, 2007.

CARSON, D. A., BEALE, G. K. (Orgs.). *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. Trad. de C. E. S. Lopes, F. Medeiros, R. Malkomes e V. Kroker. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2014.

_____; MOO, D. J.; MORRIS, L. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. São Paulo: Editora e Distribuidora Candeia, 1995. v. 1.

CONTI, C. *Propuesta de estructuración de la Carta de Santiago*. Revista de Interpretación Bíblica Latino-Americana, Quito, v. 31, n. 3, p. 7-23, 1998. Disponível em: <<https://www.claiweb.org/images/riblas/pdf/31.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

COSTA, Cristina. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2005.

COSER, L. A. *Las funciones del conflicto social*. México: Fondo de Cultura Económica, 1961.

CROATTO, S. J. *Hermenêutica bíblica*. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

DAVIDS, P. H. *Novo comentário bíblico contemporâneo: Tiago*. São Paulo: Vida, 1997.

DELLING, G. The use of the word group in the greek and hellenistic world. In: KITTEL, G. (Org.). *Theological dictionary of the New Testament*. Grand Rapids: WM B Erdmans Publishing Company, 1975. v. III.

DIBELIUS, M. *A Commentary on the epistle of James*. Philadelphia: Fortress Press, 1996.

EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1994.

ELLIOTT, J. H. *Um lar para quem não tem casa: interpretação sociológica da primeira carta de Pedro*. São Paulo, Paulus, 1995.

FERREIRA, J. A. *Paulo, Jesus e os marginalizados: leitura conflitual do novo testamento*. 2. ed. Goiás: Ed. da PUC, 2011.

FIORINZA, E. S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992.

GEFFRÉ, C. *Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

GINGRICH, F. W. *Léxico do Novo Testamento: grego, português*. São Paulo: Vida Nova, 2012.

GOLDTHORPE, J. E. *Sociologia e Antropologia Social: uma introdução*. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

GORGULHO, G., ANDERSON, A. F. *A Leitura sociológica da Bíblia*. Estudos Bíblicos, n. 2, p. 6-10, 1987.

GRÜNZWEIG, F. *Cartas de Tiago, Pedro, João e Judas*. Curitiba: Evangélica Esperança, 2008.

GUSMÃO, P. D. *Manual de Sociologia*. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

HORSLEY, R. A. *Jesus e o Império: o reino de Deus e a nova ordem mundial*. São Paulo: Paulus, 2004.

JOHNSON, L. T. *The letter of James: a new translation with introduction and commentary*. New York: Doubleday, 1995.

JOSEFO, F. *História dos Hebreus – Guerra dos judeus contra os romanos*. Rio de Janeiro: CPAD, 1990.

JUNGHANS, H. *Temas da Teologia de Lutero*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2001.

KNOCH, O. *A carta do apóstolo Tiago*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970.

KOESTER, H. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2005. v. 1.

KRÜGER, R.; CROATTO, S. *Métodos exegeticos*. Buenos Aires: Publicaciones EDUCAB, ISEDET, 1996.

KÜMMEL, W. G. *Síntese teológica do Novo Testamento*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1983.

LAWS, S. *A cometary onthe epistle of James*. San Francisco: Harpers e Row Publishers, 1980.

LENSKI, R. C. H. *The interpretation of the epistles to the Hebrew and the epistle of James*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1966.

MAINVILLE, O. *A Bíblia à luz da História: guia de exegese histórico-crítica*. Trad. de Magno Vilela. São Paulo: Paulinas, 1999.

MALY, E. H. *Epistolas de Santiago, Judas y Pedro*. Santander: Editorial "Sal Terrae", 1966. (Conoce la Biblia: Nuevo Testamento 13)

MARCONI, G. *Exegese de Tiago, Roma: 1989-1990*. 5 f. Notas de aula por Valmor da Silva na Pontifícia Universidade Gregoriana, PUG, Itália em 1989-1990.

_____. La struttura di Giacomo 2. *Revista Biblica*, v. 68, p. 250-257, 1987.

MAYNARD-REID, P. U. *Poverty and wealth in James*. Maryknoll: Orbis, 1987.

McNAB, A. A epístola geral de Tiago. In: DAVIDSON, F. (Org.). *O novo comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1990. v. II.

MEEKS, W. A. *Os primeiros cristãos urbanos: o mundo social do apóstolo Paulo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

MÍGUEZ, N. Ricos y pobres: relaciones clientelares en la Carta de Santiago. *Revista de Interpretación Bíblica Latino-Americana*, Quito, v. 31, n. 3, p. 86-98, 1998. Disponível em: <<https://www.claiweb.org/images/riblas/pdf/31.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

MOO, D. J. *Tiago: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1990.

MURACHCO, H. *Língua grega: visão semântica, lógica, orgânica e funcional*. São Paulo: Discurso Editorial; Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. 2 v.

NESTLE, E.; ALAND, K. *Novum Testamentum graece*. 27. ed. Stuttgart: Biblegesellschaft, 2006.

NOGUEIRA, P. *La dignidad del pobre en una sinagoga cristiana de la diáspora*. Un ejemplo de seguimiento de la Torá en el Cristianismo primitivo. *Revista de Interpretación Bíblica Latino-Americana*, Quito, v. 31, n. 3, p. 99-109, 1998. Disponível em: <<https://www.claiweb.org/images/riblas/pdf/31.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

OMANSON, R. *Variantes textuais do Novo Testamento: análise e avaliação do aparato crítico de "O Novo Testamento Grego"*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

OSIEK, C. *The new handmaid: the bible and the social sciences*. TS, n. 50, 1989.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Pref. de Fábio Ulhôa Coelho. Trad. de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PIMENTEL, F. *Codicia, resistencia y proyecto alternativo*. Un acercamiento socio-lingüístico y actualizante a la Carta de Santiago. *Revista de Interpretación Bíblica Latino-Americana*, Quito, v. 31, n. 3, p. 68-85, 1998. Disponível em: <<https://www.claiweb.org/images/riblas/pdf/31.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

PINTO, C. O. *Foco e desenvolvimento do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008.

PINTO, E. P. (Org). *O Português do Brasil – textos críticos e teóricos*, I - 1820/1920, II - 1920-1945, fontes para a teoria e a história. São Paulo: EDUSP, 1978.

PIXLEY, J. *Tiago e a Igreja de Jerusalém*. RIBLA, Petrópolis, Vozes, n. 22, p. 127-146, 1995.

REICKE, B. *The epistles of James, Peter and Jude*. USA: Doubleday & Company Inc., 1964.

REIMER, H.; REIMER, I. R. *Cuidado com as pessoas empobrecidas na tradição bíblica*. Estudos de Religião, v. 25, n. 40, p. 181-197, jan./jun. 2011. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/2376/2560>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

REIMER, I. R. (Org.). *Economia no mundo bíblico: enfoques sociais, históricos e teológicos*. São Leopoldo: CEBI; Sinodal, 2006.

RENDALL, G. H. *The epistle of James and judaic Christianity*. Cambridge: University Press, 1927.

RICOEUR, P. *A hermenêutica bíblica*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

_____. *O conflito das interpretações: ensaios da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

ROCHER, G. *Sociologia Geral 1*. Trad. de Ana Ravara. Lisboa: Editorial Presença, 1971.

ROPES, J. H. *A critical and exegetical commentary on the epistle of St. James*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1916.

_____. *A critical and exegetical commentary on the epistle of St. James*. New York, T. & T. Clark, 1991.

SANCHES, M. A. *Bioética: ciência e transcendência*. São Paulo: Loyola, 2004.

SCHNELLE, U. *Introdução à exegese do Novo Testamento*. Trad. de Werner Fuchs. São Paulo: Loyola, 2004.

SCHOTTROFF, L.; SCHROER, S.; WACKER, M. *Exegese feminista: resultados de pesquisas bíblicas a partir da perspectiva de mulheres*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI; São Paulo: ASTE, 2008.

SILVA, C. M. D. *Metodologia de exegese bíblica*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

STAGG, F. *Teología del Nuevo Testamento*. Casa Bautista, 1976.

STAMBAUGH, J.; BALCH, D. L. *O Novo Testamento em seu ambiente social*. São Paulo: Paulus, 1996.

TAMEZ, E. *Elementos bíblicos que iluminan el camino dela comunidad cristiana: un ejercicio hermenéutico de la carta de Santiago*. RIBLA, Petrópolis, Vozes, n. 1, p. 53-59, 1988.

_____. *Santiago: lectura latinoamericana de la epístola*. San José: DEI, 1985.

THEISSEN, G. *Sociologia do movimento de Jesus*. São Paulo: Sinodal/Vozes, 1989.

VAAGE, L. *Cuídate la boca: la palabra indicada, una subjetividad alternativa y la formación social de los primeros cristianos según Santiago 3,1-4,17*. Revista de Interpretación Bíblica Latino-Americana, Quito, v. 31, n. 3, p. 110-121, 1998. Disponível em: <<https://www.claiweb.org/images/riblas/pdf/31.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

VOUGA, F. A. *A carta de Tiago*. São Paulo: Loyola, 1996.

WATSON, D. F. *James 2 in light of Greco romans hemes of argumentation*. New Testament Studies, v. 39, n. 1, p. 94-121, 1993.

WEGNER, U. *A leitura bíblica por meio do método sociológico*. Mosaicos da Bíblia, CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação, São Paulo, n. 12, out./dez. 1993.

_____. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*: São Leopoldo, RS: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2002.